



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

FELTE BEZERRA: UM QUARTEL DE ATIVIDADES LÍTERO- CIENTÍFICAS

Anna Karla de Melo e Silva

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

FELTE BEZERRA: UM QUARTEL DE ATIVIDADES LÍTERO- CIENTÍFICAS

Anna Karla de Melo e Silva

Texto de Defesa apresentado à Banca Examinadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial de avaliação, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora : Prof^ª Dr^ª Josefa Eliana Souza

Linha: História, Sociedade e Pensamento Educacional

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

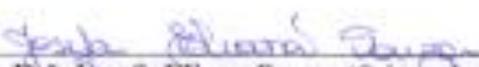


ANNA KARLA MELO E SILVA

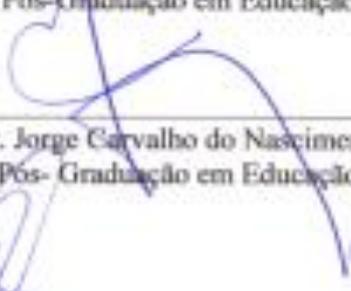
FELTE BEZERRA (1933-1958) UM QUARTEL DE ATIVIDADES LÍTERO-
CIENTÍFICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca
Examinadora.

Aprovada em: 27.03. 2014



Prof. Dr. Josefa Eliana Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS)



Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS)



Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato
Universidade Tiradentes (UNIT)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014

**Dedico este texto à minha mãe, Maria de Fátima, uma apaixonada por
“Biografias”**

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final de uma jornada árdua e prazerosa, que foram os dois anos do Mestrado em Educação, sinto-me feliz em poder agradecer! Agradeço primeiramente à Deus e a Nossa Senhora, meus protetores, meus pais celestiais, a que devo minha força, discernimento e perseverança. À minha orientadora, a Profa. Dra. Josefa Eliana Souza, ser humano fantástico, possuidora de uma grandeza intelectual e uma grandeza de alma. Além de suas contribuições referentes ao texto, faz jus ao título de orientadora, conduz o seu orientando a caminhar, se encontrar, “ouvir” as suas fontes e conseqüentemente escolher alguns caminhos. “Disciplina é liberdade”. Obrigada pela confiança de sempre, obrigada por tudo! À Professora Beatriz Góis Dantas pelo incentivo ao meu objeto (grande pesquisadora de Felte Bezerra) e pelas ricas contribuições quando gentilmente aceitou participar da minha primeira banca em Seminário de Pesquisa. Ao membro interno da minha banca, o Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, que tive a honra de ser aluna e a felicidade de tê-lo em minhas bancas de Qualificação, que sem dúvida redirecionou a minha escrita, e a de Defesa, contribuindo para o lapidar dos últimos desfechos, fechando com chave de ouro o meu ciclo. Ao membro externo, o Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato, que conheci em bancas de amigos, onde chamou-me a atenção por sua leitura atenta, suas contribuições pertinentes e sugestões construtivas, o meu também, muito obrigada.

Aos parentes de Felte Bezerra que foram tão gentis nas entrevistas. O sobrinho de Felte, Gélvio Albuquerque Bezerra que abriu as portas da sua casa e fez questão de frisar: “Fique a vontade professora, em minha casa só recebo amigos!” Obrigada Gélvio, suas contribuições foram fundamentais para o desenrolar e para a (re)construção da história do seu tio Felte. E a Suzana, filha de Felte, que tive a sorte de encontrá-la por duas vezes aqui em Aracaju, já que ela reside no Rio de Janeiro. Sempre receptiva e disposta a contribuir, fosse por telefone, emails ou encontros pessoais. Receba o meu carinho e a minha gratidão. À vocês muito obrigada.

Agradeço aos meus pais que literalmente fazem tudo por mim! À mainha, Maria de Fátima, que construiu em mim a ideia de que sem Educação não haveria progresso. Hoje entendo sua paixão por Biografias, agora somos duas! Saudades eternas. Amo-te com minha alma. À painho, Erivaldo Silva, figura em que sempre me espelhei, intelectual nato, de fala e escrita fáceis. O seu amor incomensurável e o orgulho que depreendia-se do seu olhar ao ver-me Mestra, foi a minha principal motivação! Te amo!

Ao meu filho, Carlos Eduardo, meu companheiro de todas as horas, a razão de todos os meus esforços, menino lindo, inteligente, que tinha a capacidade ingênua de me fazer sorrir quando depois de muito ouvir “ meu filho, mainha está estudando!” vinha-me entregar escrito num papel: Te amo mainha, Ass: Cadu BEZERRA. Mamãe te ama Du! Beijos!

Ao meu querido amigo Murilo, um anjo! Levou-me às portas do Mestrado. Construiu comigo meu currículo. Sempre altruísta, disposto a discutir as leituras, levando-me a compreensão do “novo” e abrindo meus horizontes para terrenos inimagináveis, muitas vezes me tirando da ignorância. Tão bondoso, um sujeito singular, um verdadeiro *gentleman*! Sem você o sonho do Mestrado não seria possível, não se tornaria realidade. Te adoro!

Agradeço às minhas colegas do Mestrado, Simone, Amanda, Ellen, Laís, Isabel, Elaine e principalmente Carmen, sempre tão bondosa, lembrando-me de datas, eventos, reuniões. Com você, Carmen, o corre-corre e as exigências de prazos, fichamentos, artigos, tornaram-se mais leves! Obrigada a todas!

Agradeço ao apoio incondicional das minhas três tias-mães: Tia Rá, Tia Lú e Tia Sandrinha e da minha avó Conceição! Entendendo minhas ausências, rezando e torcendo verdadeiramente pelo meu sucesso! Principalmente Tia Sandrinha, que tanto aluguei com assuntos do Mestrado. Valeu!

À Arthurzinho, meu irmão, docíssimo e preocupado com minha integridade emocional, fazendo-me refletir sobre a importância de crescer com menos stress. E a Mônica, minha cunhada, com sua personalidade objetiva e positiva acreditando na minha capacidade de cumprir qualquer etapa do mestrado com facilidade. Beijos, amo vocês, principalmente por me presentarem com meus lindos sobrinhos, Nina e Felipe que me arrancam sorrisos em quaisquer circunstâncias.

E, finalmente, agradeço às minhas primas-irmãs. Mary, que além de suas valiosas ajudas na formatação, paginação e dicas sobre normas da ABNT, ainda proporcionava-me convidativos jantares, em noites de leitura e escrita ferrenhas. À Aurinha, que mesmo morando noutro Estado, não dispensava o DDD, para ouvir e compartilhar as descobertas e lacunas de minha pesquisa. E à Sandrinha, sempre me incentivando à integração da ginástica intelectual com a atividade corporal. As nossas conversas nas madrugadas dispensavam qualquer cafezinho, Rs! Amo vocês!

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a escrita desse texto.

RESUMO

Nenhum homem está morto até que tenha morrido o último homem que o conheceu (Jorge Luís Borges) Felte Bezerra é um desses homens que se eternizou pela escrita de si, pela memória de seus contemporâneos que dividiram implícitos de sua trajetória em Sergipe e no Rio de Janeiro; pela narrativa do historiador que o pesquise. Nesse sentido, a escritura desta narrativa objetivou construir a trajetória do professor sergipano Felte Bezerra e suas contribuições para o Ensino Superior de Sergipe. Contá-lo sem incorrer na ilusão biográfica de Bourdieu nos fez mergulhar nas concepções do Paradigma Indiciário de Ginzburg, sendo possível identificar uma pluralidade de fatos e ações que rompem com uma perspectiva de linearidade e de cronologia perfeita. Foi preciso então olhar para além dos ombros deste intelectual e com Chartier construir representações do mosaico que foi a vida de Felte Bezerra. O suporte no diálogo estabelecido com Borges nos fez compreender que a retomada da curta duração de uma vida, abre as múltiplas possibilidades do homem no contexto. Também, por um mergulho sem chão, na história oral desvendamos “o não revelado”, os implícitos da alma”, “o conto do homem pela memória do outro”. Assim, na partitura do texto o aspecto multidimensional do homem aparece no primeiro capítulo por, contraposições e confluências, entre o desejo explícito de Felte Bezerra de ser lembrado para eternidade através dos seus registros autobiográficos (do berço ao túmulo) e os registros das memórias tomadas em a32\entrevistas que foram desenhando aspectos da sua vida privada (“tirania da intimidade”) e no segundo capítulo um olhar centrado nas ações e contribuições desse homem para o Ensino Superior em Sergipe. Desta forma, o fio que teceu a biografia de Felte Bezerra demonstrou o quanto o homem público e privado se misturam ao professor antropólogo.

Palavras-chave: Felte Bezerra. Biografia. Memória. História. Ensino Superior em Sergipe.

ABSTRACT

No man is dead until that the last man who knew him has died. (Jorge Luis Borges) Felte Bezerra is one of those men who immortalized himself by writing, by the memory of his contemporaries who shared his trajectory implicit in Sergipe and Rio de Janeiro; by the narrative of the historian that search about him. In this way, the writing of this narrative aimed to build the trajectory of Sergipe teacher Felte Bezerra and his contributions to the Higher Education of Sergipe. Tell it without incurring the biographical illusion of Bourdieu made us dive into the conceptions of Evidential Paradigm of Ginzburg, being able to identify a plurality of events and actions that break with the prospect of perfect linearity and chronology. It was then necessary to look beyond the shoulders of this intellectual and with Chartier it was possible to construct representations of the mosaic that was the life of Felte Bezerra. The dialogue with Borges made us understand that the resumption of a short life opens multiple possibilities in the context of man. Also, for a floorless diving, oral history unveil the "undisclosed", the "implicit soul", "the tale of man counted by another memory". Thus, the multidimensional aspect of the man appears in the first chapter by contrasts and confluences between the explicit desire of Felte Bezerra to be remembered for eternity through their autobiographical records (cradle to grave) and records of his memories made in interviews that pattern aspects of his private life ("tyranny of intimacy") and in the second chapter a centered look at the actions and contributions of this man for Higher Education in Sergipe. Thus, the thread that wove the biography of Felte Bezerra demonstrated how the public and private man blends to the anthropologist Professor.

Keywords: Felte Bezerra. Biography. Memory. History. Higher Education in Sergipe.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Disciplinas Lecionadas por Felte Bezerra na FCFSe -----	60
Quadro 2 Obras de Felte Bezerra de 1972 a 1988 -----	67
Quadro 3 Distribuição das disciplinas do curso de Geografia e História -----	71
Quadro 4 Programa de Ensino do 1º Semestre do Ano de 1953 da Disciplina Etnografia do Brasil-----	74
Quadro 5 Relação de frequência, média de estágios e 1ª nota parcial -----	76
Quadro 6 Pontos Lecionados da disciplina Etnografia do Brasil 1953 -----	77
Quadro 7 Relação dos pontos sorteados para primeira prova parcial da disciplina Etnografia do Brasil -----	79
Quadro 8 Relação dos pontos de Etnografia do Brasil para segunda prova parcial ----	81
Quadro 9 Relação de média de estágios e 2ª nota parcial da disciplina Etnografia do Brasil-----	82
Quadro 10 Registro de matéria ministrada por Felte Bezerra no 1º semestre do ano de 1954 - disciplina- Etnografia do Brasil -----	85
Quadro 11 Relação dos pontos para a primeira prova parcial – primeiro semestre de 1954 – Etnografia do Brasil -----	88
Quadro 12 Boletim da primeira prova parcial de Etnografia do Brasil de 1954 -----	89
Quadro 13- Programa da disciplina Etnografia do Brasil 1955 -----	91
Quadro 14- Registro dos conteúdos nas cadernetas do 1ºs e 2ºs semestres - Etnografia do Brasil- 1956 - 3ª série -----	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	10
1- FELTE BEZERRA - ENTRE O ESPELHO DO AUTORRETRATO E A PINTURA DAS MEMÓRIAS-----	28
2- AS CONTRIBUIÇÕES DE FELTE BEZERRA PARA O ENSINO SUPERIOR EM SERGIPE-----	59
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	98
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	102
5- ANEXOS -----	108

INTRODUÇÃO

O que há de mais envolvente e dialógico na escrita historiográfica que as narrativas e os desafios modernos postos pela biografia? A resistência das tradições teórico-metodológicas e as adjetivações periféricas lançadas à classificação do estudo biográfico, numa tentativa de lançá-lo a uma condição historiográfica “menor”, não resistiu às aberturas e paixões que seduziram e seduzem os historiadores atuais.

As aberturas iniciadas no movimentos dos *Annales* hoje já se consolidam e se consagram pela chamada Nova História Cultural Francesa. Os homens, não poderiam ser esquecidos em suas condições e olhares individualizados como meros fragmentos que em nada esclarecem ou explicam as dimensões coletivas, sociais. Estiveram ainda sob a pena da linearidade, ficando a História fora dele, lançados aos grandes fatos e conquistas e nunca as dimensões das suas trajetórias e figurações com o outro.

A hagiografia que rompeu os muros dos mosteiros, transformou generais, papas, políticos em semi-deuses, santos homens pelas conquistas em guerras, pelas ações de promoção à paz das nações, pela gestão magnífica de um país. Esqueceram apenas que essas dimensões acontecem e entrecruzam as histórias de vida de cada homem.

Não é a condição do efeito à causa combatida por Bourdieu (1986) na ilusão biográfica, tampouco a linearidade que leva qualquer homem do berço ao túmulo, mas e sobretudo, as relações que se revelam para além dos seus ombros numa oscilação magnífica de atos e fatos presentes em todas as vidas. Conscientes ou inconscientes, suas ações sociais, individuais e coletivas interferem no percurso da história e na formação dos atos.

Essas rupturas nos foram permitidas já com as aberturas promovidas em 1994, pelo fervor teórico-metodológico que acompanhou o historiador sergipano Jorge Carvalho do Nascimento, ao trazer-nos os princípios que sustentaram os veios da História Cultural e a possibilidade de reconfigurar as dimensões de fontes e objetos históricos. Venciam-se as tradições de um marxismo preso apenas as superestruturas.

Mergulhados nessa perspectiva, as nossas acepções de escolha e análise de objetos levaram-nos ao microcosmo da História da Educação Superior em Sergipe. Nos transcurso das nossas lentes o professor de Etnografia do Brasil Felte Bezerra. Não apresentá-lo seria um crime, como apresentá-lo um desafio para além do meu fôlego.

Não optei por deixá-lo sob a poeira dos arquivos, se bem que a maior parte desse tecido opaco já havia sido retirado pela antropóloga sergipana Beatriz Góes Dantas e

pela historiadora Verônica M.M. Nunes, com a publicação do livro “Destinatário: Felte Bezerra, em 2009. Coloquei-me sob a égide desse intelectual/professor que não deveria ficar de fora dos estudos que compõem o mestrado em educação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGD), da Universidade Federal de Sergipe. No nosso caminho a primeira fonte e o grande desafio. Felte Bezerra deixou escrito a punho a sua Autobiografia e com ela a conotação de como queria ser eternizado.

Usando as metodologias de análises presentes no livro “Intelectuais da Educação (2007)” de Jorge Carvalho do Nascimento e a dissertação intitulada “Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano (2003)”, de autoria de Josefa Eliana Souza, elencamos os critérios de análises e construção da narrativa sobre a trajetória de vida de Felte Bezerra.

Felte Bezerra nasceu em Aracaju no natal de 1908 e faleceu no Rio de Janeiro de 1990. Foi por meio desse recorte, entre as histórias de vida desse professor intelectual que apresentamos as várias facetas da sua trajetória, ressaltando suas contribuições para o cenário educacional sergipano do século XX.

O título escolhido para essa narrativa revela duas dimensões. A primeira foi a utilização da metáfora impetrada pelo personagem para intitular a sua autonarração representativa. A segunda foi transformá-la em fonte primeira de crítica e hermenêutica. O sentido figurativo eleito por Felte Bezerra sobre o quartel (25 anos) de suas atividades, como ele próprio intitula, lítero-científicas obedeceu a um marco por ele estabelecido entre 1933 a 1958, o que corresponde ao ingresso na vida acadêmica ao encerramento de sua vida em sua terra natal, Aracaju. Aqui, rompemos com qualquer marco. Transitamos pelos eventos da vida pública e privada de Felte Bezerra.

Desse modo, elencamos para estruturação dessa pesquisa os seguintes objetivos: no primeiro momento apresentar os confrontos existentes entre os relatos autobiográficos de Felte Bezerra e os bastidores dessa história. No segundo momento, dar a conhecer a trajetória profissional de Felte Bezerra como professor do Ensino Superior com ênfase na história da Disciplina Etnografia do Brasil, que ele deixou como legado no Sergipe novecentista.

O trato com materiais autobiográficos, depoimentos de familiares e com a relação entre documentos como impressos jornalísticos, publicações em revistas, artigos, cadernetas de ensino, dentre outros, exige do pesquisador uma cautela descritiva e atenção ao discurso já estabelecido, sobre o histórico, posicionamentos de autores e suas categorias, como também um articulado estado da arte do fazer biográfico.

A biografia é uma abordagem utilizada desde o medievo até a contemporaneidade como reflexo de uma cultura, de uma sociedade, de uma forma específica de concepção de mundo. Portanto, conhecer os paradigmas biográficos é necessariamente compreendê-los; não questioná-los. Negar toda e qualquer concepção histórica denota na ausência à compreensão de seu contexto global. Seguindo essa linha de pensamento, Peter Burke considera que “os historiadores ficam desconectados quando manuseiam esses textos do passado, mas certamente deveriam evitar e nem sempre evitaram, a tentação de desprezar seus autores como incompetentes.” (BURKE, 2005, p.2.)

No período medieval a concepção biográfica estava alicerçada na narrativa de fatos coletivos. Nessa época, a história cotidiana descrita era utilizada como meio de regra de boa ou má conduta, isto é, a História de uma vida precisava necessariamente servir de exemplo para toda uma sociedade. Adjetivada como clássica a biografia nesse momento, servia ao veio político. Aspectos da ética, da moral e dos bons costumes, sobrepunham-se aos critérios dos valores intrínsecos ao indivíduo. O desprezo pelas singularidades dava-se pelos alçamentos de tomar os valores como exemplos a serem seguidos, período de santificação, divinização dos mortais.

Embora tenha havido uma “revolta aos medievalistas”, em outros termos, uma cobrança a falta do elemento individual nas escritas biográficas desse período, ela figurou a representação de um tempo e é digna de nota, porém o que não devemos confundir é o valor histórico atribuído às características da biografia clássica com o seu possível retorno. A retomada então dos estudos biográficos acompanharam os cuidados de não se limitar as construções psicológicas do personagem, tampouco desenvolvê-lo numa linearidade perfeita. Esses cuidados não retiram das “novas” narrativas uma formatação histórica que tome também as conquistas para fora da singularidade. São aspectos que estão no entorno dos homens e não devem ser desprezados.

Percebe-se, portanto, que no mundo antigo a visão político-social de fazer História divergia do propósito de narrar a história de um personagem. A biografia neste sentido era predominantemente burguesa, servidora da elite política e do clero.

Já no Renascimento, a história preocupava-se em relatar a vida do indivíduo singular, no sentido de relevar a magnitude do biografado. Por ser um período que privilegiava a História Política dos fatos e feitos importantes, a biografia apareceu nesse contexto através de escritos de cunho laudatório, dos homens ditos heróis e de textos altamente anedotários.

A camuflagem do personagem, sua vida reta sempre retratada em condição admirável, era uma forte característica renascentista. Embora rompendo com o aspecto muitas vezes ficcional representado pela biografia medievalista e neste momento buscando a “individualidade” do sujeito, sua condição de vida, sua trajetória de ascensão e representatividade social aproximava, de certo modo, a abordagem biográfica da História.

Um fato interessante desse período era a reprodução de discursos no que chamaríamos hoje de “copiar” e “colar”. Nas reflexões inferidas por Burke, ele afirma que “O que mais desconserta o leitor é que esses textos estão repletos de *topoi*, anedotas sobre uma pessoa já contadas sobre outras pessoas” (BURKE, 2005,p.1.). O trivial das personalidades falsificadas correspondia à função biográfica desse período, bem como a desestruturação das descrições de vida de um indivíduo. A recorrente desorganização textual, com objetivos voltados para aparência e passagens irrelevantes representou um marco na era renascentista e nos escritos de sua época.

A Idade Moderna foi um período caracterizado por profundas modificações. Alguns autores consideram que esse período representou “o retorno à biografia” por ser um momento em que as ciências humanas se abriram para as vivências e subjetividades presentes na sociedade, redescobre-se, repensa-se o fazer biográfico.

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares. (SCHIMIDT, 1997, p.3.)

Em contrapartida, outros pesquisadores afirmam que nunca deixaram de existir biografias, portanto não há retorno; o que há está convencionado em um novo modelo, em novas características de historiografia biográfica. Para Borges (2006), não há retorno, mas uma ruptura com as formas tradicionais de narrar as histórias de vida. As novas escrituras passariam a respeitar as dimensões de movimentos do ser e levantaria sempre as incertezas históricas sobre as verdades absolutas.

A concepção de Borges (2006) sobre “biografias” nos faz perceber o exímio sentimento que essa autora atribui ao biógrafo contemporâneo, que se utiliza de temas,

que revela as nuances encontradas na trajetória de seu biografado, “[...] desde um rápido (ou não) percurso pela vida do biografado [...] até o tipo mais ambicioso, como ‘um mergulho na alma’ do biografado (em geral narrado sob forma temática)”. De uma ou outra forma as considerações individualizadas não podem desprezar os princípios coletivos da inserção social destas singularidades. Nada ocorre fora de uma dimensão figurada das redes que envolvem os homens. Felte Bezerra não foi exceção e não escapou das articulações que envolveram as figurações da época em que viveu.

Os ensinamentos de Bourdieu (1996) e sua *Ilusão Biográfica* revelam que a biografia de um sujeito costuma reproduzir um traço linear do que foi incorporado por aculturação ao longo dos tempos como uma visão de sequência biológica, isto é, fomos acostumados a visualizar ou a criar uma forma de representar, através de uma reconstituição da memória, um modelo padrão de vida dos sujeitos. Contudo, vale ressaltar, que qualquer representação de vida realizada a *posteriori*, tem por excelência uma pressuposição irreal e uma ordenação forçada dos fatos outrora vividos. A vida de todo indivíduo segue de maneira aleatória, pois jamais existiu uma planilha que definisse cronologicamente os percursos e escolhas que esse sujeito devesse tomar.

Entretanto, ordenar acontecimentos da vida ou a trajetória de um sujeito significa plagiar os ritos oficiais ou transcrever uma inverdade estabelecida pelo *habitus*. Seria ainda, entender o indivíduo dentro de um enquadramento específico de perfil, sabendo nós, que o indivíduo representa a aglutinação de suas tantas características (o homem, o pai, o professor, o diretor etc.) e para não fragmentar o ator social nem copiar os ditames de uma cultura acomodada, precisamos romper com esse tipo de formato e mergulhar nos meandros das histórias íntimas dos familiares do biografado, sobretudo por destacar a *lógica da confiança* (o ato de selecionar e ordenar a história da própria vida, obscurecendo fatos por questões de foro privado que são relegados ao “esquecimento”).

Por fim, a armadilha das leis da biografia oficial, que se impõe cada vez mais através de dois vieses, o primeiro por pesquisadores desavisados que não se dão conta do formato singular que caracterizam os sujeitos e o segundo pela própria “produção de si” de relatos autobiográficos que representam uma série de intencionalidades, sobretudo, por meio da repercussão que tais informações podem causar em suas publicações; todos esses empecilhos podem ser burlados pela compreensão dos sujeitos através dos espaços sociais que esse indivíduo ocupou, pela movimentação da ação dos

sujeitos, por seus deslocamentos de campo numa relação correspondente entre o sentido e o valor.

Esses ensinamentos conduziram a nossa pena a não trazer Felte Bezerra sem percebê-lo nessas oscilações que são comuns na vida dos homens e retiram-no da dimensão vida e morte, numa linha perfeita de acontecimentos e fatos que não consideram as suas singularidades. A necessidade foi de aplicação dos princípios da individualidade e, tirando-o da sua cápsula do “eu”, encontrá-lo nas dimensões das sociedades de Sergipe e do Rio de Janeiro. Ao voltar as variações das lentes a necessidade de diversificação das fontes. O trato com essas fontes obedeceu às operações de análise e síntese do método histórico, que está compreendida em quatro combinações sistemáticas: a heurística ou processo de seleção das fontes de informação para pesquisa, as críticas interna e externa, avaliando a validade ou não das versões contraditórias e a fidedignidade da fonte e a hermenêutica que se refere à interpretação dos documentos, em termos de saber em que medida as informações fornecidas pelos documentos responde ou não a questões inicialmente levantadas.

A biografia histórica representa uma narrativa na qual os elementos nela contida encontram-se fincados numa prova histórica. Contrária à concepção puramente literária ou jornalística, que tem por natureza uma narrativa ficcional ou desvinculada da representação do vivido, a biografia histórica se pretende verossímil e, por isso, o pesquisador que penetra nesse universo busca por meio das fontes encontradas, construir sua trama histórica, articulada a sua capacidade de apropriação dos vestígios encontrados que dizem respeito ao seu biografado com a arte da persuasão ao descrever essa história. Esse poder de convencimento está diretamente relacionado à condição leve, fluente, interessante de retratar a história do sujeito, pois

[...] o discurso histórico não difere muito, do literário. A relação entre as duas disciplinas não são nem hierárquica, nem diretas. Ou seja, no seu significante o texto de história é um produto, submetido às condições sociais, culturais e econômicas de sua produção. O autor, por sua vez, lhe dá o “sopro gerador” enquanto o leitor, o ressignifica. Com a diferença, que o sopro gerador que lhe insufla o historiador passa por uma série de regras do ofício: a pesquisa documental, a crítica interna e externa da documentação, a interpretação das informações trazidas pelas fontes, o diálogo com os especialistas do assunto, a inclusão de notas e referências, e, finalmente, o preenchimento de uma lacuna. Ou seja, como a literatura, a história é, também, um processo vivo de produção, circulação e consumo de discursos. Como o romance, a história conta. E contando, ela explica. Como romance, a história escolhe, seleciona, simplifica, organiza, reduz um século a uma página. A diferença, sublinha Paul Veyne, é

que a “ história é um romance; mas um romance de verdade” [...] (PRIORE, 2009, p.14)

Desse modo, buscamos em acervos como o Museu do Homem Sergipano, o qual nos deparamos com a “Coleção de Felte Bezerra” cedida por Elza Resende Bezerra, viúva do professor em questão, no ano de 1996, (Dantas, Nunes, 2009, p. 26), encontramos a autobiografia de Felte Bezerra, manuscrita, como também o caderno em que esse professor selecionava recortes de jornais de maneira cronológica sobre matérias escritas por ele ou sobre ele. Há ainda os livros que Felte Bezerra adquiriu a partir da sua mudança para o Rio de Janeiro, em 1960. Cabe considerar que nos soou curioso e instigador mergulhar na história desse personagem que se quis intelectual, que buscou sua rede de sociabilidade e que meticulosamente organizou a sua memória para posteridade.

As relações com as fontes nos colocaram numa dimensão de dúvida permanente em nossa narrativa. No primeiro capítulo, a autobiografia é o primeiro pano de fundo da nossa construção numa tentativa de análise dessa escrita de si, em que Felte Bezerra pinta seu autorretrato. Sua tela foi desenhada do berço ao túmulo e precisávamos reconfigurá-la nas multidimensões heurísticas e de cruzamento com outras fontes, como as impressas e as memórias. Foi neste sentido que a indagação se construiu. Como apresentar as análises feitas sobre a Autobiografia sem apresentá-la ao leitor. Assim, resolvemos trazer traços da sua escrita e organização previamente, sem transcrevê-la, mas situando o leitor que não teve acesso a essa fonte.

Felte Bezerra resolveu escrever sobre a história da sua vida, aos 80 anos, residindo no Rio de Janeiro e reconfigurando e reestruturando suas memórias e a forma de escrevê-las. Foi um olhar do presente sobre o passado e nisso residiu a necessidade principal de contrapor os fatos pela dimensão de outras fontes.

Sua biografia segue uma perspectiva linear. Traz a infância pobre, a morte da mãe aos seis anos de idade. O pai foi o seu grande exemplo e por ele toda a condução de sua formação primária e secundária. O Colégio Tobias Barreto foi apresentado como lócus de formação inicial, até o fim do secundário. As condições financeiras de menino e adolescente pobre são postas, a partir das justificativas do pai professor de poucos recursos.

Em ato contínuo sua profissionalização. Escriturário comercial, bancário e, após seu acesso ao ensino superior, sua formação em odontologia, malgrado o desejo por

Medicina que não pode financiar. A frustração com a odontologia o conduz ao que tornaria a sua grande paixão, o magistério. De professor contratado de inglês a catedrático concursado de Geografia no Colégio de Sergipe, Felte Bezerra terá a sua grande realização no magistério superior como fundador e professor das disciplinas de Etnografia e Etnologia. Em 1950, antes desse ingresso na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, sua mais conhecida e valiosa obra “Etnias Sergipanas”.

Casou-se com Elza Rezende Leite e, junto a sua família, assumiu a gerência, por 17 anos, do Banco Rezende Leite S/A. Alegando oportunidade de negócios por convite de um empresário sergipano, muda-se para o Rio de Janeiro em 06 de fevereiro de 1960, pondo fim a sua vivência em terras sergipanas. Deixa tudo para trás, amigos, o magistério, o banco, os familiares, dentre outros, e vive a dor e o arrependimento da decisão. Falece em 1990, encerrando a sua trajetória e deixando a eternização de seus ensinamentos.

Por entender que a vida não segue um percurso sem oscilações e querendo perceber a aridez e os entornos de quem com ele viveu em confluência e conflito, tomamos por análise seus escritos, o que inaugura o primeiro capítulo. Seguimos os ensinamentos de Maria Rita de Almeida Toledo (1995) que adverte o seu leitor para a existência do que felizmente intitula de “mãos invisíveis”, ou seja, o alerta absoluto que o pesquisador precisa atentar-se ao perquirir fontes prontas, montadas ao sabor do objeto pesquisado. Sabemos que todo ato humano está necessariamente vinculado a intencionalidades, sendo assim, apresentaremos nesse estudo os olhares do professor Felte Bezerra e em contrapartida as nossas apreciações fruto de investigações encontradas nos arredores do seu veio privado.

Há ainda no Museu do Homem Sergipano parte da produção intelectual de Felte Bezerra, as Revistas da Academia Sergipana de Letras a qual esse intelectual era membro, com uma diversidade de matérias publicadas, discursos de homenagem e uma diversidade de fontes iconográficas sobre o personagem em questão e referente às instituições em que atuou como professor.

No Arquivo Central da Universidade Federal da Sergipe, encontramos as cadernetas de Felte Bezerra dentro da temporalidade compreendida (1951 a 1959), Atas de Exames de suficiência, Atas de exames finais, Atas de provas parciais, de Exames de segunda época, Ata Geral do concurso de habilitação, boletins como também, Guia de recolhimento da FCFSe, Encargos sociais, folha de pagamento da FCFSe, dentre outras.

No Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe há os impressos jornalísticos produzidos por Felte Bezerra, bem como foram encontrados impressos que não faziam parte da seleção de impressos desse autor no caderno em cima mencionado. Foi interessante perceber também, as respostas, os confrontos, as trocas de “mensagens”, implícitas através de outros escritores de jornais para com Felte Bezerra. Os principais impressos utilizados para a escrita desta dissertação foram os Jornais: *O Nordeste, Diário de Sergipe*”, *A Cruzada, Diário Oficial, Correio de Aracaju, Sergipe Jornal, como jornais de outros Estados - o Jornal de Alagôas, A Gazeta - São Paulo, Jornal do Comércio*. Encontramos ainda, fotos, discursos presentes em Atas de Felte Bezerra como diretor do IHGSE, cartas, convites, revistas dentre outras.

No Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (CECH/UFS) encontramos fontes referentes à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Por fim, utilizamos os mecanismos da história oral através de entrevistas com familiares de Felte Bezerra, contemporâneos e pesquisadores como tentativa de interpretação da descrição memorável de uma realidade pretérita. Tivemos como intuito primordial o confronto das fontes para o desenvolvimento de uma escrita verossimilhante ao tempo vivido por Felte Bezerra contemplando as tensões, contradições e complexidades desse sujeito aqui estudado.

Utilizamos o método histórico de pesquisa através da análise documental e bibliográfica. Trilhamos pelo veio de análise da História Cultural. Desta forma, foi possível eleger como objeto de estudo um microtema da história da educação sergipana. Segundo Lynn Hunt(1992) a nova história cultural francesa pode ser melhor compreendida através da realização de uma retomada histórica sobre os diferentes paradigmas, ou melhor, por meio das adjetivações incorporadas ao termo História ao longo dos tempos. Da superação da História Política, entendendo-se aqui como a descrição de grandes fatos e grandes homens, passando pela História Social, até a História Total, que se queria legítima através de estudos que valorizavam o gênero, as perspectivas geográficas, a estrutura, a longa duração, as cronologias, o método crítico, ocorreram avanços significativos, sobretudo pelo alargamento das concepções de fonte e objeto.

Tratando-se de Ciência e de sua efemeridade, as necessidades e as inovações no campo historiográfico revelaram-se devedora de estudos que enquadrassem as minorias, a parte, o singular, o indivíduo, nesse momento a História Social precisava aliar-se às

ciências antropológicas a fim de estudar a Cultura. A aproximação da Nova História Cultural com as contribuições mais contundentes da Antropologia e da Literatura (ciência que tem como objeto a linguagem), complexificou e ao mesmo tempo fragilizou as características da matriz historicizante.

Deste modo, Hunt (1992), sugeriu aos historiadores aliarem-se à corrente, ou correntes que oferecessem argumentos convincentes à sua pesquisa. Entretanto, problematizou, apontando a condição transhistórica como necessária ao processo de fazer história. Entender o objeto de pesquisa nas condições do social, do político e do cultural, aproxima-o da “verdade” almejada.

Para Peter Burke (2005), a História Cultural caracteriza-se como elemento necessário à produção histórica. Não representa a panacéia dos problemas que envolvem a escrita histórica. E, contudo, ressalta a importância das contribuições pretéritas, isto é, das correntes teóricas que corporificavam a ciência histórica antes do viés cultural. Isso não significa dizer que Burke (2005) concorde com a retomada de um desses pensamentos, pelo contrário, o autor revela não perder de vista as origens, “a história filha de seu tempo”¹ os momentos históricos que afloraram as correntes hoje superadas. Diz-se Historiador Cultural, mergulha, pesquisa, vive esse universo, posiciona-se a favor de uma mesoabordagem compreendida no trânsito entre o macro (história mais próxima da perspectiva social e política) e o micro (a história das culturas, das tradições, crenças, memórias, localidades, etc)

Ao tomarmos a trajetória de Felte Bezerra como objeto de análise, nos debruçamos num referencial teórico que contemplasse o tecer dessa história e, portanto, oferecesse suas categorias em prol da necessidade teórica do desenvolver dessa escrita. Para tanto, encontramos no *Paradigma Indiciário* de Ginzburg, a tentativa de refinar o nosso olhar ao tratamento das fontes históricas eleitas para nossa investigação.

Mesmo que o historiador não possa deixar de se referir, explicita ou implicitamente, as séries de fenômenos comparáveis, a sua estratégia cognoscitiva assim como os seus códigos expressivos permanecem intrinsecamente individualizantes (mesmo que o indivíduo seja um grupo social ou uma sociedade inteira). Nesse sentido, o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do Médico, o

¹ Segundo Febvre, a “história era filha do seu tempo” o que já demonstrava a intenção do grupo de problematizar o próprio “fazer histórico” e a sua capacidade de observar. Cada época elenca novos temas que, no fundo, falam mais das suas inquietações e convicções do que de tempos memoráveis, cuja lógica deve ser descoberta de uma vez só. (BLOCH, 2002, p.7)

conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural.
(GINZBURG, 1990, p. 156-157)

Na construção da escrita do estado da arte reunimos textos que tratavam da história de um sujeito. A seleção consta de produções que distribuimos em três seções: as de âmbito internacionais, nacionais e locais, respectivamente, a fim de não só informar ao leitor que esta dissertação não trata-se de uma ilha em meio as produções científicas mas também apresentar os parâmetros desta escrita, os quais nos apoiamos, sobretudo, atentos aos caminhos teórico-metodológicos, a lógica de uma escrita histórico biográfica, as escolhas e formas de interpretação das fontes utilizadas por cada autor.

Abrimos a primeira seção com a obra *O queijo e os vermes* de Carlo Ginzburg. Nela encontramos a história de um homem comum, de um moleiro chamado Menocchio, que teve à época uma importância inusitada devido as ideias que tinha e que por meio delas acabara surpreendendo e incomodando a elite Friulana Católica. As voltas, as contradições percebidas por Ginzburg através da fonte jurídica que dizia respeito ao julgamento extenso encontrado no arquivo da Cúria Episcopal, conduziu o autor a buscar respostas para tais facetas escorregadias que o moleiro encontrava, ora para burlar os inquisidores, ora para registrar com veemência suas teses, fruto de interpretações singulares, originais, distorcidas dos leituras feitas por ele.

Ginzburg mostrou o ser humano, o homem que foi “igual” a maioria, no trabalho, na vida privada, e o homem ímpar que carregou suas ideias por onde passou, que veio ao mundo para contribuir, para pensar, para contradizer as normas da igreja Católica Apostólica Romana. Foi no seio de uma cultura popular que Ginzburg encontrou e desmistificou a história de um sujeito, revelando que há pérolas no anonimato, abrindo as cortinas do silêncio, da história que estava fadada ao universo da cultura oral, conhecida por habitantes que viveram àquela época e logo não mais seria lembrada. Através dos caminhos percorridos por Ginzburg percebemos ainda o trabalho com os indícios, as especulações amarradas à teias de prova histórica.

Nada foi posto ao acaso. Entender o pensamento de Menocchio, seus mentores intelectuais, o seu contexto social e políticos nos fez mergulhar na história construída por Carlo Ginzburg e utilizar as pistas deixadas por ele para construção de um outro texto de cunho biográfico, a história do professor sergipano Felte Bezerra. Que dada às devidas proporções, não brilha ao lado das figuras ilustres sergipanas, passa ao largo do

cenário histórico Educacional de Aracaju, não se conhece ou se ouve falar popularmente da sua trajetória complexa, de lutas, altos e baixos, desfechos marcantes, de homem que embora esquecido, tenha sido comum ao passo que marcou a vida da mocidade sergipana do século XX. Embebidos pela história de Menocchio, ampliamos os horizontes dessa pesquisa e abrimos os leques das fontes encontradas sobre Felte para problematizar e interpretar a condição do vivido, ampliadas pelas lentes macroscópicas da história oral, por meio de depoimentos de familiares e pesquisadores, o que nos possibilitou uma construção verossimilhante da vida de Felte Bezerra. Como também, nos proporcionou um elo inteligível entre os relatos autobiográficos de Felte e as tensões e contraposições dessas ideias, encontradas ao longo dessa história.

Dentre as obras nacionais caminhamos com Clarice Nunes em seu texto *Anísio Teixeira: A Poesia da Ação*(2000) que nos despertou à necessidade de revelar o porquê de pesquisar Felte Bezerra, de apresentar quem foi esse homem e qual ou quais Personalidade(s) desse personagem acreditamos ser “caro(s)”, em termos de registro historiográfico, para história educacional sergipana. Foi por meio da escrita doce e instigante sobre a vida de Anísio Teixeira que Nunes descreveu, sob duas óticas, a qual intitula de plano existencial e plano da cidadania, o seu biografado. No primeiro plano ela discorreu sobre um foro íntimo onde analisou os sentimentos e as sensações de Anísio, seu universo particular, suas crenças, suas hesitações, sua força e tomadas de decisão. Já no plano da cidadania ela demonstrou um Anísio compenetrado em sua vida social, sua participação nos espaços públicos e seu comportamento perante o meio.

A educação, a consciência e o desejo oscilantes, os planos, o conhecimento, o juguete de poderes, o sonho e as ações, integraram os pilares dessa escrita. Foi possível perceber, sobretudo, como se deu a edificação do pensamento de Anísio e sua forte participação na construção de uma identidade renovadora educacional. Para além da intenção contributiva ao crescimento educacional, evidenciou-se a política forjada em prol da existência de um grupo, ou de um movimento que se queria salvacionista, que se pretendia, através de propostas ditas originais, transformar a realidade da educação brasileira. Embora percebamos que não houve, em sua essência, nada tão novo abaixo do sol, reconhecemos as contribuições do movimento escolanovista, nesse caso, as de Anísio Teixeira, louvando as tentativas de resignificação da Educação Brasileira, da preocupação, além de suas aspirações pessoais, com o progresso educacional do Brasil.

E, reiteradamente nos conectamos com a história de Felte Bezerra. Do Felte que batalhou por seu lugar ao sol, que se quis intelectual, que penetrou nas rodas da alta

sociedade Aracajuana, que ocupou espaços privilegiados no âmbito Educacional e fora dele e que fincou seu nome na história da Antropologia Sergipana, quando se quis especialista no tema. Foi também, inspirados em Nunes, que escrevemos a biografia de Felte Bezerra.

Seguimos nossa análise, imersos continuamente na segunda seção, com Mary Del Priore e sua obra de excelência *Condessa de Barral A paixão do Imperador* (2008). Em Barral aprendemos verdadeiramente o significado da união de história e literatura. Del Priore narra a história da condessa como um romance histórico em que privilegia a estética sem perder de vista a prova histórica. O tecer dessa história nos conduziu a realizar leituras das missivas passivas de Felte Bezerra, visualizando o todo, buscando o momento histórico da escrita, percebendo o “ar subjetivo” delas, as intencionalidades, as discórdias, os recados subliminares.

Ao desenhar a história de uma mulher do século XIX, que teve vez e voz graças a visão moderna e culta de seu pai, que por sua vez ofereceu uma condição feminina ativa, dando-lhe educação de qualidade fora do país e permitindo-lhe que fizesse suas próprias escolhas. Em meio as dificuldades, Luísa, que posteriormente tornou-se a Condessa, conquistou seus espaços, espaços esses promovidos pela figura de seu pai. Devemos aqui registrar a dependência inicial da projeção intelectual de Felte Bezerra sob o auspício de seu pai Abdias Bezerra. Embora Felte se coloque muitas vezes na condição de desbravador de espaços e posições, nossa investigação nos conduziu a respostas distintas. Por longa data as conquistas de Felte Bezerra foram viabilizadas por seu pai e a ocupação de sua profissão no espaço educacional sergipano sofreu forte influência de seu genitor.

Mas a Condessa supera-se, encontra à sua maneira a forma ideal de manter-se forte, vívida, e por detrás da figura de uma “simples” babá dos filhos do Imperador Pedro II, encontra através de um relacionamento extra-conjugal com o mesmo, não só o amor mas o poder de influenciar o posicionamento e o comportamento de seu amado amante. Outra vez, nos reportamos à história de Felte, que realizou um enlace matrimonial com Elza Guilhermino Resende, filha de um importante dono de banco Resende Leite. Tal Enlace permaneceu vivo até o fim de seus dias. Segundo o próprio Felte em declarações descritas em sua autobiografia, Elza foi além de esposa uma companheira e em depoimento de seu sobrinho, Gélvio Albuquerque Bezerra, filho de Floro Bezerra, irmão de Felte, descreveu o casal como “impecável”. Porém, ou ainda assim, Felte alcança uma confortável condição financeira graças ao emprego no Banco

de seu sogro. Em suas palavras revela “ vivia e progredia do que ganhava no banco, mas continuava amando o magistério onde ganhava parcos vinténs”. (BEZERRA, 1988,)

A história da Condessa de Barral nos fez mergulhar no nosso sujeito aqui biografado, no seu entorno circunstancial, nos detalhes, nas características, nas habilidades que tinha e nas artimanhas que possuía.

Ao manipular a autobiografia de Felte Bezerra, entendendo-a como fonte importante para esse texto, lembramos da obra *Minha Vida de Menina* da autora Alice Dayrell, pseudônimo Helena Morley (1998). Esse texto é a reprodução de um diário, o diário de Alice que fora escrito em sua infância por conselho de seu pai. O período documentado abrangeu os anos entre 1893 a 1895 de forma descontínua. E fora publicado pela autora em 1942. As lembranças registradas por “Helena” nos aproximaram das reminiscências de Felte Bezerra, embora haja um distanciamento aparente entre escrever no período em que se vive e escrever posteriormente recobrando fatos e feitos de um momento pretérito.

Assim como nos escritos de “Helena” que encontramos o cotidiano do interior de Diamantina (MG), as histórias que existiam naquele lugar, as dificuldades, os rituais, a cultura do lugar como um todo, pudemos observar certa semelhança nos escritos de Felte Bezerra. Os escritos autobiográficos, assim como o diário, são memórias, são visões particulares de determinado momento histórico, trata-se da compreensão e interpretação pessoal da vida, do meio, da sociedade em que se vive. Com a obra de Morley aguçamos nosso olhar para os indícios de fatos históricos presentes no desenvolver “natural” de uma narrativa sobre si.

Na terceira e última seção aqui estabelecida, trazemos o texto de cunhagem biográfica o qual elegemos como de fundamental importância para a consolidação do *modus operandi* biográfico do estado de Sergipe, tendo em vista que tal gênero necessita ainda ser legitimado como abordagem histórica. Desse modo, apresentamos nesta seção a obra intitulada *Intelectuais da Educação: Sílvio Romero, José Calazans e outros Professores*(2007), de autoria de Jorge Carvalho do Nascimento, que reúne uma coletânea de artigos biográficos de personalidades e/ou, personagens anônimos da história educacional sergipana.

A obra em epígrafe congrega nove textos, esses escritos rompem com a biografia medievalista, com a cronologia, com os aspectos lineares e buscam retratar o indivíduo multifacetado, o sujeito em sua dimensão transhistórica. Dentre os biografados eleitos por esse autor, chama nossa atenção o encabeçamento da sua escrita. Acreditamos que

propositadamente o professor doutor Jorge carvalho do Nascimento apresentou a trajetória de uma personagem feminina do século XIX. Possidônia Maria da Santa Cruz Bragança foi casada com o médico Francisco Alberto de Bragança na cidade de Laranjeiras em 1852.

Tiveram quatro filhos, sendo o primeiro deles do sexo masculino e as demais eram meninas. O primogênito Antônio Militão de Bragança seguiu a profissão de seu pai e tornou-se uma figura ilustre no que correspondia as práticas médicas em Sergipe. E as filhas, Maria Vicência de Bragança e Oliveira, Maria Apolináriade Bragança e Azevedo e Tereza Virgilina de Bragança e Azevedo, trilharam as pegadas de sua mãe, contribuindo para o magistério sergipano. Segundo o autor, Possidônia fora preparada por seu marido à prestar concurso para o ensino oficial de primeiras letras destinado à alunas pobres de Laranjeiras; e sua contribuição para o magistério sergipano fora ainda como fundadora e diretora do Colégio Nossa Senhora Santana.

Por entre a história do professor intelectual Alfredo Montes², que o autor traz relatos do concurso para o colégio Atheneu Sergipense em que intitulou de “primeiro concurso” por ter havido a participação de candidatos que não faziam parte do corpo docente do colégio, pois os primeiros concursos dessa instituição que aconteceram em 1975 e 1976 só incorporaram professores que já faziam parte da congregação do colégio. Houve dois inscritos, Alfredo Siqueira Montes e Hormecindo Leite de Mello.

Foi descrito, então, os requisitos do concurso, eram três etapas, sendo a primeira a elaboração de uma tese sobre alguns pontos obrigatórios, a ser entregue em quinze dias, em seguida, a banca escolheria um ponto para prova escrita e finalmente a defesa da tese, onde o candidato era sabatinado, e, questionado também pelo seu concorrente. Ambos cumpriram as duas primeiras etapas, porém, ao ser questionado por seu opositor, Alfredo Montes se negou a responder, alegando que o mesmo era uma pessoa sem modos. Hormecindo Mello cumpriu a terceira etapa, mas quem fora aprovado foi Alfredo Montes. O autor apresentou os conflitos que giravam em torno dos concursos e suas prováveis causas.

Já na Pedagogia de Sívio Romero foi marcante o traço da negação à Educação Americana, puramente pragmatista, que valorizava o ensino com fins trabalhistas, o industrialismo americanizado. Romero enxergava a transformação educacional no

² Sobre a trajetória de Alfredo Montes ver: AMORIM, Simone Silveira. **A trajetória de Alfredo Montes, 1848-1906**: representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe- São Cristóvão: Editora UFS, Aracaju, 2009.

investimento de políticas públicas para o ensino primário. Defendia a tese de que a União, que possuía representatividade Federal, deveria assumir o ensino primário. Sob a ótica de Sílvio Romero, a educação brasileira deveria espelhar-se no modelo da reforma educacional alemã, entendendo que o ensino deveria ser *lato*, que a educação focalizasse o espírito, a cultura, para além do aprender a fazer. Em outro artigo sobre o mesmo intelectual, agora tratando de sua biblioteca pedagógica, Nascimento (2007), nos brindou com informações sobre como se deu a constituição da biblioteca de Sílvio Romero. Relembrando a nacionalidade brasileira de seu biografado e sua naturalidade Lagartense, que tivera nascido em 1851. O autor contabilizou as obras do Acervo de Sílvio Romero que fora vendida ao Governo Estadual de Sergipe no ano de 1918.

Discorreu sobre a encadernação feita após a compra e os equívocos entre os livros que eram carimbados que não pertenciam ao acervo de Sílvio Romero e aqueles que integravam o acervo e não eram assinaladas adequadamente. Esse material foi depositado no acervo geral da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe que posteriormente recebeu o nome de Biblioteca Pública Epifânio Dórea, em homenagem ao seu maior bibliófilo. Com a mudança de sede o acervo de Sílvio Romero ficou encaixotado numa sala insalubre durante 21 anos, tendo sido recuperado em 1995 por Jackson da Silva Lima, por intermédio do secretário de Estado da Cultura Luiz Antônio Barreto. O autor contou sobre a reorganização do acervo, seus novos títulos e algumas das marginais escritas pelo próprio Sílvio Romero sobre as obras que possuía.

Os estudos sobre história da Educação de José Calasans, as disputas de campo entre agrônomos e docentes, dentre outros aspectos da história de intelectuais de professores e professoras sergipanos, nos atemos com mais profundidade a dois artigos que nos forneceram informações mais precisas sobre este objeto de estudo.

O primeiro deles trouxe as contribuições da professora e historiadora Thétis Nunes para a história dos intelectuais. Dentre os cinquenta e quatro (54) trabalhos sobre essa temática produzida por Nunes, o autor destacou o importante préstimo de celebração da memória à esses sujeitos da história, ainda que estivesse claro em seus escritos traços hagiográficos, com perfis quase que homogêneos no que diz respeito a perspectivas de progresso da maioria dos intelectuais.

Felte Bezerra não esteve fora desses estudos. A obra de Nascimento aqui mencionada nos reportou para o link sobre esse artigo datado do ano de 1992, que fora intitulado *Professor Felte Bezerra (1909-1990)* ; escrito para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, n. 31, p. 197-200, em que Thétis Nunes registrou

passagens da vida de seu contemporâneo Felte Bezerra, narrando com certa intimidade seu primeiro contato com ele em 1936 quando fora sua aluna na disciplina de Geografia no “velho Atheneu da rua da Frente” (NUNES, 1992. P. 199) e, sua amiga até o fim de sua vida, em 1990. Thétis atribuiu a Felte a importância de tê-la convidado a reger a Disciplina de História no Atheneu, sendo naquele momento uma recém-egressa do ginásio. Ressaltou a vocação de Felte pelo magistério e sua capacidade didática na transmissão dos assuntos para os discentes, como a utilização de suas modernas técnicas pedagógicas. Pontuou a passagem de Felte pelos campos sociais e suas respectivas contribuições, como a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), membro e diretor da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS); a diretoria do Atheneu, bem como o registro dos títulos e anos das obras publicadas por Felte.

O Segundo artigo da obra de Nascimento que destacamos, corresponde ao capítulo 6, *As viagens de Abdias Bezerra*. Sendo Abdias pai de Felte, as informações contidas nesse texto contribuíram sobremaneira para o encaixar das peças do nosso mosaico sobre a trajetória desse professor. O autor principia o artigo esclarecendo que não era incomum que os Estados enviassem seus representantes para São Paulo a fim de que fossem-lhes ensinados técnicas para implantação de novas reformas no Ensino. Abdias foi um dos representantes de Sergipe que fora buscar inovações educacionais no sudeste em 1923 para em seguida aplicar essas técnicas no Ensino Público de Sergipe.

Ao retornar à Aracaju, Abdias assumiu o comando na Reforma do Ensino que teve regulamentação em 11 de março de 1924, pelo presidente do Estado Maurício Gracho Cardoso. Segundo o autor, essa Reforma trouxe visível transformação para o ensino primário, elementar e Superior. Nascido na Vila de Siriri em sete de setembro de 1880, Abdias Bezerra cursou o primário nas escolas de Siriri de Itabaiana e Japarutuba e fez os primeiros anos do secundário no Ateneu Sergipense, concluindo o Ensino secundário e cursando apenas o primeiro ano do curso Superior em 1900, na Escola Militar do Realengo no Rio de Janeiro, onde foi expulso em 1904 por ter participado da Revolta das Vacinas no mesmo ano.

Abdias retornou a Sergipe e iniciou sua carreira docente, lecionando em escolas privadas. Prestou concurso para cátedra de Francês do Ateneu Sergipense em 1909, onde foi aprovado. Fora transferido para lecionar as cadeiras de Aritmética e Álgebra do curso ginásial em 1911, posteriormente para a cadeira de Português, e em 1915 assumiu as cadeiras de Geometria e Trigonometria.

Felte destacou em sua autobiografia a condição intelectual de seu pai, juntamente com relatos de seu professor Alcebíades Correia... “Abdias, meu pai, e Alcebíades, outro referido, foram mestres de tudo, mas principalmente de caráter. Ambos eram capazes de lecionar qualquer disciplina secundária.” (BEZERRA, 1987, p.2). Além de professor do Atheneu Sergipense, Abdias assumiu a diretoria desse colégio em novembro de 1922; em abril do ano seguinte dirigiu o curso comercial Conselheiro Orlando e no mês seguinte a diretoria da Instrução Pública do Estado. Em 14 de junho de 1944 morreu o professor Abdias Bezerra, seu funeral se configurou numa eventualidade marcante para Sergipe. O seu corpo fora velado na casa de seu filho Felte que situava-se na Rua Maroim. O cortejo seguiu a pé até o cemitério Santa Izabel, onde figuraram grandes personalidades políticas, amigos, alunos das principais escolas da cidade. Houve ainda, uma corte de automóveis, bondes e ônibus.

O estado da arte acima escolhido fora basilar na construção da história de Felte Bezerra sob o nosso olhar de pesquisador. Eventualmente outros colóquios se estabeleceram durante a escrita, na perspectiva de esclarecer conceitos ou para ratificar determinadas informações.

Apresentamos, pois, no primeiro momento, a construção da trajetória de Felte Bezerra para além da sua autobiografia, por meio das contraposições das memórias e impressos.

No segundo momento, identificamos as contribuições de Felte para o Ensino Superior Sergipano, em que nos debruçamos nas cadernetas, exames, pontos lecionados, frequências de alunos, dentre outros documentos.

Tendo em mãos a autobiografia de Felte, percorremos uma História estruturada e sistematizada pelo próprio personagem em questão. Sua autobiografia respeitou uma cronologia perfeita: História da infância; História da sua adolescência: Formação e ocupações profissionais; Formação Superior; Atuação como odontólogo e como Prof^o do Ensino Secundário e Superior e Transferência para o Rio de Janeiro. Segue então a trajetória de Felte Bezerra por meio de nossas lentes, atentas à confrontos de informações de impressos e memórias.

CAPÍTULO 1 – FELTE BEZERRA - ENTRE O ESPELHO DO AUTORRETRATO E A PINTURA DAS MEMÓRIAS

Como se representa a vida de um homem? Pela forma como quer ser lembrado ou pelas oscilações aprisionadas nas memórias e demais vestígios dos seus contemporâneos? O início deste capítulo foi marcado por diversas dúvidas e confusões. Por vezes, incorremos nos erros de construir o outro em nós mesmos ou construir um quadro de imagens que atendam aos nossos interesses de pesquisador. Doutra forma, não sei se escapamos da divinização ou diabolização do personagem objeto desta narrativa. De certo é que o historiador nem sempre foge das armadilhas fascinantes das fontes.

Por outro lado, o instituto da narrativa tende a sofrer outras interferências, como aquelas decorrente do lugar de onde se escreve e dos descritores que determinam a escrita e também a condicionam, moldam e, por vezes, ditam o “ser dito”. As narrativas não se purificam em si e, não bastassem todas essas intervenções, a garantia do dito pelo escrito numa trama histórica biográfica, estabelece-se pela valorização do *self*³ e pela confusão constante entre a intimidade e a publicidade do personagem. Desta forma, a superação do monismo, retirando o professor Felte Bezerra da cápsula do “eu” pela interdependência com os outros (dimensão social do ser – sociedades sergipana, baiana e carioca),⁴ substituiu o que Elias (1994) chama de “personalidade fechada”, por uma “personalidade aberta”, dosando o grau de autonomia de si a partir do exercício da autonomia de outrem.

Felte Bezerra foi, sem dúvida, um homem que vivenciou a necessidade de *figuração* com o outro. Nisto residiu a sua construção individualizada, no interior da coletividade em que transitou, embora em determinados momentos tenha ocorrido a “[...] individualização mais intensa, de uma couraça em torno das emoções, de um distanciamento maior em relação à natureza, aos indivíduos e ao eu [...]”. (ELIAS, 1994, p. 246). Sobre ele se assentaram os registros de memória como pilares da sua história e, sobretudo, a reconfiguração dos fatos vividos, partilhados, confrontados. A reconstituição do que está submerso na sua vida, habita repartições diferentes, retomadas por quem com ele viveu. Infelizmente, não encontramos “Funes, o memorioso” de Borges (2001) que pudesse nos oferecer sobre Felte Bezerra “[...] mais

³ SENNETT, Rochard. **Declínio do homem público**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

⁴ No dizer de Elias (1994, p. 249), [...] a rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações.

lembranças que todos os homens do Mundo [...]” e que, ao pensar por uma só vez nada mais poderia se desvencilhar da sua memória.⁵ Do contrário os memorialistas não constituíram em suas lembranças do caso ou do acaso, nada sem a presença de interesses e de desejos constantes pela ocupação dos espaços de “poder” ou pela valorização e/ou desconfiguração do outro.

Contudo, devemos nos atentar para as ciladas da memória e seguir as recomendações de Le Goff⁶

Se a memória faz parte do jogo de poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um fato do historiador, quando este se torna um partidário. (LE GOFF, 2003, p.32).

Se, como pesquisadora, alertada pelas ressalvas de Michael Pollak (1992), não pude erguer a bandeira no entorno do biografado em função das lembranças inquiridas, ao menos observei os fenômenos construídos, consciente ou inconscientemente, social ou individualmente, que foi se delineando na pesquisa pela memória, individual ou coletiva, retomada sobre ele e “[...] identificada com a vida em si, cultivada por grupos vivos e aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. E ela é também inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos [...]” (NORA, 1993, p. 9).

E quanto a memória de si (auto memória)? Essa se constituiu em indícios iniciais das nossas descobertas sobre o Professor Felte Bezerra. Partimos do seu autorretrato, das suas autodescrições, representações de uma dimensão organizada e sistemática da sua própria trajetória. Ao percorrer as páginas de sua autobiografia percebeu-se, logo, as aparências objetivas e a ordenação cronológica dos fatos sobre si. Selecionando os acontecimentos que queria tornar público como ideólogo da sua própria vida, dando coerência da sua dimensão individualizada e indissociável do tecido social e histórico

⁵ **In:** Jorge Luis Borges: Prosa Completa, Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1, pp. 477-484. Tradução de Marco Antonio Franciotti.

⁶ Uma das grandes aquisições da história, que se renova desde há cinquenta anos, foi ter alargado a sua documentação a tudo o que é memória. Ao documento tradicional, história morta, acrescentou o documento vivo. Em primeiro lugar, graças à história das mentalidades e das sensibilidades, ao dar vida aos documentos do passado, ao introduzir métodos mais científicos para fazer uma ressurreição que Michelet confiava apenas à imaginação, apesar de devorar arquivos. Em seguida, integrando na história a memória viva, o vivido, sob a dupla forma dos testemunhos do passado vivido – principalmente os dos textos literários e artísticos, objetos da vida quotidiana, confissões confiadas ao padre ou ao juiz ou arrancadas por eles em condições de autenticidade – e dos testemunhos do vivido recente. (LE GOFF, 1989, p. 177).

em que esteve inserido, Felte Bezerra foi discorrendo sobre os fatos, memorados, que o deveriam caracterizá-lo como homem, como pai, como professor, como filho... Mas, não faltaram os esquecimentos.

A sua autobiografia foi escrita 80 anos após o seu nascimento, quando já residia com sua família no Estado do Rio de Janeiro e ávido das lembranças que deixara de sua trajetória em Sergipe e em Salvador. Esse foi um momento de buscar-se e de polir os interesses postos no papel como herança preciosa à posteridade. Também um momento de reencontro, de suavizar as dores do já vivido e retomar as alegrias do que se tornou significativo na sua história de vida.

O primeiro dos fatos que nos chamou a atenção na escrita de si, foi uma declaração carregada de um tom opaco de “não querer”, ser lembrado como uma “grande personalidade”. Por uma suposta humildade de sua pena, afirma que ali não se trata de uma biografia, mas de anotações de aspectos simples de sua trajetória, ressaltando que os dados biográficos “[...] só se justificam em altas personalidades [...]”. Todavia, os registros comprovaram o desejo de ser lembrado como um dos “grandes homens” da sociedade sergipana.

Intitulando sua auto narrativa de “Um quartel de atividades lítero-científicas (1933 a 1958)” e depois quebrando a densidade do título com um subtítulo: “Notícias da minha vida”, pareceu-nos claro as intencionalidades escondidas nos implícitos do texto autobiográfico, estratégia ainda camuflada pelo endereçamento de tal escrita: “Para meus filhos... lembranças de painho”. Nos fragmentos de sua memória, reconstruiu os percursos de suas trajetórias singulares e coletivas, não fugindo de suas veredas, mas obscurecendo o que não quis revelar. O encontro com a racionalidade e a redescoberta dos sentidos da sua vida, formaram um protótipo de “ser” no passado considerando a dimensão do presente.

Numa tentativa de linearidade, sem acidentes, percebeu-se como a estrutura do texto fora organizada, mas aqui ou ali, a aridez da vida também se revelou, dando indícios das oscilações comuns a vida dos homens, escapando aos esquemas estruturantes da escrita. Primeiro a infância. Com a morte de sua mãe Esmeralda Araújo Bezerra, quando tinha apenas seis anos de idade, o pai, protagonista de toda a sua escrita, já se desenhava como figura divina em forma de homem, exemplo a ser seguido por todas as gerações. Felte Bezerra afirmou que “[...] não ficou desamparado e só, como um brinquedo em mãos trêfegas. Tive um grande pai, a quem devo a formação do meu caráter [...]”. (BEZERRA, 1988)

A sua tessitura se traduziu em uma inteligibilidade de montagem de uma trama pela reelaboração de quem foi. Mesmo sem mãe, o “grande pai”, o Professor Abdias Bezerra, não faltou em sua vida e, sem deixar de fora a presença de uma mulher na sua criação, (parece-nos forte esse dimensão “sagrada” de família), foi-nos apresentada a Senhora Euridice Bezerra, a tia Euridice (paterna) que esteve presente como alguém que fez as vezes da mãe ausente e colaborou por muito tempo com a sua criação. Ao se narrar Felte Bezerra se descreve. Apresentou-se como quis, constituiu o seu desenvolvimento identitário, demonstrou o que foi o seu autoconhecimento e como percebeu e apreendeu a sua história nos cruzamentos com outras histórias.

As narrativas são, pois, elementos que trazem forte significado pessoal e articulam presente, passado e futuro, instigadas pela rememoração, trazendo não ‘uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu (BENJAMIM, 1996, p. 37).

Mantida a imagem de “família estruturada”, outra dimensão reiterada pelo Professor Felte Bezerra foi o aspecto do seu “caráter”. Não bastasse a afirmação da influência do pai, a sua formação escolar e a postura dos seus professores aparentaram interferências constantes na construção do seu caráter. Desde o ensino primário, cursado sob a batuta do Professor José Alencar Cardoso, seu “decurião” (Professor Zezinho), que se tornaria também padrinho do seu casamento, o biografado demonstrou traços de admiração ao “grande pedagogo” e proprietário do Colégio Tobias Barreto que funcionava em dois turnos e só recebia alunos do sexo masculino em princípio, passando a ser misto a partir de 1930.

A rigidez e a disciplina deram-se pela concepção militar de ordem, o que se confirmou com o perfil de professores advindos da Escola Militar da Praia Vermelha. Apesar de adotar uma pedagogia distante dos castigos físicos, os alunos que estivessem fora dos padrões escolares, acabavam recebendo esse tipo de castigo. O Colégio funcionou em regime de internato, semi-internato e externato, em níveis primário e secundário. O currículo adotado em 1934 era copiado do Pedro II, após luta por uma equiparação que mobilizou até o Presidente da Província, Graccho Cardoso.

Felte Bezerra, teve seu acesso ao curso primário facilitado em virtude da condição de professor, ocupada por seu pai Abdias Bezerra, naquela instituição de ensino e em virtude da aproximação familiar com a sua madrasta, irmã de José de Alencar Cardoso. O Colégio era a extensão da residência de seu proprietário e de sua esposa Sylvia Bastos Cardoso.

O Colégio Tobias Barreto deixou também ensinamentos no âmbito da moral. As lembranças da infância, fez-lhe defender a bandeira inquestionável do instituto do casamento. Ao ponto que rememorava as competências dos seus formadores, justificava as segundas núpcias tanto do Professor José de Alencar, quanto do seu pai. A alegação foi a manutenção da “irrepreensível” condição de austeridade presente em um homem casado.

Além da influência dos ensinamentos do Professor Abdias Bezerra (seu pai), surgem nomes em sua auto escrita como os dos Professores Alcebíades Correa Paes, Arthur Fortes, Manoel Franco Freire e José Augusto da Rocha Lima. Esses foram os homens responsáveis pela formação dos seus conhecimentos de ensino secundário e do seu “caráter”, segundo suas palavras. Observe-se, no entanto, a existência de um substrato de formação moral registrado ou manipulado pela rememoração e articulado com os aspectos de formação escolar (figura dos professores, valorização de sua profissão do presente).

Os nomes citados foram responsáveis pelas diversidades de memórias reorganizadas pelo biografado (o professor, o homem, o pai, o empresário dono de escola...), contudo, ressalve-se que essas mesmas dimensões apontadas não se purificaram do tecido político, econômico, social e cultural. Esses institutos não estiveram fora do “ser”, do contrário, estão imbricados na coletividade representativa e aprisionada à cápsula individual da memória do Professor Felte Bezerra.

Os aspectos tão valorizados do caráter no presente momento da escrita, tem uma representatividade muito forte na vida de Felte Bezerra. Essa defesa tem fundamento em um momento vivido a contragosto. Uma memória reconstituída que parece proteger fatos confusos do ano de 1959, do qual trataremos no decorrer da narrativa, visto que, em primeiro momento, a presença de alguns esquecimentos⁷ que aparentavam querer prescrever experiências circunscritas na vida do Professor Felte Bezerra, fizeram-se “[...] preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel [...]” (AUGÉ, 1998, p. 106). Entre os meses de julho e agosto do ano de 1959, seu nome foi depreciado nas páginas do impresso sergipano “O Nordeste”, o que gerou um duro impacto na vida do Professor Felte Bezerra. Momento para esquecer.

Sem dúvida que os espaços sociais conquistados pelo Professor Abdias Bezerra foram também espaços de iniciativas para vida social de Felte. Apesar dos recursos

⁷ “O esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto [...]” (AUGÉ, 1998, p.27).

parcos, o capital cultural do Professor Abdias Bezerra o cooptou à alguns cargos relevantes como a Direção da Instrução Pública, a Direção do Atheneu Sergipense e da Escola Comercial Conselheiro Orlando durante o governo Graccho Cardoso (1922-1926), como já anunciara em seu livro Nascimento (2007), alguns desses caminhos que tempos depois foram trilhados por Felte Bezerra.

O jovem Felte ao terminar o seu ensino secundário em 1925, aos 16 anos de idade, desejoso do curso superior, viu seu *status* financeiro limitado obstruir os seus caminhos, pelo que chamou de “minguados ganhos” os valores auferidos na profissão de professor catedrático do pai que, além dele, possuía mais quatro filhos (Floro, Maria, Dulce e Hermínia). Nesse momento de sua trajetória, o desejo pela formação superior não encontrava amparo nas redes de sociabilidade de Abdias Bezerra. Tratava-se de espaço privado, pago, investimento de alto valor financeiro, de acesso à poucos.

Assisti à saída de colegas de turmas para as Universidades, mas não tinha condições de acompanhá-los. Meu pai sempre foi muito pobre, probo, altamente respeitado, mas sem recursos para manter-me fora, para estudar. Foi um mero professor de província e vivia de seus minguados ganhos atingindo a paternidade de cinco filhos, meu irmão Floro, do primeiro matrimônio e minhas irmãs Maria, Dulce e Hermínia, filhas de minha madrasta. (BEZERRA, 1988).

Restou, a princípio, a busca pela formação profissional, por um emprego, uma ocupação no mercado de trabalho. Felte optou pelo curso de escrituração comercial. Os diferentes tempos e espaços na articulação da lembrança, trouxe um sentido para o seu presente, longe de Sergipe, em terras cariocas, retomando a sua memória todas as dificuldades de manter-se aquela época pela pouca condição financeira.

A profissionalização pareceu a saída. Participou e foi aprovado no concurso do Banco de Sergipe em primeiro lugar, posteriormente foi alçado ao terceiro lugar em virtude de questionamentos sobre a lisura, por parte dos demais participantes, pela presença do Professor Abdias Bezerra como uma dos julgadores na banca do processo seletivo. No segundo dia do mês de outubro de 1925 tomou posse e iniciou as suas atividades no banco, durando menos de um ano, deixando as suas atividades em julho do ano seguinte. A memória retrospectiva e prospectiva alimenta essa condição de ocupação de espaços de trabalho. As lembranças de formação do curso de escrituração comercial, foram prospectos do que ocorreria em 1929 quando conseguiu emprego como gerente do escritório comercial do Senhor Heráclito Rocha, exportador de sal. As dificuldades nos negócios e o atraso nos salários afastaram Felte Bezerra da empresa.

Com as economias dos pouco mais de três anos de trabalho e as contribuições do pai de quem tinha habitação e alimentação, Felte Bezerra almejou o ensino superior. A autonarrativa, vai desenhando os aspectos de suas próprias buscas pela formação “[...] acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]”. (NÓVOA, FINGER, 1988, p.116).

Felte Bezerra pegou seus poucos recursos e foi à Bahia. Realizou um cursinho de preparação para prestar seleção e foi aprovado com nota 8,75, o que lhe deu o primeiro lugar dentre os 25 aprovados. O vestibular foi feito com aplicação de provas em comum para os cursos de Medicina, Odontologia e Farmácia. A vontade omitida era pelo curso de Medicina, mas restrito a sua condição financeira, conduziu-se ao curso de Odontologia “[...] mais curto, menos dispendioso, em livros e manutenção em Salvador.” (BEZERRA, 1988).

Observa-se na re(configuração) de si, uma necessidade premente de auto afirmação na ocupação dos espaços. Foi sempre anunciado as aprovações em concursos acompanhadas das classificações em “primeiro lugar”⁸. Parece-nos que se valer do capital cultural para amenizar a condição sócio-econômica ficou evidente. Basta analisarmos o confronto de declarações que, de um lado comprovam a condição de alguém pobre, do outro, alguém que por seus conhecimentos, conquistou espaços privilegiados. O pai sempre foi o “herói pobre”, de “minguados ganhos”, um “reles professor de província”, mas do pai se depreendem outras adjetivações, o “homem probo”, de “caráter”, “intelectual”, “conhecedor de todas as áreas [...]”. Já Felte Bezerra, aquele que em tudo que participou foi o “primeiro”.

Em suma, a herança decorrente da condição de Abdias Bezerra, não foi outra senão a da moral, da ética e dos bons costumes, mas, sobretudo do conhecimento construído e ensinado a Felte Bezerra. A posse dessa “*herança cultural*”, apresenta-se, por equidade, como uma “*mais-valia*” do capital econômico, proporcionando uma “*reconversão social*”, verdadeira “*moeda de troca*”, considerando os aspectos valorativos, simbólicos presentes no capital cultural.

⁸ Além de anunciar a aprovação em primeiro lugar tanto no concurso do Banco de Sergipe, como no do Banco do Brasil na Bahia. Felte Bezerra dá destaque ao seu desempenho durante o Curso Superior. Aprovado em primeiro lugar, anuncia ainda: “[...] Fui o primeiro aluno em todo o curso, mas tive grandes decepções. Dominei os estudos com muita facilidade, porque possuí um curso secundário muito bem feito e proveitoso. Tal como os meus mestres antes citados, me haviam aconselhado, lia com facilidade francês e inglês. Daí a vantagem que levava sobre os colegas. Adquirir excelente e modernos livros naquelas línguas e às vezes estava à frente do que alguns professores, os mais fracos, ensinava.” (BEZERRA, 1988).

A posse deste capital cultural favoreceu em muito, os terrenos frequentados e ocupados por Felte Bezerra. Para além das “facilitações” promovidas por Abdias Bezerra, o simbolismo do conhecimento e a aquisição de habilidades e competências, alçou o biografado a posses desejadas por sua herança cultural. Falamos em competências e habilidades por logo perceber como Felte Bezerra sob conviver com os códigos de outras classes que não a sua. A diplomação e a convivência na Faculdade de Medicina da Bahia durante o seu curso de Odontologia; o casamento com Elza Resende, membro da família de bancários Resende, a Direção do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a Direção do Colégio de Sergipe, a ocupação de cadeira na Academia Sergipana de Letras, dentre outros, foram representações da apropriação de uma semiose que não era de sua fisiologia financeira, mas de sua genética cultural.

Vale ressaltar que a *transmissão, apropriação, recepção e construção* deste Capital Cultural em Felte Bezerra, deu-se por uma metamorfose das “estruturas sociais” em “estruturas mentais”. Este embrião cultural que brota e permanece sistematicamente e de forma duradoura, precisa das disposições do “ser”, para, além da inculcação dos conhecimentos científicos institucionalizados, os gostos, valores, estilos e estruturas psicológicas, integralizados.

Assim, as estruturas objetivas da ordem escolar se transformam, pela interiorização, em formas escolares de classificação. O capital cultural pode parecer um conceito desprovido de sentido se ele não corresponder a certas práticas, certos saberes, certas disposições aos olhos do saber, da linguagem e do mundo. Ele deve poder designar, do ponto de vista de uma sociologia do conhecimento, as disposições cognitivas [...]. (LAHIRE,1997, p.354).

O retorno a Aracaju do então diplomado em Odontologia, Dr. Felte Bezerra, deu-no dia 23 de dezembro de 1933 e no ano seguinte já uma proximidade com a futura família de sua esposa, ao adquirir do Senhor João Resende, tio de Elza Resende, os equipamentos do seu consultório que passou a funcionar em março de 1934. O consultório foi dividido em parcelas e, mais uma vez, Abdias financiará a primeira e a metade da segunda prestação. A partir daí Felte Bezerra assumiu integralmente a sua responsabilidade, mas não deixou de declarar o peso do sustento e da ruptura de valores pelos quais se sobrepunha o pai para financiar a sua atuação profissional. “Com seus escrúpulos, meu pai nunca tomara dinheiro emprestado a ninguém. Endividou-se na carteira de empréstimo do Montepio do Estado de Sergipe. Aquilo me doía muito, pois sabia que ele se privava de algumas coisas pessoalmente.” (BEZZERA, 1988).

A odontologia foi uma frustração para o jovem que queria ser Médico. Julgou o curso de péssima qualidade e o que diz ter valido a pena foi a convivência com os colegas sergipanos que cursavam medicina durante estada em pensão. Ali as trocas se estabeleceram e os laços se fortaleceram. Seu querer ser médico era tão declarado que elaborou sua tese sobre a negação de doenças específicas em primeira dentição, com base em literatura médica. Tinha o título de “O Primeiro Dente”.

A frustração com a odontologia abriu espaços para o campo educacional. Durante o tempo em que esteve na Bahia, Felte Bezerra fez um curso de inglês em um programa que atendia as populações rurais no Mato Grosso, ministrado pela esposa de um médico americano, sem referências na autobiografia, mas completada a carga horária de ensino pelo seu contemporâneo e companheiro de pensão, o médico Dr. Lourival Bomfim. A validação desse diploma de Professor de Inglês lhe abriu campo para um contrato no Colégio Estadual de Sergipe em março de 1934. Este foi o momento da sua rememoração de suas entranhas na docência.

Restringimos o nosso olhar a sua dimensão docente no ensino superior, por sua vinculação com as ciências antropológicas, marca tatuada em sua vida. Mas, essa trama deixaremos para o próximo capítulo. Aqui, registre-se apenas o início da carreira docente e o declarado gosto pelo magistério junto ao Colégio de Sergipe. Dentre as cátedras, uma anunciaria sua trama para o envolvimento com a Antropologia, a de Geografia, cadeira que toma provimento por concurso em 1938, dois anos após núpcias com Elza Resende.

A sua cônjuge foi lembrada em alguns momentos de sua autobiografia, exaltando o casamento e a companheira de envelhecimento. A partir desse momento, começam as justificativas e os dilemas pela escolha feita em morar no Rio de Janeiro. Ressalve-se que ao mesmo tempo que anuncia essa mudança de domicílio, fala sobre as recusas dos convites políticos feitos à época. Três nomes se destacaram nas suas lembranças sobre os possíveis políticos que lhe fizera convites, Leandro Maciel, Francisco Leite Neto e Luiz Garcia.

Pari passu, discorreu sobre os pares que fundaram com ele o Centro de Cultura de Sergipe. Assim, Colombo Felizola e Garcia Moreno, associaram-se a Felte Bezerra e estabeleceram os princípios da convivência harmoniosa dos membros dessa associação que, dentre outros detalhes, não possuía sede fixa. Tratava-se de um espaço de crescimento cultural e de legitimação de si pelo reconhecimento do outro. Temas eram sorteados dentre os “vários assuntos” que cada membro era especialista, marcava-se o

encontro em um dos lares e ocorria a exposição dos temas. Dentro das condições estabelecidas a de não se “exacerbar e ser vaidoso”. Fato que nos chamou bastante atenção, visto que a vaidade foi característica que acompanhou as memórias sobre Felte Bezerra por seu contemporâneos.

Esse emaranhado de informações na autobiografia, pareceu-nos a demonstração de que algo havia sido, efetivamente, suprimido ou de uma defesa anunciada. De repente, houve um descontínuo da lógica que vinha empregando nos fatos narrados de sua vida e o biografado precisou anunciar algo que quebrou, rompendo com a cronologia perfeita, aparentando uma reafirmação em defesa de si. Uma cadeia descontínua de informações que, após perquirições, foram se evidenciando nas nossas leituras.

Dentre as opacidades, os motivos alegados por Felte Bezerra sobre a sua mudança de domicílio para o Rio de Janeiro, nunca restou pacificado em suas alegações. Possuía uma vida estável, emprego certo, reconhecimento pelos seus pares, estava próximo aos seus familiares e amigos. A alegação de se embrenhar pelo mundo dos negócios, pareceu-nos pouco para o abandono, sobretudo, do ensino de Antropologia na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. A frente da gerência do Banco da família de sua esposa, Banco Rezende Leite S/A e desenvolvendo os prazeres do ensino na área que sempre almejou (Antropologia), as razões, por si só não se preenchem.

Entender ao certo, pareceu-nos relevante, vez que foi o momento do abandono da docência, não voltando mais à baila educacional. Montar o mosaico desse personagem, trouxe-nos lembranças das nossas pesquisas do que então fora relatado em entrevista com seu sobrinho Gélío Albuquerque Bezerra, filho de Floro Bezerra.

Durante o lançamento do livro daquela moça lá, a Beatriz, a esposa do Ibarê, sobre o meu tio, falaram tudo menos a verdade. Queriam pintar um protótipo de intelectual, mas esqueceram do humano. Pedi a palavra e me negaram num primeiro momento. Depois impaciente, tomei a força a fala e disse que eles não conheciam nada sobre o tio Felte. Eu vivi com ele nos últimos anos de sua vida no Rio de Janeiro e ele não foi só o santo que vocês pintaram aí. Vocês não sabem nada sobre o que levou o tio Felte a deixar Sergipe. Foi nada de negócios, ele não aguentou ser maculado na sua integridade e vaidade. O que falaram dele na imprensa quebrou todo o orgulho e ele iria morrer do coração se continuasse aqui. Ele disse isso pra mim sentado no banco da minha moto. Vocês não

sabem o tamanho da vaidade do tio Felte. (Gélio Albuquerque Bezerra)⁹

Insistimos para Gélio Albuquerque Bezerra que lembrasse dos fatos e de quem estaria “quebrando o orgulho” e ferindo a “vaidade” de Felte Bezerra, mas ele não conseguiu recuperar esses fatos. Interesses e vaidades do pesquisador envolvido com seu objeto. Todavia, mesmo não nos oferecendo as clarezas dos fatos, deixou-nos indícios de que o motivo da saída do seu tio de Sergipe fora as brigas travadas com um jornalista sergipano.

Felte havia feito comentário a próprio punho na sua coleção de recortes dos jornais que publicaram suas matérias, endereçando aos filhos, sobre a Nota de Solidariedade em que o Padre Luciano Cabral Duarte publicara no Jornal “A Cruzada”, em combate as ofensas anunciadas sobre o seu nome. Dizia a matéria

[...] ‘A Cruzada presta aqui ao dr. Felte Bezerra a homenagem do seu respeito. Não se trata de elogios formais e, poristo mesmo, mais ou menos vazios. A Cruzada reconhece no dr. Felte Bezerra um homem de bem, um pai de família exemplar, um intelectual sério e competente, que, lutando com as limitações de nossa terra acanhada, vem contribuindo na cátedra, para dar um cunho de autenticidade à nossa incipiente vida universitária. Este julgamento não é simplesmente nosso. Ele é a síntese do pensamento da sociedade de Aracaju, da qual o nosso jornal se ente honrado em ser, aqui, o porta-voz. (A CRUZADA, 29/8/1959).

Esta matéria foi a forma encontrada de promover o direito ao contraditório das diabolizações ditas sobre Felte Bezerra em momento pretérito a sua publicação. Além das afirmações acima, o Monsenhor Luciano anunciara que não “[...] se tem o direito de manchar quem é limpo, nem de insultar quem merece o respeito dos seus concidadãos [...]” e não estava sozinho neste contraditório. Vários dos seus pares da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, assinaram Nota de Solidariedade, no dia primeiro de setembro de 1959.¹⁰

Felte Bezerra ainda alertará os filhos sobre as desmedidas afirmações escritas, a partir do Jornal “O Nordeste”, na pessoa de alguém “[...] ébrio habitual, desrespeitador, desclassificado e com várias entradas e ficha na polícia [...]”.

⁹ Entrevista concedida em 17.12.2012

¹⁰ Além do Monsenhor Luciano Cabral Duarte, assinaram o Padre Claudionor de Brito Fontes, Luiz Rabelo Leite, Gonçalo Rollemberg Leite, James U. Lawy, Paulo Almeida Machado, José Rollemberg Leite, José Bonifácio Fortes Neto, Fernando Barreto Nunes, Manuel Cabral Machado, Carmélia Alves de Oliveira, Monique Rolland, Josefina Leite Campos, Frei Edgar Satnikowski, Fernando F. Porto, José Olino de Lima Neto, Manuel Cândido Santos Pereira, João Cardoso N. Júnior, José Silvério Leite Fontes, José Meneses Santana, dentre outros.

Da memória manifestada pela História Oral e Autobiográfica para as pesquisas em impressos jornalísticos sergipanos. Voltemos então ao final da década de 50 do século XX, numa revisita às matérias publicadas no jornal “O Nordeste”. Restou-nos caminhar pelas velhas páginas dos jornais¹¹ sergipanos a procura da construção dos fatos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela argüição de fatos. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 964)

A tortura de Felte Bezerra nos saltou aos olhos, primeiro em notícias de 11 de julho de 1959, com artigos publicados no impresso de propriedade de Francisco Araújo Macedo, trazendo duas matérias que tinham Felte Bezerra nas discussões da ordem do dia. Aqui o anúncio do nome do proprietário de “O Nordeste” para entendermos a afirmação supra de Felte Bezerra sobre os convites para política por parte de Leandro Maciel e Francisco Leite Neto, ambos inimigos políticos de Francisco Araújo Macedo. Este último, certamente criou repulsa, por transferência, a Felte Bezerra, permitindo circular em seu impresso as matérias constituídas contra a sua integridade.

A primeira das matérias encontrada, intitulada “A Neurastenia do Psiquiatra com vistas ao Baepeba¹²”, comentava a solicitação de cancelamento da assinatura do impresso, por parte do assinante Dr. Garcia Moreno, afirmando que o mesmo, passando por uma crise de neurastenia, requereu junto ao gerente do órgão de imprensa, jornalista A. Moreira, a rescisão da sua assinatura nos seguintes termos: “- Quando esse jornal se transforma Taba Índio imotivadas flechadas vg solicito imediato cancelamento minha velha assinatura pt saudações – Garcia Moreno.”

O Dr. Garcia Moreno, amigo de longas datas de Felte Bezerra e de seu pai Abdias Bezerra, saiu em sua defesa e acabou sendo ironizado pela edição do impresso que além de comentar com sarcasmo o seu descredenciamento, postou uma outra matéria altamente comprometedora. Em um primeiro momento, com leve ironia,

¹¹ “O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana.” (MACHADO DE ASSIS, 2006)

¹² Baepeba foi o pseudônimo utilizado pelo Professor e Jornalista sergipano para assinar as matérias que denegriam a integridade moral e cultural do Professor Felte Bezerra.

lamentou-se o cancelamento de uma assinatura “honrosa”, sugerindo que o psiquiatra deveria atingir o verdadeiro responsável pelas acusações ao seu amigo Felte Bezerra, o “caboclo Baepeba” e não um órgão de imprensa livre. Depois o tom de deboche e o sarcasmo declarado.

[...] A exemplo do que, certa feita, fez o humanitário psiquiatra quando polemicava com o falecido Magalhães Carneiro, recomendamos-lhe (perdoe-nos o exercício ilegal da medicina) o Calmix, uso indicado, e Benerva de 100 mg, intramuscular, em dias alternados. Evite: o uso imoderado do fumo, o excesso de comida e, sobretudo, não leia algumas críticas que, porventura, o seu próximo livro suscitar. Não nos queira mal, nobre e *velho* assinante! (O NORDESTE, 11 de julho de 1959).

Não se conformando com o pedido de Garcia Moreno, na mesma edição, foi anunciado em outra matéria intitulada “Vaidoso e Recalcado”, as supostas polêmicas que Garcia Moreno em conversa com Magalhães Carneiro na Livraria Regina, teriam feito sobre Felte Bezerra. O psiquiatra afirmara: “Eu recebi esportivamente a flechada do Baepeba. O Felte é o que deve ter se arriado, pois êle é doente de vaidade.” A vaidade ausente nos discursos de Felte Bezerra e presente nas memórias dos seus contemporâneos.

Nas memórias de Gélio Albuquerque Bezerra uma forte imagem era retratada reiteradamente.

Na casa do tio Felte na Rua Maruim, tinha um corredor ao lado que ficou como caminho de roça para mim. Não suportava mais as broncas dele quando eu chegava cheio de alegria e ele no quarto, sentado na ponta da cama, os lençóis extremamente brancos, um perfume maravilhoso e aquelas músicas clássicas. Ninguém podia interrompê-lo, todo bem vestido dentro de casa como se estivesse pronto para pronunciar um discurso na Academia. Era a vaidade em pessoa. O rosto dele amedrontava quando pedia silêncio e determinava que passássemos pelo corredor para não atrapalhá-lo. (Gélio Albuquerque Bezerra)¹³

Apesar da depreciação feita em alguns momentos, não se negava a capacidade intelectual do tio Felte. Afirmava o bom gosto musical, o conhecimento profundo sobre tudo que se propunha a fazer e, quando se falava em Antropologia, a divinização. “Ninguém conheceu mais antropologia que tio Felte.”

Em suas matérias no jornal “A Cruzada”, Felte Bezerra expõe seus conhecimentos sobre música em postagem em série intitulada “Celebrações de Grandes Músicos”. A primeira publicação se deu no dia 04 de julho do ano de 1959, momento

¹³ Entrevista concedida em 17.12.2012

em que sua pena fez alusão comemorativa ao músico e compositor: o alemão naturalizado inglês Georg Fredrich Handel. Em 25 do mesmo mês e ano foi a vez de tratar do músico de Viena Joseph Haydin. Finalmente, no dia 01 do mês seguinte do mesmo exercício, discorre sobre o hamburguês Jacob Ludwig Felix Mendelsshn Bartholdy.

O gosto pela música clássica se acentua por necessárias publicações no ano de 1959, foram vários os artigos sobre música e sobre tantos outros assuntos. Comprovou-se a leitura de códigos de acessos culturais de classes diferentes da sua, mas acima de tudo de uma necessidade de legitimação por transito em lugares e com pessoas de outras condições socioculturais. Foi o momento também de respostas as acusações de incompetência cultural declaradas em novas publicações de “O Nordeste”.

Noutro momento da entrevista com seu sobrinho acima citado, uma afirmação da imagem retomada de Felte Bezerra como um “nazista”. Questionamos o “porquê” dessa afirmação. Primeiro, risadas profundas e a afirmação: “Não quero tocar nesse assunto”. Respeitamos e procuramos seguir a entrevista, mas, para nossa surpresa um retomada imediata. “Tio Felte tinha o racismo na veia, não aceitava as suas origens raciais e sociais.” Essas afirmações se cruzaram com o final das polêmicas que “O Nordeste” postava na matéria acima intitulada “Vaidoso e Recalcado”.

E por falar no Felte, comentava se ontem, à tardinha, na Regina, o seu recalque em ter boa dose de sangue africano nas veias, quando um dos presentes se saiu com esta: ‘Muito mais recalque têm os mestiços ao saberem-no mulato...’ Pobre do Felte Bezerra, coitado! (O NORDESTE, 11 de julho de 1959).

As “*tirantias da intimidade*” que tiveram lugar no seu assento particular, na sua pena e na sua escrita, no epicentro da sua vida, autorretrato revela uma descrição da condição física de Felte por ele mesmo. Cartas trocadas, correspondências¹⁴ que só tinha um destinatário o médico e antropólogo brasileiro Oracy Nogueira, mas não escondendo

¹⁴ “A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são às vezes bastante enganadores. Existem correspondências que traem uma autoconsciência que não engana ninguém. Existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos. A conservação sistemática da correspondência recebida por um intelectual e às vezes mesmo as cópias de algumas de suas próprias cartas (...) sempre me intrigaram. As razões que levam a um tal comportamento me parecem indicar uma consciência da história que vem pôr um limite inegável à autenticidade. Nada corre o risco de ser mais falso do que a ‘bela carta’ ou o arquivo privado ‘que se basta a si mesmo’, que é ‘tão revelador’. Há aí algumas armadilhas preparadas.” Cf. PROCHASSON, Christophe. “Atenção: Verdade!”. Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. Trad. Dora Rocha. In: **Estudos Históricos**. Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, n. 21, 1998, v.1, p. 02.

o desejo de torná-las públicas, visto que, deixou para posteridade a doação do seu acervo. Em meio as informações trocadas, um recorte para nós, daria tom de respostas às afirmações tanto de “O Nordeste” quanto de Gélío Albuquerque Bezerra, a maneira de se projetar visualmente, esteticamente, fisicamente, reconhecimento de suas origens, raça. A forma como queria ser visto, projetado, enxergado foi dita em 05 de outubro de 1950, Felte Bezerra respondia a uma carta enviada por Oracy Nogueira, recebida por ele em 27 de setembro do mesmo ano. Na correspondência de Oracy Nogueira, solicitava por “[...] mera curiosidade, gostaria de saber se amigo é médico ou qual o título que tem, bem como sua idade. Pondo-me ao seu inteiro dispor, subscrevo-me, cordialmente [...]”.

Quando Felte Bezerra responde a uma extensão para além do questionado/ “curiosidade”. A princípio transcrevemos apenas o motivo dos conflitos de informações.

[...] Sou tipo bruno, de ascendentes prováveis lusitanos ou espano-lusitanos (Bezerra, Becerra, ou Bezzerra, italiano?). Do pouco que conheço da minha árvore genealógica venho dos Bezerra do Ceará-Pernambuco, migrados para Sergipe no século passado ou nos fins do sec. XVIII. Sou, pois, se assim o aceita, um branco tipo alpino, tez moreno clara e cabelos cimótricos e muito escuros. Espero que assim tenha atendido seus desejos na indicação de algumas qualidades e atributos que se tenha lembrado a sua natural e compreensível curiosidade. [...] (Carta pessoal enviada em 05.10.1950, *grifos nossos*)¹⁵

Não encontramos dentre as curiosidades do Médico e Antropólogo Oracy Nogueira nenhum questionamento sobre os aspectos físicos, de raça, origens. O que motivaria Felte Bezerra a respondê-lo dessa forma? Haveria realmente um inconformismo de etnia como afirmara Gélío Albuquerque e noticiara “O Nordeste”? Ou uma necessidade de desenhar-se de alguma forma específica de como gostaria de ser visto, lembrado? De certo é que havia uma preocupação de Felte Bezerra sobre os resultados posto no último capítulo do seu livro “Etnias Sergipanas”, quando, ao tratar dos negros em Sergipe, ficou “[...] com receio das identificações e incompreensões do ambiente local onde vivo. Por mais que procurasse mascará-los os casos exemplificados seriam logo reconhecidos [...]”. A preocupação seguiu sobre os apontamentos de sua pesquisa com um apreensão declarada sobre possíveis “[...] ataques insólitos, o que

¹⁵ Cf. DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (orgs.) **Destinatário:** Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85). São Cristóvão: Editora UFS, 2009.p. 297.

seria desastroso para quem começa em uma seara tão delicada como a das ciências sociais [...]”.

Essa onda de preocupação esteve relacionada com as afirmações sobre os negros sergipanos quando dos possíveis ingressos em “grupos dominantes”, pudessem passar a condição de condimentes ou se a porcentagem dos mesmos aumentasse “[...] sensivelmente, não sei qual seria o comportamento dos leucodermas.”

As posições intelectuais de Felte Bezerra não estariam apenas vinculadas a sua condição de estudioso da Etnografia, de aficionado e apaixonado pela Antropologia?

Ser médico sempre foi o seu desejo e, como já dito, as condições financeiras não o permitiram, isso fica claro quando diz a Oracy Nogueira “[...] não sou médico, embora tenha sido meu ardente desejo [...]”. Tudo que foi construído a partir daí estava numa contrapartida dessa não conquista. Os “[...] meus estudos de assuntos relacionados com a fisiologia e a medicina talvez representem uma espécie de compensação psicanalista que o meu sub-conciente procura fazer [...]”. Desta forma a Antropologia também minimizou essas lacunas, transformando-se em uma das grandes paixões de Felte Bezerra.

O plano traçado para tornar-se o professor de Antropologia começou antes de 1951 quando já atuava na Faculdade Católica de Filosofia. Na década de 40 do século XX, vinha perquirindo essa possibilidade. Em 1949, feita a consulta ao Conselho Superior de Educação, recebeu a negativa e a confirmação do pré-requisito para a atuação como docente de Antropologia no Ensino Superior, ser médico. Felte Bezerra então começou um trabalho de intensa pesquisa e publicou o seu livro “Etnias Sergipanas” que serviu de credencial para a sua atuação nas cadeiras de Etnologia e Etnografia na FCFS.

As publicações de “O Nordeste” não pouparam nem a grandiosidade da obra antropológica de Felte Bezerra, não bastasse a tentativa de provocar um desconforto sobre a integridade moral e ética. Não bastasse as tentativas de criar um desconforto sobre a não aceitação de suas origens, publicando conteúdos comprometedores sobre a sua condição étnica-racial, era a vez de tentar destruir a condição intelectual, o arcabouço cultural representado na obra que o mais projetou culturalmente.

Uma questão intrigava as nossas pesquisas. Quem foi o autor de tais matérias postas no jornal “O Nordeste”? Qual seria o fundo, a finalidade por trás de todo esse jogo de vaidades e poder? Que espaços estavam sendo verdadeiramente disputados?

Para além da dimensão política partidária acima citada, visto que Felte Bezerra tinha uma relação próxima com o grupo oposicionista ao PTB e mesmo rejeitando a ocupação de cargos públicos que lhes fora oferecidos, parecia incomodar com os seus discursos e suas obras a outros intelectuais sergipanos. Em matéria publicada no dia 18 de julho do ano de 1959, intitulada “A Mediocridade de Felte Bezerra”, o mesmo impresso voltara a atacá-lo veementemente. Mais uma vez, a redação de “O Nordeste” alegara que o Sr. Baepeba, pseudônimo do jornalista que perseguiu Felte Bezerra com uma série de publicações numa seção intitulada “FLECHADAS NA ALDEIA”, recebera uma carta no dia 16 do mesmo mês e ano, questionando sobre a condição de “[...] mediocridade que está sendo posta em foco por sua pena causticante e verdadeira.”

Em primeiro olhar, o Baepeba sofrera crítica porque estaria sendo posto à prova em denegrir alguém que circulava como intelectual. Uma simulação que em seguida dá o tom pesado e irônico da própria intenção. Alegava-se que o autor da carta ao Baepeba teria algo de inocência e ignorância, visto que se tivesse “[...] alguma leitura e raciocínio [...]”, jamais levaria a sério “[...] a suposta cultura desse *cavalheiro*, dentista fracassado, professor de escassos recursos propedêuticos e banqueiro extorcionista na cobrança de juros judaicos.” Observamos que para além da tentativa de retirar a condição intelectual, existiu a necessidade de romper com a dimensão de honestidade. Felte Bezerra estava à frente da gerência do Banco Rezende Leite S/A, de propriedade da família de sua esposa e atribuí-lo a aplicação de juros exorbitantes em operações bancárias, iria de encontro a sua honestidade e transparência, moral, lisura e ética na condução de sua gestão bancária e de sua integridade humana.

O “Baepeba” acusava-o de plagiar as crônicas sobre músicas feitas pelo redator do jornal “Correio da Manhã”. Em 1959 dentre outros quem mais aparecia comentando as matérias sobre música no impresso Correio da Manhã, era o jornalista Eurico Nogueira França. Não podemos precisar se foi sobre esse cronista que suspostamente Felte Bezerra plagiara os comentários, como se referiu o “Baepeba”. Os indícios nos mostram que Felte Bezerra escreveu muitas crônicas sobre música, teatro e diversos outros assuntos. Sobre música especificamente, disse o Baepeba que “[...] mastigava com dificuldade e digere pior.”

Em todos os campos em que Felte Bezerra se dispôs a escrever foi combatido. No dia 25 de agosto de 1948 no “Diário de Sergipe”, Felte publica uma matéria intitulada “*Folk-Lore*”, tratando das origens do termo a partir das pesquisas desenvolvidas em 1848 pelo inglês William John Thoms e passeava pelos pensamentos

dos antropólogos nacionais como Arthur Ramos, Câmara Cascudo, Sílvio Júlio, Renato Almeida, Lindolfo Gomes, dentre outros e concluiu com as contribuições dos credenciados sergipanos Sílvio Romero, João Ribeiro, Clodomir Silva e Prado Sampaio, destacando o continuísmo das pesquisas sobre folclore por José Calasans “[...] o mais credenciado pesquisador e conhecedor de nossas sobrevivências folclóricas.”

O “Baepeba”, todavia, não poupou suas produções e na mesma matéria de “O Nordeste” publicada no dia 18 de julho do ano de 1959, como acima intitulada, afirmou:

Meteu se a folclorista. Cópia o que está escrito sôbre a matéria, socorrendo se ainda, para demonstrar conhecimento, das publicações do IBECC, divulgadas pela respectiva Comissão, com séde no Itamarati. É sabido que depois de Sílvio Romero, Manuel dos Passos, Prado Sampaio, Clodomir Silva e Mario Cabral pouco há a investigar no terreno folclórico em Sergipe. O sr. Felte Bezerra é bem capaz de surrupiar o documentário folclórico, inédito, que lhe confiou, para leitura, o pesquisador sr. Carvalho Déda, de Simão Dias. (O NORDESTE, 18 de julho de 1959).

Houve uma declarada intenção de desconstruir não apenas a dimensão cultural do ser, mas também, os valores estabelecidos nas relações de confiança com os pares, com os amigos. O impresso que já havia tentado desarticular as relações com o médico psiquiatra Garcia Moreno, agora tenta desestabilizar as relações de amizade e confiança com o jurista Carvalho Déda. Golpes mais fortes estavam por vir. A obra que Felte Bezerra tanto valorizou, ápice de sua produção intelectual em antropologia, reconhecida por muito dos antropólogos no Brasil e no exterior, passou a ser objeto de críticas violentas.

Que jogo de interesses motivou o “Baepeba” a alcançar o que alçou Felte Bezerra ao reconhecimento da sua monografia “Etnias Sergipanas”?

O reconhecimento dos seus pares registrados em cartas (2010)¹⁶ e as diversas construções teóricas publicadas em suas obras, firmaram o odontólogo, fascinado pelos estudos culturais, em antropólogo vocacionado. Na contramão dessa representação, as fontes foram determinando a ambição e as fronteiras que representam as memórias, extensões que descristalizaram as virtudes inabaláveis do homem estereotipado na formalidade do culto, do polido, do justo.

¹⁶ No livro *Destinatário Felte Bezerra*, Beatriz Góes Dantas, publica cartas trocadas entre Felte Bezerra e grandes antropólogos de sua geração. Cf. DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (orgs.) **Destinatário: Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

Lembranças que entornaram o seu nome, nem sempre se atrelaram ao veio das ciências. Do contrário, revelaram aspectos intrigantes e reinventados das suas multidimensões, nem sempre presa aos títulos, cargos e posições sociais. Descortinado, dando-se a conhecer nas memórias daqueles que, com ele, transitaram pelas terras sergipanas e cariocas, perto dos nichos das suas variadas atividades, em terreno onde se travaram “guerras” sobre a égide de um poder simbólico que vai ditando as concepções validadas por sua própria existência, Felte Bezerra ficou sobre a mira de várias lentes e com elas os registros das impressões do passado vivido ou até mesmo de fatos rememorados, ainda que pelo “ouvir dizer” sobre o sujeito e de sua obra.

“Etnias Sergipanas” teve o reconhecimento, como já afirmamos, de muitos dos antropólogos que se destacaram por seus estudos no cenários nacional e mundial, como foi o caso de Donald Pierson que reconheceu o valor da obra do intelectual sergipano.

- [...] As atitudes que mostra parece refletir um espírito de cunho verdadeiramente científico quanto ao ‘approach’ à própria realidade, a fidedignidade da observação e à altamente importante honestidade intelectual... Fiquei igualmente impressionado com os seus conhecimentos sobre a atual ciência e os instrumentos de pesquisa que usamos. [...] DONALD PIERSON.¹⁷

Todavia, as perseguições continuaram a intentar inclusive sobre “Etnias Sergipanas”, obra publicada em 1950 e que fala sobre “[...] as raízes étnicas do sergipano. Prefácio de Emilio Willems, ex-professor de pós-graduação da Faculdade de Sociologia e Politécnica de São Paulo [...]”.

Surgiu então um espaço para dizer de Felte Bezerra em um tempo curto, longe de trata-lo na competência e justeza de Georges Duby (1993)¹⁸, mas distante também de fechá-lo no absoluto da minha escrita, visto que foi preciso trabalhar com a convicção de razoabilidade em revelar um sergipano que não poderia ser esquecido no porão da história, mas que quando lembrado se revelara diferenciado do que disse a sua pena e boa parte dos seus pares. Agora a sua principal obra, a sua projeção como antropólogo, o seu tratado que o legitimou às cadeiras da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, sofreu uma depreciação veemente.

E ‘ETNIAS SERGIPANAS’ do sr. Felte Bezerra? Verdadeira colcha de retalhos. Êle apenas divulga, com pouca inteligência, trepado nas tamancas do genro endinheirado, o que se sabe, a saciedade, sôbre etnia e antropologia. O sr. Felte colheu, aqui e ali, com falsa adaptação ao nosso ambiente mesológico, o que

¹⁷ Cf. Livro de Recortes de Jornais de Felte Bezerra.

¹⁸ DUBY, Georges. **O domingo de Bouvines**. São Paulo, Paz e Terra, 1993, p. 19.

escreveram Silvio Romero, Felisbello Freire, Oliveira Neto, Barbosa Rodrigues, Orville Derby, Ferreira Pena, D'Orbigny, Lund, Martius e outros homens da ciência que nos estudaram. Arvora-se também em educador. É uma falta de respeito. De pedagogia entende ele tanto quanto o finado prof. José Rodrigues. Respeite os nomes de Helvécio de Andrade e curve se diante da impar competência do prof. Nunes Mendonça. E vive esse homem que se enquadraria bem entre os medíocres de Ingenieros, a cantar de galo no terreiro da cultura sergipano. Seu admirador, Caribé Monteiro. (O NORDESTE, 18 de julho de 1959)

O “Baepeba” já estava dentre os pseudônimos que nos deixaram atônitos durante as inquirições. Agora, o subscritor da carta usará o pseudônimo de “Caribé Monteiro”. Quem estaria por trás dessa tentativa de desconstrução do Professor Felte Bezerra e quais seriam as suas razões? Quem seria o “ébrio habitual” que o biografado declarava já ter várias passagens pela polícia, mas não revelara seu nome?

Outro dos indícios que entremeiam a sorte de pesquisadora ensaísta. Felte afirma que seu desafeto antes dessas declarações houvera publicado matéria, tecendo-lhe comentários sobre a sua obra. Em fevereiro de 1950, ano de lançamento da obra “Etnias Sergipanas”, o impresso “O Nordeste” publicou matéria assinada pelo político e jornalista Nunes Mendonça, intitulada “Registro Literário”, comentários sobre a coleção de estudos sergipanos publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sendo a vez da obra “Etnias Sergipana”, que correspondia ao VI volume da coleção. O subscritor foi adjetivando o Professor Felte Bezerra como um “[...] trigo de boa qualidade, tem valor, destacando-se, por isso, da meia cultura, joio pretencioso que quer impor entre nós sem outras credenciais que não o atrevimento, algum recurso financeiro e um anelzinho de *doutô* petulante, *made in thigh*. (O NORDESTE, 1950).

Mesmo com tom inicial de sarcasmo por sugerir que as construções intelectuais de Felte Bezerra foram “feita nas coxas”, adentra com respeito à obra “Etnias Sergipanas”, afirmando que os resultados são advindos de “[...] modernos conhecimentos de antropologia cultural e processos de exames adequados, efetuando pesquisas e tirando conclusões imparciais dentro no critério científico que deve presidir tais estudos [...]”. Mas, nada foi tão contraditório e surpreendente como os elogios lançados as palavras de Nunes Mendonça a Felte Bezerra. Permita-nos o leitor, toda a transcrição, motivada pelas contradições do dizer sobre o outro; motivada pela análise de como os interesses mudam a concepção sobre o outro e sobre si; e ainda, como o lugar de onde se escreve move a pena para divinização, diabolização ou neutralidade incontroversa. São os mister das investigações biográficas que colocam na linha tênue e

na corda bamba a “verdade” histórica. Restou-nos as hermenêuticas possíveis. Vamos aos fatos.

Felte Bezerra, inteligente e estudioso dos nossos problemas, tomou a si a árdua tarefa de investigar as etnias sergipanas, tentando reconstituir o quadro das nossas origens e das nossas heranças culturais. Seu recente trabalho outra coisa não é senão o resultado de penosos e acurados labores, orientados no sentido da investigação da verdade, por isso que permaneceu alheio ao *participis* que desvirtua muitas investigações e deforma tantas obras que hoje integram a nossa literatura na espécie, onde fulgem nomes como os de Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Almeida Prado, Roquete Pinto, Arthur Ramos, Oliveira Viana e tantos outros de incontestado valor. O grande mérito do livro de Felte Bezerra é o ser resultado de estudos e pesquisas de quem se não deixou arrastar por idéias preconcebidas, exageros anti-científicos e partidários incompatíveis. (O NORDESTE, 1950).

As descrições de valores atribuídas a Felte Bezerra e a sua obra, não condizem com as declarações nove anos depois por parte do mesmo subscrevente. E seria mesmo Nunes Mendonça o seu desafeto que se escondia em pseudônimos para desestabilizar os espaços conquistados por Felte Bezerra, seu capital cultural, sua moral e ética? Parece-nos que sim. E quem foi Nunes Mendonça?

Recorremos ao texto da autora Josefa Eliana Souza (2003) onde sintetizamos algumas informações sobre as principais faces da trajetória de José Antônio **Nunes Mendonça**. De militante do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), membro da Assembléia Legislativa, professor catedrático do Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB) e escritor adepto do escolanovismo, aos conflitos vividos em cada momento de sua vida, Nunes Mendonça foi apresentado. Fora uma figura polêmica que surgiu como presidente e principal articulador do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), criado sob inspiração do líder Getúlio Vargas.

Por circunstâncias financeiras Nunes Mendonça foi preterido a presidência do partido em detrimento de Francisco Macedo. A competitividade entre os petebistas tornara-se cada vez mais acirrada provocando uma facção dentro do PTB. O palco de disputas estava estabelecido, os boicotes à candidatura dos companheiros do partido e ao mesmo tempo adversários políticos começaram a acontecer. Na cisão do PTB havia os dissidentes ou getulistas, liderados por Nunes Mendonça, versus os macedistas, sob o comando de Francisco Macedo. A imprensa foi o grande veículo dos insultos e ofensas pessoais entre as duas alas do partido.

Acusado de não apoiar para o governo um nome que era do agrado de Vargas, a Comissão Executiva da facção getulista, expulsou Francisco Macedo do PTB. A ala macedista não tardou a se manifestar, acusando Nunes Mendonça de “Assassino da moral e do pudor” e o expulsou pouco tempo depois do mesmo Partido. A autora esclareceu que embora Nunes Mendonça fosse um homem de peculiar capacidade intelectual, envolvia-se frequentemente em grandes polêmicas, o que destacou os ataques reiterados pela imprensa ao nosso aqui biografado, Felte Bezerra:

Um fato que serve para comprovar esse comportamento foi a contenda travada com o professor Felte Bezerra através do jornal *O Nordeste*. Nunes Mendonça, sob o pseudônimo de **Baepeba**, publicou críticas ao professor Felte Bezerra. Posteriormente dois cunhados deste intelectual agrediram Nunes Mendonça, sob alegação de estarem recebendo insultos através de telefonemas anônimos. O temperamento ousado e irreverente do deputado, aliado ao conhecimento acadêmico que possuía, facilitavam o seu envolvimento nestas polêmicas. (SOUZA, 2003, p. 46)

Outro fator polêmico em que se envolveu Nunes Mendonça foram os projetos que apresentara no Plenário da Assembleia como Deputado. Dentre eles, a criação do instituto à assistência e recuperação social, onde se pretendia instruir a profilaxia da prostituição, prestando assistência moral e material as decaídas, causou bastante inquietação da população. E o projeto que instituía a merenda escola diária e obrigatória nos estabelecimentos de ensino primário, mantidos pelo Estado, gerou incômodo ao governo estadual que alegara falta de verbas para tal aspiração. E sugeria como resposta ao Sr. Nunes Mendonça que procurasse conhecer a realidade do Estado antes de apresentar tal proposta.

A não aprovação dos projetos, o expurgo do PTB, a derrota na Eleição de 1954, levaram Nunes Mendonça a dedicar-se exclusivamente ao magistério. Foi nomeado em 1955 professor do IERB e contratado algum tempo depois pelo Instituto Nacional de Assuntos pedagógicos (INEP) para desenvolver estudos sobre a Educação em Sergipe. Em 1958 não concorreu a mais nenhum pleito e dedicou-se ao lançamento do seu principal livro: *A Educação em Sergipe*. O IERB era uma escola associada aos preceitos tradicionais da vocação e da missão e a recepção à Nunes Mendonça já era negativa, pois o mesmo era tido como alcoólatra e irresponsável. Os problemas que envolviam a necessidade do ensino da moral e dos bons costumes só agravaram a situação de Nunes Mendonça, quando esse resolveu ministrar o que intitulou de **aulas vitais**, eram aulas

dedicadas à quaisquer coisas e 95% das perguntas das normalistas eram relacionadas à problemas sexuais.

Acusado de pregar imoralidade fosse através de termos pornográficos ou atos obscenos em sala de aula, Nunes Mendonça depois de muito relutar foi coagido à condição de uma Aposentadoria Compulsória. Afastado da sua função social de maior importância para sua vida, a sala de aula, Nunes Mendonça entendeu que não mais era possível reverter as máculas as quais foram a ele atribuídas. “O professor chorou, desesperou-se e pensou que fugir fosse a solução. Longe, deixaria para trás todas as mágoas e calúnias que tanto lhe entristeciam.” (SOUZA, 2003, p. 102). E assim, na década de 70 do século XX, Nunes Mendonça mudou-se para o Rio de Janeiro e em 1982, para Vila Velha Espírito santo. Morreu no ano seguinte. Sem o menor reconhecimento da imprensa aracajuana, a morte de Nunes Mendonça não foi divulgada em nenhum jornal da cidade.

As dimensões políticas, as disputas de reconhecimentos em nível intelectual, a briga por espaços sociais de desejos comuns, dentre outras, motivaram as alegações de Nunes Mendonça sobre todas as ações possíveis de Felte Bezerra.

O momento mais crítico desses desafetos e para nós um dos grandes motivos não revelados por Felte Bezerra para sua mudança ao Rio de Janeiro, foi a acusação que Nunes Mendonça fez sobre uma tentativa de homicídio tendo Felte Bezerra como suposto mandante e os irmãos Rezendes, seus cunhados, como executores da ação.

Na quarta-feira (5) de agosto do ano de 1959, o jornal “O Nordeste”, apresentou uma matéria que, certamente, chamou a atenção da sociedade sergipana, visto toda conotação sensacionalista no seu conteúdo. Tratava-se de uma suposta “tentativa de homicídio”, acompanhada do título “Covarde Agressão – Tentativa de assassinato contra o nosso Redator-Chefe Professor Nunes Mendonça”. A matéria estava assim estruturada: “O fato”; “Antecedentes do agressor”; “A vítima”; “Os motivos”; “A deslealdade dos Resendes”; “A repercussão”; “As providências”.

Registrou-se **dos fatos** que estavam os professores Nunes Mendonça e Franco Freire na Rua João Pessoa, em frente a Ótica Barreto, quando foram surpreendidos pela chegada dos irmãos Geraldo Rezende e José Rezende. Dirigiram-se ao Professor Nunes Mendonça de mão armada e “pelas costas”. “A agressão não se consumou graças a interferência de populares, que detiveram a fúria homicida dos agressores, tendo a vítima se portado com muita calma e paciência.”

Os Rezendes eram irmãos de Elza, portanto, cunhados de Felte Bezerra. O Nordeste deu ênfase aos **antecedentes** de Geraldo Rezende, como um homem de característica violenta pela sua própria história, destacando uma suposta agressão por parte do mesmo ao seu cunhado Antônio Ferreira de Melo Couto, conhecido como “Ferreirinha”, em frente ao Cine Rio Branco e, ainda, contra o próprio pai, o coronel Guilhermino Rezende, na Casa Aurora. “[...] É um indivíduo de índole violenta, agressivo e mau o Geraldo.” Quanto a **vítima**, uma verdadeira divinização.

O professor Nunes Mendonça, intelectual dos mais brilhantes, escritor, político, ex-deputado, é um cidadão calmo, pacato, incapaz de fazer o mal. Limita-se a causticar os maus pela imprensa, numa linguagem candente e incisiva. Mas é compreensivo, tolerante, bondoso e jamais agrediu a ninguém. Corajoso, mas não agressivo. Eis a vítima. (O NORDESTE, 05 de agosto de 1959).

As afirmações sobre os motivos da suposta tentativa de homicídio e os resultados já anunciados pela pesquisadora Josefa Eliana Souza, esclareceram as nossas dúvidas em ser Nunes Mendonça o desafeto de Felte Bezerra. Alegou-se que a ação dos Rezendes dera-se por alguns telefonemas recebidos de forma “insultuosa” por seus familiares e principalmente pelo pedido de “solidariedade” de Felte Bezerra pela providência de seus cunhados, por estar Nunes Mendonça usando o pseudônimo de “Baepeba” para atingi-lo. Na matéria Nunes Mendonça alegou nada ter haver com tudo que se dizia sobre Felte Bezerra.

Registrou-se na mesma matéria ainda a intervenção feita pelos deputados Durval Militão de Araújo e Napoleão Dória, junto à redação de “O Nordeste”, a pedido de Walter Rezende, irmão mais velho dos supostos agressores, para que o impresso não publicasse nada mais sobre Felte Bezerra. Houve na matéria uma formatação explícita que o motivo maior da suposta tentativa de homicídio seria as notas postadas em desfavor de Felte Bezerra, sendo esse o articulador do suposto crime cometido pelos seus cunhados. Clamou Nunes Mendonça por justiça, apresentando queixa-crime contra os autores e clamando pela intervenção do então Governador do Estado Luiz Garcia, por uma solução que acalmasse os ânimos dos agressores, com o objetivo de se reestabelecer a paz na sociedade sergipana.

O ano de 1959 foi difícil para Felte Bezerra. Não bastassem todas as tentativas de macular a sua imagem, desconstruí-lo como intelectual, desarticula-lo dos espaços conquistados, o extremismo de Nunes Mendonça o colocou numa condição de mentor de uma suposta tentativa de homicídio. Ressalvamos que Felte Bezerra em nenhum

momento se preocupou em responde-lo a altura. Não deu ênfase ao nome do seu desafeto e silenciou, não quis engrandecê-lo, colocando o seu nome em matérias ou comentando as suas “injúrias e difamações”.

Todavia, acreditamos que uma forte razão para a sua mudança de domicílio ao Rio de Janeiro, restou vinculada aos fatos ocorridos em 1959. Felte Bezerra sempre foi um homem que planejou as suas ações. Trocar o certo pelo duvidoso, de forma solta, factual, não nos pareceu claro. Deixar a condição de gerente do Banco Rezende S/A, as cadeiras de Etnografia e Etnologia, grandes paixões; deixar seus amigos, pares intelectuais; seus familiares, para se arriscar em investimento incerto? Não aparenta o perfil do homem descrito em sua trajetória.

As respostas a Nunes Mendonça poderiam ser feitas de várias formas. Sobre “Etnias Sergipanas”, a consagração já poderia ser apresentada pelos vários comentários de grandes autoridades da Antropologia feitos a sua obra.

É um pesquisador teimoso, direto, apaixonado. Tem o faro, a intuição, a coragem sagrada de discordar em face das verificações pessoalmente realizadas... Um analista frio, percuciente, descendo às raízes documentais. – LUIZ CÂMARA CASCUDO.¹⁹

[...] Qualidades de investigador metódico e cuidadoso reveladas pelo autor... trabalho, sem dúvida, de valor que, de agora em diante, não poderá deixar de figurar, nas bibliotecas dos interessados em tais assuntos, ao lado dos livros de Arthur Ramos, Donald Pierson e outros, cujas contribuições, neste campo, já se tornaram consagradas – ORACY NOGUEIRA.²⁰

Os comentários pejorativos restariam prejudicados, visto a imensa aceitação da obra em âmbito local e nacional. Esse jogo de poder pela ocupação de espaços e pela legitimação do outro, por vezes, conduzem os homens a extremadas posições. Os critérios da ética são rompidos a qualquer custo. Certamente, o Professor Felte Bezerra precisou de outros ares, o homem, o pai, o intelectual, o escritor, o gestor, o professor... tentou sair do “olho do furacão”, mas nada apagaria o seu legado, sobretudo, aqueles que resultaram dos seus ensinamentos e das suas obras.

Outra condição privilegiada de espaços desejados foi a ocupação da cadeira nº 2 (Cadeira Sílvio Romero) da Academia Sergipana de Letras, com sua eleição no dia 04 de agosto do ano de 1951, em vacância pela morte do Professor Magalhães Carneiro, sendo único candidato, mas com votação expressiva, demonstrado a vontade dos

¹⁹ Cf. Livro de Recortes de Jornais de Felte Bezerra.

²⁰ Cf. Livro de Recortes de Jornais de Felte Bezerra.

“imortais” em tê-los naquele *locus* da intelectualidade. No dia 1º de dezembro do ano de 1951 que tomou posse na Academia Sergipana de Letras, o Professor Felte Bezerra. A cerimônia ocorreu no Salão nobre do Instituto Histórico que, segundo matéria do Sergipe Jornal do dia 06 de dezembro de 1951, estava tomado por autoridades e outras pessoas dentre o povo sergipano. Recebido pelo presidente da Academia, o imortal Dr. Marcos Ferreira que após as boas vindas, abriu a sessão e franqueou a palavra ao novo acadêmico.

Felte Bezerra fez um discurso retomando a trajetória de Magalhães Carneiro, seu antecessor e de Silvio Romero, patrocinador da cadeira. Em seguida, O Dr. Garcia Moreno, amigo de velhas datas, responsabilizou-se pelo discurso de recepção. Em hagiografia extrema e prolixas palavras, fez uma retomada da história de vida de Felte Bezerra, elogiando-o por todo o tempo e escrevendo como se deu a sua “vocação” para o magistério, lembrando toda a sua condição de menino pobre e estudioso, sua frustração com odontologia, seu desejo pela Medicina e ausência de recursos financeiros para sustentar essa formação e, toda a sua conversão para o magistério pela influência do seu pai e do seu tio professores. Não faltou a consagração a sua obra “Etnias Sergipana”, fazendo breves comentários capítulo por capítulo e revelando os elogios e reconhecimentos de vários antropólogos como Gilberto Freire, Oracy Nogueira, Emílio Willems, Donald Pierson, Roger Bastide, Roquete Pinto, dentre outros. Encerrando o seu discurso, recebeu o novo acadêmico

[...]Trazendo-nos para o seu seio, a Academia Sergipana e Letras reabilita-se de suas repetidas crises de mau gosto, de seus incompreensíveis caprichos de mulher. Chegando no pleno viço da maturidade que se inicia imune, já as seduções das glórias provincianas, conduziu para esta casa as luzes de um nome nacional. Aqui como nos outros cantos da cultura sergipana, a vossa figura terá o relevo corográfico de um expoente. A Academia Sergipana de Letras vos agradece e vos saúda, Senhor FELTE BEZERRA. (SERGIPE JORNAL, 06/12/1951).

Todas as demais contribuições para o cenário cultural de Sergipe como o patrocínio de grandes nomes da música e do teatro que estiverem em nossa terra pela intervenção de Felte Bezerra enquanto fundador e presidente da Sociedade Cultural e Artística de Sergipe (SCAS). O geógrafo que discutiu a produção e exploração da salgema, do cimento, do Rio São Francisco e tantos outros. O representante na Alemanha no Congresso da Organização Internacional dos Trabalhadores Intelectuais.

Tantas foram as possibilidades, mas em nenhum momento expressou vontade de responder a Nunes Mendonça.

Sua filha Suzana Bezerra, em entrevista concedida no dia 14 de fevereiro de 2014 e relatando sobre as razões de sua mudança, afirmou que “[...] ele não se igualaria a esse sujeito [...]”. Afirma que seu pai recebeu convite de Antônio Carlos Aguiar, seu ex-aluno no Colégio de Sergipe, para abrirem comércio de compra e venda de imóveis, fundando a firma Corretores Associados, no Rio de Janeiro. Somou-se a isso a morte do seu sogro em 13 de setembro de 1959 e a atitude do seu cunhado Walter Rezende que um dia após o sepultamento do corpo do seu pai, Guilhermino Rezende, proprietário do Banco Rezende Leite S/A, “[...] tirou um depósito nominal para centralizar os negócios em si [...]”, mas que para evitar qualquer problema com a família da sua esposa, resolveu partir, visto que não daria certo trabalhar com o cunhado no banco.

Todavia, restou claro que esses fatos não tiveram importância alguma perto das críticas que o seu pai recebera de um “jornalistazinho, de apelido Zé de Zuzuca”. Essa, segundo Suzana Bezerra, foi apontada como a grande causa da sua mudança para o Rio de Janeiro.

Ao falar da vaidade de Felte Bezerra, a caracteriza como “uma vaidade intelectual”. Um homem de posições fortes, “severo” e que não cedia a qualquer contra argumentação. “[...] Papai trabalhava demais durante a semana, mas nos finais de semana se trancava em sua biblioteca com mais de três mil livros e estudava por todos os sábados e domingos [...]”.

Afirma a sua filha que o desejo do jornalista “Zé de Zuzuca”, seria o de conquistar os espaços intelectuais do pai e como não conseguira, começou a escrever qualquer “bobagem”. Apesar da entrevistada afirmar não conhecer os conteúdos das acusações ou saber se Felte tinha um desafeto, confirma a hipótese de ser este o motivo mais relevante que motivou o seu pai a deixar sua paixão pelo magistério, seus amigos, seus parentes e mudar-se para o Rio de Janeiro.

Apesar das revelações feitas por Nunes Mendonça sobre Felte Bezerra e seus cunhados, parece-nos que o estigma que prevaleceu sobre o biografado foi a do antropólogo, intelectual, professor, homem de grande cultura que contribuiu para a formação da juventude sergipana, para o desenvolvimento artístico e empresarial de nossa terra.

As memórias oscilam entre quererem que tentam mudar os fatos que realmente ocorreram e revelações que precisariam ser ditas e nunca foram. Suzana não parece

recordar ou querer recordar o profundo arrependimento que acompanhou Felte Bezerra até o fim de sua vida pela decisão anunciada de mudança de residência e domicílio para o Estado do Rio de Janeiro em 06 de fevereiro de 1960.

Fincou suas raízes em Sergipe desde do seu nascimento em 25 de dezembro de 1908 e durante os anos de sua trajetória de vida, desde da sua formação primária e secundária, as decepções da formação em odontologia e o grande trunfo de professor e antropólogo, sua vida foi de plena dedicação ao crescimento cultural do nosso Estado. Nas palavras de Felte Bezerra a louca decisão de mudar de domicílio e o arrependimento.

Vivi em Aracaju até 06-02-1960, quando cometi a louca aventura de me transferir para o Rio de Janeiro, já aos cinquenta anos. Uma aventura perigosa, para quem tinha estabilidade em Sergipe, inclusive moral, social e intelectual[...] fiz a maior asneira da minha vida. Deixei o banco, o ensino, os amigos, tudo, uma vida farta, em Aracaju e me transferir para o Rio de Janeiro. Meu mais errado passo na vida, dei-o, confiante e ingenuamente, quando me mudei para o Rio de Janeiro, a 6 de fevereiro de 1960. Para nós, eu e Elza, tudo mudou. Mudança de ambiente, terrível queda de *status*, um desastroso passo. (BEZERRA, 1988)

Os acontecimentos foram marcantes e de muita frustração. Do Dr. Felte Bezerra, o magnífico Professor de Etnografia, o antropólogo reconhecido em sua monografia *Etnias Sergipanas*, o membro da cadeira número 02 (Silvio Romero – patrono), o Diretor do Colégio de Sergipe, o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Diretor do Banco Rezende Leite S/A, o crítico e conferencista de música, teatro, o Presidente da Confederação das Indústrias, dentre outros, para mero desconhecido, desempregado e com marcas de dores profundas com a morte em 11 de março de 1972, causada por câncer, de sua filha mais velha, Virgínia. Esse último fato é retomado de uma forma que nas entrelinhas de sua pena, a dor se revela profundamente.

Nas memórias de Felte Bezerra, a ruptura não foi só geográfica, a reconfiguração do seu passado no afã dos seus 79 anos de idade, passaria pela classificação temporal de momentos de desgraças e de momentos áureos.

O presente vai ditando fortemente a retratação do passado. Ao bem revelar o seu olhar para Elza naquele momento, sem carro e transportando “[...] tudo para casa, no braço, como qualquer dona de casa da classe média faz aqui. Já está agora com quase 74 anos e já sente as desvantagens, embora se diga habituada e esquecida da vida em

Aracaju.” (BEZERRA, 1988). A vertiginosa queda de condição social e econômica provocou uma sensação de declínio.

Aqui a gente é apenas número. As barreiras aos desconhecidos e de fora são imensas. Somente de onde se é conhecido é no pequeno círculo do trabalho ou das relações. Tudo é difícil e complicado, no relacionamento ou em qualquer aspecto. Lá em Aracaju era respeitado professor, o diretor do Banco (pelo que me julgavam rico), o intelectual respeitado, um sujeito merecedor de consideração geral. Conhecido de todos. Tudo isso aqui desaparece. A única vantagem tem sido a publicação de livros, o que lá certamente não ocorreria, por falta de possibilidade de boas bibliografias da espécie do que escrevo. Tenho consciência de que meus livros são bons, sérios e não perde para outros da espécie. (BEZERRA, 1988)

Aspectos da solidão, da distância e da falta dos pares que alimentavam as discussões, o magistério e suas ações de docente da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, dentre outros aspectos foram revelando para o subscritor o peso e a medida de cada perda dos espaços que havia conquistado. Apesar de continuar publicando, o reconhecimento das suas obras ficou adstrito a um pequeno grupo de antropólogos ou estudantes de antropologia que consumiam aquele tipo de escrita.

O magistério era o seu palco, o local de realização das prelações sobre o que estudava profundamente, a antropologia. Mesmo sustentando a sua vocação e a sua paixão pela profissão docente, sempre afirmou a relação de descontentamento com o que recebia como remuneração na condição de docente. Por várias passagens da sua memória, idas e vindas da desvalorização salarial do professor.

Continuava amando o magistério, onde ganhava parques vinténs, até janeiro de 1960, quando requeri aposentadoria por tempo de serviço, dentro da lei. Fiquei com 13 contos de reis, moeda da época, mas as reformas de 1964-5, com a mudança da moeda, acabei recebendo a insignificância de cerca de 500 cruzeiros. Agora, quando escrevo estas notas, recebo cerca de 6 mil cruzados líquidos, o suficiente para morrer de fome... catedrático, por concurso... (BEZERRA, 1988).

A insatisfação declarada com as condições salariais da profissão docente não retiraram dele o comprometimento com os caminhos da docência de quem tinha em Abdias Bezerra e outros mestres, sua motivação. Desta forma, sempre recebeu as adjetivações de profissional dedicado, sério e assíduo e comprometido com as suas atuações na docência.

As memórias aqui reconfiguradas em indivíduos diferentes e sistematicamente organizada nos autorretratos do biografado, são dimensões que entremeiam as histórias

de vida de homens e mulheres em seus espaços sociais de *figurações* e conflitos, mas e sobretudo, permitem essa maneabilidade e razoabilidade intrínseca ao ser em si. Os jogos de poder vão e vem nas memórias dos homens, valores e pensamentos defendidos por uns não negam ou apagam as posições dos outros.

São as memórias, com e sem abusos, para a construção da escritura histórica. São verdades de cada homem, em cada lembrança, em Felte Bezerra e em seus contemporâneos, mas cabe ao historiador as hermenêuticas necessárias a construção dos fatos. É preciso ter cuidado então com os arranjos das memórias e para nós pesquisadores o caminho da crítica das fontes, suavizou os resultados da hermenêutica. Tudo o que foi revelado esteve sempre em linha tênue entre o consciente e o inconsciente, entre desejos de ser e o que realmente foi.

Felte Bezerra nos deu o desafio de para além de ler o que fora estruturalmente deixado subscrito por ele²¹, por isso a necessidade de sair da sua autonarrativa e chegar as memórias alheias. Desta forma, a filha, o sobrinho, e a imprensa na figura de Nunes Mendonça, foram relevantes para o confronto do que se queria construir na narrativa biográfica. Abrimos então um debate sobre os indivíduos e seus atos, sua circularidade, suas confluências e conflitos, necessários para formação de uma dialética das histórias de si. Mas, atentos as deformações, pelo peso do forjado ou do esquecido, construímos também as conclusões das contribuições de Felte Bezerra para o cenário nacional e local.

Desta forma, houve em nós essa necessidade de inaugurar o texto com esse retrato da história de si. De tanto dito e escrito, conhecer essa dimensão do “eu”, pareceu-nos relevante. Assim um pouco da infância e adolescência pela formação primária e secundária, mas para além da escola as relações familiares; a interferência dos seus condescendentes na formação do seu espírito moral e intelectual; o homem, o pai, o gestor, bancário, industriário, o amigo, o intelectual... Esses atributos e (des)valores pregados nos conflitos, foram necessários para conhece-lo, revelá-lo, e finalmente, olhando para além dos seus ombros, reduzimos as lentes a condição de professor de Etnografia da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, espaço que, por tempo certo, dividiu seus conhecimentos de antropologia com seus pares e alunos.

²¹ Felte Bezerra deixa claro em sua autobiografia como queria ser lembrado. Em nota afirma: “Até aqui, os principais episódios da minha vida, em ordem cronológica, salvo alguns esquecimentos, depois anotados como compreenderá quem o ler. Rio, 12 de julho de 1988.”

Os fenômenos construídos na educação superior foram se revelando, desde quando o Padre Luciano Cabral Duarte, dirigiu-se a Rua Moruim, até a residência do Professor Felte Bezerra, para fazê-lo o convite de ser professor fundador e titular das cadeiras de Etnografia e Etnologia. Segue então esse recorte microscópico da trajetória do Professor Sergipano Felte Bezerra, personagem relevante para a História da Educação sergipana e da História da Antropologia sergipana e nacional.

CAPÍTULO 2- AS CONTRIBUIÇÕES DE FELTE BEZERRA PARA O ENSINO SUPERIOR EM SERGIPE

No plano da narrativa sobre a história do professor Felte Bezerra outras fontes cruzaram nosso caminho despertando-nos para um traço relevante e indissociável de sua vida, suas contribuições para o Ensino Superior Sergipano. Entendemos como importante primeiro por se tratar de contribuições docentes, e, portanto, contemplar nosso foco, visto que essa dissertação integra-se a linha da História da Educação. Segundo, por esse *locus* representar, as práticas empregadas para a transmissão e concretização da circularidade dos saberes antropológicos de Felte Bezerra para formação dos professores de Geografia e História dispostos em suas ações docentes. Nos acervos do Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe e no Centro de Educação e Ciências Humanas da mesma instituição, adormeciam os registros que nos davam indícios de como Felte transitou no meio acadêmico.

Felte não foi simplesmente um professor, ele foi um estudioso e um docente de ofício das disciplinas de veio antropológico. Portanto, direcionamos nossos holofotes para o Felte professor do fazer antropológico, reduzindo, ainda mais, as lentes que atravessaram sua alargada história, focalizando neste momento a dimensão docente. Entendendo que a Etnografia representa esse fazer, por se tratar da descrição de povos no relativo a seus costumes como as raças, língua, índole, religião; configura-se na exposição escrita do conhecimento do Antropólogo. Não sendo entendida como método, mas o resultado, em forma de registros, das relações existentes entre pesquisador e comunidade pesquisada; buscamos na prática descritiva antropológica, isto é, na história da Disciplina Etnografia do Brasil, ministrada por seu primeiro docente, Felte Bezerra, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, suas contribuições docentes.

Todavia, é interessante registrar previamente que Felte Bezerra compôs o quadro de professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, desde sua criação. Ele lecionou a disciplina Geografia Humana em 1951, pois possuía um importante credencial, era professor catedrático do colégio Estadual de Sergipe. Entretanto, entendemos que o desígnio de Felte, era a cadeira de Antropologia. As fontes nos levaram a sugerir que ao desistir de cursar medicina, optando por abraçar a frustração de cursar odontologia, em virtude de ser a opção financeira viável naquele momento, foi-lhes transferido uma necessidade de aproximação às ciências médicas, mais adiante.

Além da Geografia, Felte construiu meticulosamente o caminho para ser o professor efetivo das cadeiras de Etnologia e Etnografia do Brasil, pois a tão “sonhada” disciplina de Antropologia era locada por médicos de formação, tratava-se de uma Antropologia Física e, portanto, não lhe era permitida à profissionais doutras áreas de conhecimento. As Disciplinas lecionadas por Felte podem ser visualizadas no quadro abaixo.

QUADRO 1- DISCIPLINAS LECIONADOS POR FELTE BEZERRA NA FCFSE

DISCIPLINA	SÉRIE	PERÍODO
Geografia Humana	1 ^a	1951-1952
Etnologia	2 ^o	1952-1959
Etnografia do Brasil	3 ^o	1953-1956
Antropologia	1 ^a	1959

Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da F.C.F.S.E.

Então, realizamos um recuo necessário para impetrar uma análise importante a respeito da história de Felte com a Etnografia.

Ao retornar à Sergipe no ano de 1933, Felte, com o estatuto privilegiado de “doutor” se percebia pouco habilidoso para lidar com a prática odontológica ao passo que encontrava certa inclinação pela profissão de seu pai, o magistério. Seguindo a mesma logicidade, vamos além, Felte tornar-se-ia um estudioso da Antropologia porque não lhe bastava ser professor, precisava ser um professor com requisitos de um médico, embora não fosse. Nossas suspeitas foram confirmadas através do resgate de missivas trocadas entre Felte Bezerra e Oracy Nogueira.

Atendendo sua natural curiosidade, devo declarar-lhe que não sou médico, embora tenha sido meu ardente desejo, e meus estudos de assuntos relacionados com a fisiologia e a medicina talvez representem uma espécie de compensação psicanalítica que o meu sub-conciente procura fazer... (Carta pessoal de Felte Bezerra, enviada em 05.10.1950)²²

Desse modo, não cultivamos informações em terra árida ou mesmo sugerimos uma leitura interpretativa com o intuito de construir um perfil psicológico de Felte Bezerra, mas demonstramos através das fontes coletadas sobre o biografado e de nossas

²² Cf. DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (orgs.) **Destinatário:** Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85). São Cristóvão: Editora UFS, 2009.p. 297.

interpretações sobre elas, a dimensão do ser professor e, neste caso, do ser professor de Etnografia do Brasil. Porque analisar Felte enquanto professor de Etnografia?

Porque entendemos que foi por meio da Etnografia que a ausência da medicina e o impedimento do exercício da Disciplina Antropologia foram compensados.

Porém, os fins justificaram os meios, mas nos intercursos dessa história houve um considerável empenho de Felte ao debruçar-se nos conhecimentos Etnográficos. Felte deixou sua marca registrada na história da Etnografia que estão representadas por pelo menos dois vieses; a construção de sua obra de cunho Etnográfico, a “Etnias Sergipanas” que nos deteremos em linhas a seguir e o outro por meio dos registros de Jackson da Silva Lima, autor que referencia Felte Bezerra como importante para história da Etnografia no século XX, em obra que reúne pesquisadores que já tratavam sobre o tema desde o século XVI.

Na obra de Jackson da Silva Lima (1984) a presença de registros etnográficos em Sergipe, data dos quinhentos com as anotações feitas na carta de Tolosa²³, descrevendo as ações catequéticas da Missão de Gaspar Lourenço em terras sergipanas. Naquele documento estão presentes, dentre outros assuntos, as lendas dos silvícolas, tomadas como instrumentos de compreensão das crenças locais pelos inacianos. As lendas estão presentes na cultura de muitos povos e, por vezes, são reveladoras de seus costumes e crenças.

A missão dos Inacianos é um verdadeiro confronto de costumes e, neste sentido, já podemos observar as experiências de duas culturas: a europeia branca, católica e civilizada e a indígena brasileira, politeísta, de costumes primitivos e de etnia parda.

Aqui as teias simbólicas de interpretação das culturas dos europeus e dos indígenas, dão o tom da percepção não meramente experimental. É possível perceber por um desmembramento do conceito de Cultura apresentado em Geertz (1978) que os registros em Cartas pelos jesuítas, não são apenas uma condição descritiva, mas uma busca de significados para o que está além da dimensão europeia.

No século XVII a febre da prata é, também, um exemplo típico do poder das lendas. Acreditava-se num grande lençol de prata em território sergipano, atraindo os olhares de muitos, inclusive dos colonizadores. O eldorado sergipano nunca se comprovou, mas a Etnografia segue a confirmar que nas origens dos povos sergipanos,

²³ Em Nunes (1984) a Carta de Tolosa é utilizada como manuscrito de prova da presença jesuítica em Sergipe e de suas contribuições para edificação de uma escola em Itaporanga.

o elemento místico descrito nas lendas, representa a simbologia de um povo, revelando os significados das suas tradições.

O poder de compreensão da cultura local é o caminho que as missões usam como arcabouço de sobreposição aos nativos. Inicialmente pela condição de *gentio*, posteriormente pela catequese. Um exemplo típico em Sergipe é a Missão do Geru que, por meio do catecismo bilíngue do Frei Mamiani introduziu, por aculturação, elementos como a trindade, a sagrada família, a supremacia de Deus sobre Tupã, dentre outros, numa tentativa de levar as “pobres almas”, à “salvação”.

Milagres, condições socioeconômicas, superstições, medicina rústica, as diversidades indígena, negra e branca, “[...] enfim todo um recorte sócio-cultural vivenciado dia a dia, exibido com riqueza de pormenores, embora primariamente interpretado [...]”, compõem as descrições etnográficas presentes nos setecentos e oitocentos. (LIMA, 1984, p.14).

A Etnografia em Sergipe durante o século XIX parece ganhar a condição de subsidiária da História. Em *A população de Sergipe (1888)* e em *História de Sergipe (1891)*, Felisbelo Freire constrói os primeiros registros de cunho científico sobre as origens étnicas de Sergipe. Mas, sob o alvorecer do século XX, outros personagens deixaram as suas marcas sobre as digressões etnográficas em Sergipe, a exemplo de Oliveira Teles (1907) com o exame das festas populares e da religiosidade “[...] descrevendo a alma ingênua dos são-cristovenses, suas tradições sacras e manifestações lúdicas, com esporádicas inclusões antropológicas.” (LIMA, 1984, p. 18).

Na obra *A Literatura Sergipana*, Prado Sampaio (1908) faz uso da Etnografia com subsídio para demonstrar o seu conhecimento sobre a cultura local. Sua obra é reveladora da realidade do povo e do Estado sergipano, através das concepções “etno-psicológicas” das lendas tradicionais de Sergipe.

É como divisor de águas que Jackson da Silva Lima apresenta a obra *Etnias Sergipanas* de Felte Bezerra. Para esse autor, o abra consiste numa verdadeira bússola sobre os saberes Antropológicos e Etnográficos, entendendo que a partir desse estudo a sociedade sergipana do século XX teve a possibilidade de conhecer a distinção entre as ciências supracitadas e seus específicos valores cognitivos. Nesse sentido, Lima destaca a contribuição de Felte como docente de Etnologia e Etnografia do Brasil na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, acreditando ser um marco importante para consolidação dos saberes Etnográficos no Estado. Como desbravador da disseminação

dos assuntos Etnográficos no meio acadêmico, Felte imprimiu sua marca na história da Educação Superior e da Etnografia no Sergipe dos anos 1950.

Os breves apontamentos dos autores e suas obras etnográficas através da visita a obra de Lima (1984) são revelações dos caminhos percorridos pela Etnografia sergipana até as considerações desse autor sobre Felte Bezerra.

O esquema metodológico escolhido por Lima, para demarcar, esse campo, baseou-se na categoria de História da Literatura Sergipana, que significa dizer “[...] preocupação com a historicidade das idéias em função única do contexto cultural sergipano [...]”. Aqui, esse autor da cultura sergipana, não pretendeu evidenciar os personagens da história sergipana, mas as contribuições geradas pelos mesmos ou por outros autores de divergentes naturalidades e que, entretanto, tivessem realizado escritos etnográficos referendando o Estado de Sergipe.

Foram, efetivamente, esses elementos de origem que, de uma ou de outra forma, contribuíram para um momento de estabilização científica e acadêmica da Etnografia em Sergipe.

Consideramos indissociável a produção do pensamento de Felte Bezerra, imbricado no seio de suas obras, a sua prática docente. Neste sentido, não deixamos de ponderar a relevância da sua produção pela análise, mesmo que panorâmica, de suas obras, o que, de certo, contribuiu para construção do pensamento antropológico e da história da antropologia em confluente contribuição para História da Educação em Sergipe, tendo em vista que, muitos dos ensinamentos presentes na disciplina Etnografia do Brasil, foram retratados nas suas aulas no curso de Geografia e História no período de 1953 a 1956.

Etnias Sergipanas (obra publicada em 1950) representa a prática Etnográfica de Felte Bezerra, num estudo contemplativo à sua terra natal, Aracaju. O prefaciador da obra Emílio Willems, além de ter contribuído efetivamente para construção das ideias ali contidas, com críticas e sugestões²⁴, ocupou um papel de destaque na história e consolidação da Antropologia no Brasil. Natural da Alemanha, Emílio Willems emigrou para o Brasil em 1931, logo após ter terminado seu Doutorado na Universidade de Berlim. Foi professor secundário nos estados do Pará e Santa Catarina e na Universidade de São Paulo, onde fora levado por Fernando de Azevedo, de 1936 a

²⁴ As críticas e as sugestões de Emílio Williems para com a obra de Felte Bezerra *Etnias Sergipanas* encontram-se registradas nas missivas trocadas entre os dois autores, no livro: DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (orgs.) **Destinatário**: Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85). São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

1948. Obteve o título de livre-docência em 1937 quando fora ministrante de sociologia na Faculdade de Filosofia. A influência de Fernando de Azevedo contribuiu para uma efetiva mudança de rota de Emílio Williems do campo da Sociologia para uma dedicação exclusiva a Antropologia. E a partir de sua condução, a disciplina Antropologia, da Faculdade de Filosofia, perdeu seu caráter intermitente e tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de Ciências Sociais e Geografia e História.

Outro marco desse professor foi a conquista, em 1947, da vigência do diploma de especialização em Antropologia, juntamente com os de Sociologia e Ciências Políticas. Ainda sob o auspício desse mesmo intelectual, a disciplina de Antropologia adquire a condição de Cadeira nº 49, sendo indicado para cátedra o próprio Emílio Williems. Apresentamos, ainda, os principais elementos presentes na obra *Etnias Sergipanas*, que *estrutura-se* em uma introdução e seis capítulos.

Etnias Sergipanas foi uma obra de circulação nacional, que gerou comentários de autores de grande parte do país, como Roger Bastide, Veríssimo de Melo, Donald Pierson, Oracy Nogueira, Roquette Pinto, Luis da Camara Cascudo, Fenando de Azevedo, José Calasans, dentro outros. Teve sua publicação reeditada no ano de 1984. Prefaciada por Emílio Willems *Etnias Sergipanas* é um livro que pretende esclarecer as prováveis origens étnicas do povo sergipano. Na visão do autor a periodicidade em que as pesquisas foram realizadas para construção dessa obra foi essencial para uma definição esclarecedora sobre a genealogia das Etnias no Estado de Sergipe, sem que houvesse a pretensão de esgotar o tema ou ainda de estabelecer conclusões definitivas a respeito da problemática.

Na introdução o autor apresentou aspectos gerais das culturas afro-indígenas dos primórdios à atualidade e a relação desses elementos (africanos e indígenas) com o processo civilizatório luso ao povo brasileiro. Afirmou que em se tratando de análise científica os investigadores precisavam reconhecer as contribuições tanto do civilizador quanto do civilizado. Contudo tocando em outro aspecto, o dos preconceitos raciais, considerando que essa seria uma explicação não científica por tocar na personalidade dos investigadores, tangenciando a neutralidade e a ciência, preocupando-se em exaltar a figura dos “oprimidos”. Trouxe conceitos antropológicos atuais à época entrelaçando com as concepções de biotipologia, estoques étnicos, padrões de cultura e noções de raça, dentro outros. Após apresentar tais temáticas realizou uma reflexão sobre Sergipe dentro desses elementos acima arrolados. No corpo do texto o autor traçou um panorama da colonização sergipana e separou em capítulos os elementos que figuraram

tal colonização: o Europeu, o Africano e o Indígena. Por fim apresentou o quadro étnico sergipano e os efeitos da miscigenação dentro de algumas perspectivas específicas como a questão do branqueamento, o estudo da íris dos olhos, a branquicefalia, a mortalidade e imigração, dentre outros.

Como consideração final, concluiu com mais veemência a ausência de preconceito racial em Sergipe, chegando a conclusão que o Status Social elevado sobrepunha-se ao prejuízo negativo do cidadão de cor negra. O autor revelou ainda que o negro tinha trânsito nos meios sociais e culturais sergipanos desde que os mesmos apresentassem um arcabouço intelectual necessário.

Evidenciamos os conteúdos do livro *Etnias Sergipanas* por esse figurar a correspondente ligação entre o pensamento antropológico do professor Felte com sua prática pedagógica como condutor da disciplina Etnografia do Brasil que integrou a rotina de alunas do curso de Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe nos anos de 1953 a 1956.

Deste modo, podemos perceber que a questão étnica de culturas de negros e indígenas e o estudo de formação do povo brasileiro presente na obra em epígrafe foi palco de discussão nas aulas de Etnografia do Brasil. Comprovamos essa informação através dos programas de ensino do Professor Felte²⁵ que elencou assuntos da mesma natureza, a exemplo desses conteúdos destacamos: Os tipos primitivos no Brasil, Aspectos e morfologia das culturas indígenas no Brasil, Os Estudos do Índio Brasileiro.

Em relação aos três temas da disciplina Etnografia do Brasil em cima mencionados, percebemos o posicionamento do professor Felte possivelmente aplicado em suas aulas. Para ele, o primitivismo brasileiro contava necessariamente com dois elementos, o negro e o índio e um terceiro elemento, que considerava de fundamental importância cultural, a civilização lusitana. Felte atribui aos portugueses civilizadores, não um papel de destruidores da cultura brasileira mas um povo de coragem que

“ora se indianizava, ora se africanizava, para dar ao Brasil, sem mal cuidar, uma formação própria, uma vez que seria erro, evidentemente, tentar a europeização de amarelos e negros; do elemento bugre, indomável, resistentes em suas incipientes culturas, como do alimento alienígena, para cá trazido à força, por submissão, mas que apesar disso revelou superioridade cultural sobre os naturais, na organização agrícola, na escavação dos minerais e especialmente em muitos aspectos espirituais. (BEZERRA, 1950. p. 18)

²⁵ Os conteúdos citados integram o programa de ensino do professor Felte Bezerra presente no Relatório Semestral do primeiro período do ano de 1953 da FCFSe.

Contudo, ressaltava ainda o extremismo arriscado que alguns pesquisadores adotavam em defesa veemente do negro e do índio. Que para além de uma tentativa de apresentar a organização social do povo brasileiro, tomava partido da situação apregoando juízos de valor, na tentativa de provar num grau hiperbólico unicamente seus aspectos vitoriosos.

A favor da cientificidade e neutralidade das informações, o professor Felte saudava os novos pensadores e comungava com eles, (tratava-se do século XX) que atingiram o meio termo nas interpretações sobre a temática em questão. Sem polarizar a favor dos civilizadores lusos ou dos povos afro-indígenas, buscava agora os fatos fruto de pesquisas idôneas, sem esconder possíveis pontos positivos ou negativos de civilizados e civilizadores. Para tanto, trouxe à baila os pensamentos de Gilberto Freyre, considerando-o quem melhor dissertou sobre a história do negro e do índio no Brasil. Relatou que Freyre,

Em procura da verdade, despe-se dos complexos daqueles que se refugiam na ocultação de todos os prejuízos do melanoderma; e não se arreceia de anunciar, procurando apoiar-se em bases científicas, a contribuição deles, em tantos pontos vantajosas, pelo menos dentro do rumo que o problema tomou em nosso país. (BEZERRA, 1950, p. 19)

O rompimento com a concepção de preconceito racial privilegiando o estudo racional, ou a técnica de investigação criteriosa expostas em alguns escritos de Freyre, por vezes mais literários que científicos, associou-se a vertente da história em que o professor Felte ancorou a fundamentação de suas análises. Portanto, em meio a exemplificações que houve sobre tentativas de estudar as raças e encontrar em sua diversidade uma divergência biológica, foi esclarecida pelo professor Felte, que caíram todas por terra. Primeiro pela quase inexistência de raça pura desde os mais tenros séculos, chegando-se a conclusão da existência de verdadeiros Stoks raciais e consequentemente a idéia de que quem condicionava ou determinava as oscilações do indivíduo não era a raça o qual pertencia mas os padrões culturais em que o mesmo estava inserido.

Com a produção reveladora de *Etnias Sergipanas* observamos os pontos de vista de temáticas que figuraram a disciplina Etnografia do Brasil lecionada pelo professor Felte. Foram três anos de contribuição como docente da disciplina Etnografia do Brasil (1953-1956). Entretanto, é importante ponderar que o afastamento de Felte Bezerra da sala de aula de Etnografia do Brasil não significou a estagnação de sua história no

campo antropológico, portanto, sob o auspício de apresentar as contribuições desse intelectual engajado na proposta de propagação das ciências antropológicas, formulamos sinopses de suas obras que configuram-se os préstimos de Felte Bezerra para com o campo antropológico ainda que desvinculado da Educação.

Após uma década afastado dos estudos antropológicos, Felte Bezerra decidiu atualizar-se e refugiou-se em seus novos livros e certamente na sua bagagem intelectual que trouxera, sobretudo dos anos que lecionara na FCFSe. Foram produzidas cinco obras de Antropologia, como podemos observar no quadro abaixo.

QUADRO 2- OBRAS DE FELTE BEZERRA DE 1972 A 1988²⁶

Título da obra	Ano	Estrutura
Antropologia Sócio-cultural	1972	6 Capítulos
Problemas de Antropologia-Do Estruturalismo de Lévi-Strauss	1976	2 Capítulos No 1º- 6 sub- capítulos No 2º- 6 sub- capítulos
Problemas e Perspectivas em Antropologia	1980	1 Introdução 9 capítulos
Aspectos Antropológicos Do Simbolismo	1983	Prefácio Introdução 5 capítulos
Análises Antropológicas - Estudo Teórico	1986	1 Introdução 5 Capítulos Citações e Indicações
África subsaariana: ontem e hoje.	1988	1 Introdução 9 Capítulos Reflexos conclusivos

Fonte: Quadro elaborado pela subscritora com fundamento nas obras de Felte Bezerra.

Em *Antropologia Sociocultural* (1972), Felte Bezerra realizou uma análise sobre a trajetória da Antropologia, adjetivando-as como Antropologia Clássica e Moderna como também sopesou a relação indivíduo- sociedade e indivíduo- cultura. Na primeira

²⁶ Este quadro foi construído sob o auspício das obras de Felte Bezerra que versam sobre Antropologia. Portanto, *Da terra* (1938) obra tese de concurso e *Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe* (1952) não foram aqui citadas.

relação trabalhou com temas como Religiosidade entre os ágrafos, suas crenças, ritos e cerimoniais, o culto dos antepassados, o simbolismo, magia, mito, totemismo e os sistemas de parentesco. Já na segunda, tratou da relação entre Antropologia e psicologia, o indivíduo no meio da cultura, o pensamento no primitivo e no civilizado, criação na infância e suas repercussões na vida adulta, ritos da puberdade, um estudo sobre os sonhos na ótica antropológica, efeitos da mudança cultural sobre o indivíduo, personalidade básica ou modal, caráter nacional ou tribal. Integrou ainda, um dos capítulos do livro a reinterpretação de técnicas de campo e esquemas estruturais bem como a apresentação do novo dimensionamento da Antropologia Econômica.

Em seguida, apresentamos pontualmente as principais informações sobre a obra *Problemas de Antropologia: Do estruturalismo de Lévi Strauss*. Acreditamos que a construção dessa obra foi reflexo da influência da trajetória docente de Felte Bezerra.²⁷ Desde a obra *Les Structure de la Parente* de 1949 de Lévi-Strauss, o professor Felte seguiu as trilhas desse pensador fosse para apoiar ou refutar suas idéias. Contudo, no primeiro capítulo e seus seis sub-capítulos, Felte analisou as obras de Lévi Strauss e dentre as análises estabelecidas, podemos perceber que os temas *Família e Parentesco*, a menção sobre *os Ameríndios*, e *a estrutura dos mitos e ritos*²⁸ presentes no pensamento de Strauss, foram devidamente criticados por Felte em sua obra.

Problemas e Perspectivas em Antropologia é o título da terceira obra produzida por Felte Bezerra no Rio de Janeiro. Em seu primeiro capítulo o autor dedica cinco sub-capítulos para tratar do mundo civilizado e do ágrafo, no segundo problematiza a questão das sociedades tribais e sociedades complexas, no terceiro aborda a Antropologia Política nos ágrafos e por fim discute a Antropologia Econômica nos primitivos.

Já a obra *Aspectos Antropológicos- Do Simbolismo*, foi um estudo prefaciado por Arthur Cezar Ferreira Reis, que foi membro do Conselho Federal de Cultura e apresenta perspectivas da simbologia e seus significados mais voltados para um conceito de Antropologia Cultural onde traz as relações entre simbolismo e a psicologia os Mitos, a Magia e a Arte. É um texto que trata, sobretudo no último capítulo, das questões mais teóricas sobre as abordagens ali postas.

²⁷ Na caderneta de Felte Bezerra referente a última aula do mês de maio de 1956 é possível constatar que esse professor já se valia do pensamento antropológico de Lévi-Strauss e o disseminava em sala de aula, antes mesmo da proliferação dos ideais Levistraussianos fortemente presente na década de 70.

²⁸ Os temas citados compõem a lista do Programa de Ensino da Disciplina Etnografia do Brasil do segundo semestre de 1953.

A sua penúltima obra intitulada *Análises Antropológicas - Estudo Teórico* trava uma discussão teórica sobre as classes ou estruturas sociais, apresentando no primeiro capítulo A Antropologia e a corrente marxista, posteriormente questiona a existência de uma antropologia econômica autônoma, no terceiro traça os modos de produção em povos fora da Europa e por fim retoma a eterna questão do parentesco. Conclui com análises, citações e indicações de leituras.

E por fim, *África subsaariana: ontem e hoje*. Sua última produção encontra-se decomposta em nove capítulos que versam sobre a história da África. Iniciou apresentando as origens e a pré-história da África, posteriormente tratou da redescoberta do negro africano, A Antropolinguística foi tema do terceiro capítulo, o quarto capítulo abordou a arte sul-africana, em seguida A Psicopatologia da mística Africana, o quinto trouxe questões Antropo- sociológicas na África atual, o penúltimo capítulo, as questões sócio-políticas na África e por fim a filosofia na África negra.

As considerações feitas aqui sobre os caminhos percorridos pela Etnografia revelam-nos uma discussão ampla sobre o lugar dessa disciplina no currículo do curso de formação de professores de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Além da afirmação de Dantas (2009) sobre a formatação de um currículo comum nas Faculdades de Filosofia no Brasil e do privilégio ocupado pela antropologia em relação a outras disciplinas, presente nos três primeiros anos em um curso de quatro anos, outra afirmação é possível e observável, a condição de cientificidade que dá *status* à Etnografia a condição de disciplina acadêmica.

Dos registros das lendas do século XVI à condição de ciência no período de autonomia em Felte Bezerra, é possível perceber que ao atravessar os muros da FAFI²⁹, a Etnografia teve legitimidade científica, vezes subsidiando outras ciências, como a História, outras apresentando os resultados de extensas pesquisas como as realizadas pelo Professor Felte em *Etnias Sergipanas*. Em um ou outro caso, o fato que o campo etnográfico registrou ao longo de sua academização, contribuições relevantes para formação e composição da História da Educação Superior em Sergipe, ocupando um lugar privilegiado no terceiro ano do currículo do curso em epígrafe e promovendo nas ações do seu maior representante, o Professor Felte Bezerra, a transmissão de uma linha de pensamento antropológico condizente com as principais obras nacionais e sergipanas de 1953 a 1956.

²⁹ Termo referente a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, carinhosamente utilizado pelas ex-alunas.

Fato que não poderíamos esquecer foi perceber que a função da Etnografia do Brasil era adaptar as alunas do curso aquela área de conhecimento, suas ideias e discursos, tornando-se prática cultural de amoldamento do futuro professorado sergipano, estruturando os seus pensamentos aos espaços acadêmicos de formação.

Mediante a construção deste estudo biográfico, surgiu num processo de interdependência a necessidade de transitar pela História das Disciplinas Acadêmicas. Entendendo a inegável simbiose entre o sujeito aqui biografado e suas contribuições na área das Disciplinas Acadêmicas, e vice e versa, trataremos da apropriação dos discursos etnográficos do Professor Felte, a construção da legitimação das suas práticas docentes pela reprodução dos seus pensamentos. Foi desta forma que apresentamos a seguir a relação estabelecida entre os programas da disciplina e os conteúdos que foram, efetivamente, registrados e discutidos durante as aulas de Etnografia do Brasil.

Ao ocupar a condição de disciplina da Cadeira 28³⁰ – Antropologia e Etnografia no curso de Geografia e História³¹, a Etnografia do Brasil delineou traços de sua História no Ensino Superior em Sergipe, contribuindo para formação dos professores a partir de um dos fins da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe que era o de “[...] preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal.”³² A vinculação da Etnografia ao Curso de Geografia e História preservou a tradição de Camper (1807), criador do termo Etnografia, que via nas viagens de exploração e confinamentos a possibilidade de catalogação dos ditos “selvagens” ou “primitivos”, estudando o grupo humano nos seus *locus* biológicos, somados aos seus aspectos de sua criação cultural.

O curso de Geografia e História, presente na seção de Ciências, possuía duração de três anos, estruturado por série e era composto pelas seguintes disciplinas:

³⁰ Ver o artigo 28, *in totum*, do Regimento Interno da FCFSe

³¹ O Curso de Geografia e História foi autorizado através do Decreto nº 29.311, sancionado pelo então Presidente Getúlio Vargas em 28 de fevereiro de 1951, embora a publicação tenha se dado no dia 2 de março do mesmo ano, na seção 1. O Decreto apresentava artigo único e concedia a autorização também para o funcionamento dos cursos de Filosofia, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Matemática.

³² Essa é uma das três finalidades descritas no Art. 2º do Regimento Interno de Instituição que trazia ainda as finalidades de “[...] promover o desenvolvimento da cultura do espírito, como modo de formação integral do homem e da elevação moral da sociedade.” Bem como “[...] estimular a investigação científica.”

**QUADRO 3- DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS DO CURSO DE
GEOGRAFIA E HISTÓRIA**

Distribuição das disciplinas do curso de Geografia e História por séries	
1ª Série	História da Civilização
	Geografia Física
	Antropologia
	Geografia Humana
2ª Série	Geografia Física
	História da Civilização
	História do Brasil
	Etnologia
	Geografia Humana
3ª Série	História da Civilização
	Geografia do Brasil
	Etnografia do Brasil

Fonte: Quadro elaborado com fundamento no Regimento Interno da – FCFSe

As informações dispostas no quadro acima demonstram, em destaques nossos, o lugar privilegiado da Antropologia e suas ramificações no currículo do Curso de Geografia e História. Como disciplina e campo de saberes a Etnografia do Brasil foi introduzida a partir do terceiro ano e, por seus conteúdos, o Professor Felte Bezerra compartilhou os saberes que compunham a sua acepção etnográfica, fosse pelo cumprimento do programa formatado pela Faculdade Nacional de Filosofia, fosse por sua adesão às influências de antropólogos presentes na década de 50 do século XX.

O Curso de Geografia e História era considerado de caráter ordinário, classificação atribuída àqueles cursos que dispunham de uma condição coletiva de disciplinas afins e de estudos necessários como condição imprescindível para obtenção de um diploma. Dentre estas disciplinas, a Etnografia do Brasil formava junto com as disciplinas de História do Brasil, Geografia do Brasil, História da América e História Contemporânea, a terceira série do curso.

É importante ressaltar que a conclusão do curso conferia ao discente o diploma de bacharel em Geografia e História. Para tornar-se licenciado seria preciso concluir mais um ano do curso de Didática composto pelas disciplinas de Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Fundamentos

Biológicos da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação.³³ Na Ata da 11ª reunião do Conselho Técnico-Administrativo (CTA), realizada no dia 9 (nove) de novembro do ano de 1953, o então Diretor, Padre Luciano Cabral Duarte, comunicou sobre a solicitação de autorização ao Ministério da Educação e Cultura, o funcionamento do curso de Didática

O sr. Diretor passou então a falar a respeito do Curso de Didática, que deverá começar a funcionar no próximo ano de 1954. Comunicou aos presentes que a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, havia requerido ao Ministério de Educação e Cultura a necessária autorização para fazer funcionar o referido Curso, e informou que no mês de outubro, estivera na Faculdade o dr. Hermilo Guerreiro, Inspetor Federal, procedendo à inspeção de praxe. Disse ainda o sr. Diretor esperar que no início do próximo ano tudo estará resolvido e o Curso de Didática poderá funcionar normalmente. (ATA DA 11ª REUNIÃO, 1953, p.14)³⁴.

As atas, os programas, as cadernetas, dentre outros vestígios, foram elementos que nortearam a compreensão do enredo que se formou em torno da disciplina de Etnografia do Brasil, bem como as contribuições do seu ator principal, o Professor Felte Bezerra. A História então foi se desenhando a partir de alguns questionamentos basilares para compreensão deste emaranhado de resquícios deixados a posteridade. Qualquer narrativa construída sobre a sua trajetória, implicaria em questionamentos como: quais os seus conteúdos? O que determinava o programa? Quem selecionava o que deveria ser ensinado aos futuros professores? De que forma se verificava a aprendizagem? Quem eram os seus alunos? Dentre outros.

As questões em História da Educação surgem com uma provocação às fontes em busca do fio condutor da pena do historiador. Por elas abrolham os ditames da escrita e a apresentação da “verdade” do pesquisador. O pó que se assoprou sobre as cicatrizes assentados na disciplina de Etnografia do Brasil também nos fez refletir sobre a mística do “Super Humano”, percebendo o Professor Felte Bezerra como um indivíduo com suas virtudes e também limitações, contributivo e ambicioso, dentre outros traços, típicos das inter-relações humanas. Um forte traço dessa condição foi a inquirir, por

³³ A louvação aos licenciados se dava pelos juramentos postos no artigo 139, § 2º “[...] Prometo, no exercício da minha profissão, cumprir, fielmente; os deveres da honra, da ciência e do magistério e tudo fazer quanto o permitam as minhas forças pela educação nacional e pela grandeza do Brasil.” E § 3º “[...] Receberei este anel como símbolo do grau que vos confiro. Podeis exercer o magistério para o qual acabais de ser licenciado.” Todos do Regimento Interno da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

³⁴ Em 19 de janeiro de 1954 é autorizado por Decreto nº 34.961, o funcionamento do Curso de Didática pelo Presidente Getúlio Vargas. Na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o Diretor, Padre Luciano Cabral Duarte,, sugere o nome do Professor Felte Bezerra para titularidade para cadeira de Didática Especial de Geografia e História.

exemplo, sobre os seus programas, visto que, cabia ao professor catedrático elaborá-lo, ainda que com a condição dependente de revisão de um Conselho Técnico-Administrativo (CTA)³⁵ e da aprovação da Congregação³⁶. De uma ou de outra forma, a disciplina tem proximidade com a batuta do seu titular e carrega os traços das suas ações pedagógicas. As indagações levantadas nos deram as condições de apresentar as nossas facetas da História de uma disciplina acadêmica em confluência com a História do seu titular.

Os programas como fonte de investigação da disciplina Etnografia do Brasil tinham o caráter de cumprimento total obrigatório e deveriam ser apresentados até o dia 31 de dezembro, data prevista nas obrigações dos professores no Regimento Interno, em seu inciso II, artigo 110, sob pena de incorrer nas sanções da congregação (advertência, e desconto em folha), caso não apresentassem em tempo hábil os pontos para as provas e não lançassem as notas da mesma nas datas previamente estabelecidas no Regimento Interno.

A elaboração do Programa da Disciplina Etnografia do Brasil seguiu, assim como os das demais disciplinas, o mesmo adotado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. No primeiro semestre do ano de 1953, é possível observar na Ata da 9ª reunião do CTA (Conselho Técnico-Administrativo) da instituição, a apresentação dos programas do cinco cursos da FCFSe e o procedimento de revisão e submissão à Congregação para aprovação. Presente o Professor Felte Bezerra apresentou o Programa da disciplina Etnografia do Brasil conforme quadro abaixo.

³⁵ Órgão deliberativo formado por seis professores catedráticos em exercício, eleitos pela Congregação e renovado anualmente com eleição de dois membros. Dentre outras atribuições tinha a função de revisar os programas de ensino, observando a sua vinculação e obediência ao que exigia o regulamento interno. (Art. 91 – Regimento Interno da FCFSe).

³⁶ Órgão Superior de direção didática formado por professores catedráticos, por docentes livres no exercício de suas cadeiras e por representantes dos docentes livres, eleitos anualmente pelos seus pares em eleições presididas pelo Diretor da FCFSe e pelos professores contratados. Dentre outras atribuições, possui a função de aprovar os programas depois de revistos pelo CTA, conforme disposto no artigo 96, V do Regimento Interno da Instituição em epígrafe.

QUADRO 4 – PROGRAMA DE ENSINO DO PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 1953- DISCIPLINA ETNOGRAFIA DO BRASIL, MINISTRADA POR FELTE BEZERRA

Conteúdos
Posição do homem brasileiro na pesquisa do <i>homo</i> americano.
Os tipos primitivos do Brasil
Ainda estudo do homem de <i>Luud</i> .
Os pesquisadores da nossa arqueologia.
Estudo dos sambaquis.
Os hipogeus hipogeus
Estudo da cerâmica amazônica
A estratigrafia arqueológica.
Nwund miracanguera
Cerâmica Tapajó.
Ídolos líticos, inscrições lapidares.
Muiraquitas
Os estudos do Índio Brasileiro
Classificações etnográficas.
Aspectos e morfologia das culturas indígenas do Brasil.
Os Tupis- classificações. Distribuição. Linguística
Os Tupis – Origens e migrações.
Os Tupis – Cultura Material.
Os Tupis – Cultura espiritual: mitologia e religião.
A mitologia tupi através das interpretações psicanalíticas.
A mentalidade mística de Levy Buihe (sic).
Histologia tupi.
Crença nos espíritos dos bosques.
A magia
O pagé, cerimônias funerais.
Os Tupis: Ritos de passagem
Os Tupis: Ritos de passagem (conclusão)
Os Tupis. Organização social.
Os aruac. Distribuição e classificação – Origens dos aruac
Tipo físico e cultura material.
Os aruac. Cultura espiritual. Organização social
Os gê – Distribuição, origens, classificação, cultura material.
Os gê – Cultura espiritual: mitologia, ritos de passagem.
Os gê - Organização social (cherente, apinagé, canela – timbira)
Os caribe – distribuição – migrações – classificações – Tipo físico.
Trabalho de estágio.

Fonte: Quadro elaborado com fundamento no Relatório do Primeiro período letivo de 1953 – FCFSe (p.43)

Dos pontos apresentados no Programa acima, alguns nortearam os trabalhos de estágios apresentados pelas alunas Elisete Batista Nogueira, Gildete Santos Lisboa, Josefina Sampaio Leite, Maria Clara V. de Faro Passos e Magnoria de Nazaret Magno,

sobretudo os vinculados aos temas referentes à Cultura Material. As três primeiras alunas expuseram sobre os seguintes temas: Cultura Material dos Tupis, Cultura Material dos Aruac e Cultura Material dos Tupis, respectivamente. As duas últimas discorreram sobre Lendas e Mitos dos Tupis e Povos Aruac, respectivamente. Observemos o privilégio atribuído à concepção cultural dos povos nativos, objeto e objetivo da Etnografia do Brasil aqui já superando apenas a dimensão física dos primórdios desta ciência e se fundindo com a compreensão dos modos de ser dos povos por compreensão das suas culturas.

As médias das notas do estágio eram parte dos critérios para inscrição nas provas parciais, isso porque, a instituição possuía seu ano letivo organizado por períodos, dois a cada ano. O primeiro iniciava em março e terminava no dia 30 de junho e o segundo tinha início em agosto e finalizava em 30 de novembro. Nesse ínterim, era realizada a verificação da aprendizagem através de provas parciais na segunda quinzena de junho e novembro, momento em que era exigido dos alunos a produção de uma “[...] dissertação ou resolução escrita de questões propostas sobre o ponto sorteado.”

O Professor Felte Bezerra ministrou até o final de junho (primeiro semestre) 44 aulas, das 54 que deveriam ser ministradas, correspondendo a aproximadamente 81,5% de cumprimento obrigatório das aulas a serem ministradas. Nesse período os pontos apresentados na tabela acima serviram de formação e condição para que os discentes se submetessem a primeira prova parcial de Etnografia do Brasil. A primeira avaliação durou duas (2) horas e compuseram a banca de avaliação os seguintes examinadores: Felte Bezerra – 1º examinador; Petru Stefan – 2º examinador; José Silvério L. Fontes – Presidente da banca.

Foi então realizada no dia 18 de junho de 1953 o primeiro exame parcial de Etnografia do Brasil com os resultados distribuídos conforme quadro abaixo:

QUADRO 5- RELAÇÃO DE FREQUÊNCIA, MÉDIA DE ESTÁGIOS E 1ª NOTA PARCIAL

Nome do Aluno	Frequência	Média do Estágio	Nota do 1º Examinador	Nota do 2º Examinador	Nota do 3º Examinador	Médias
Elisete Batista Nogueira	36 presenças e 8 ausências	8	7	7	7	7
Gildete Santos Lisboa	33 presenças e 11 ausências	8	7,5	7,5	7,5	7,5
Maria Clara Vieira de Faro Passos	37 presenças e 7 ausências	8	8	8	8	8
Magnoria de Nazareth Magno	37 presenças e 7 ausências	8	8	8	8	8

Fonte: Quadro elaborado com fundamentos nos relatórios, boletins de notas, fichas de frequências e boletim de médias de estágios da FCFSe

Optamos por elaborar o quadro com informações para além dos resultados da primeira prova parcial, visto que, só estaria o discente apto para fazê-la se atendessem as recomendações dispostas no artigo 69 do Regimento Interno da FCFSe que exigia no mínimo 70% de frequência nas aulas, participação de pelo menos 2/3 dos discentes nos trabalhos práticos e média das notas do estágio não inferior a cinco. Foi possível identificar no quadro que todas as alunas assumiram as condições exigidas, inscrevendo-se na prova parcial, as quais registraram seus sucessos, com exceção de Josefina Sampaio Leite que, embora matriculada na disciplina³⁷ e tendo realizado o trabalho de estágio, não realizou a primeira chamada da primeira prova parcial.

A referida aluna realizou a primeira prova parcial na segunda chamada no dia 07 de agosto de 1953. Os motivos da falta à primeira chamada e que dariam condições de realização da segunda chamada da primeira prova parcial consistia em morte do pai, da mãe ou do irmão, ou por motivo de doença. O requerimento deveria ser feito no prazo de oito dias a partir do impedimento³⁸.

As notas expressaram certo corporativismo entre os professores examinadores, visto a uniformidade das mesmas, conforme tabela acima. A expressão de unidade foi

³⁷ Tanto na relação de trabalhos de estágio apresentados pelos alunos com julgamento dos professores, como uma das condições exigidas para realização da primeira prova parcial da disciplina de Etnografia do Brasil (p.58), como do mapa mensal de frequência dos alunos da terceira série do Curso de Geografia e História (p.188), do Relatório do Primeiro Período Letivo, constam o nome da aluna Josefina Sampaio Leite.

³⁸ Ver art. 68, §§ 1º e 2º do Regimento Interno da FCFSe. Além das alegações apresentadas, exista ainda a exigência de juntada do documento que comprovasse a ausência à prova e a temporalidade da segunda chamada que deveria respeitar a anterioridade à prova parcial seguinte.

típica de um discurso conciso, formatado pela Faculdade Nacional de Filosofia e compilado por normas da FCFSe para o implemento de uma cultura acadêmica de unidade. Observa-se a tendência de se seguir o voto do Professor titular da disciplina e os pares se fortaleceriam pela verificação pareada da aprendizagem, conforme quadro acima. Ao atribuírem as mesmas notas, os professores parecem possuir os mesmos argumentos, pensamentos e olhares sobre a aprendizagem, visto se tratar de uma banca?

Da condição de ramo da ciência antropológica à disciplina de um curso superior, a Etnografia do Brasil, passou pelo enquadramento acadêmico. Fato instigante foi compreender as reduções estabelecidas sobre o Programa da disciplina Etnografia apresentado e revisado pelo CTA no dia cinco de março do ano de 1953 e, após a submissão à Congregação no dia seguinte do mesmo mês e ano passa a ter a seguinte redação: **QUADRO 6- PONTOS LECIONADOS DA DISCIPLINA ETNOGRAFIA**

DO BRASIL DE 1953

1-	Posição do homo brasiliensis na pesquisa do homo americanus. O homem primitivo na Brasil.
2-	O Índio Brasileiro. Desbravadores de nossa arqueologia e etnografia.
3-	Sambaquis. Mound-builders. Cavernas & Hipogeus. Estearias. Estações líticas. Material suspeito. Inscrições rupestres.
4-	Morfologia das culturas índias no Brasil.
5-	Distribuição etnográfica dos índios brasileiros.
6-	Os tupi.
7-	Os aruac.
8-	Os Ge e os caribe.
9-	Os boróro. Os nanbiquara. Outros grupos.
10-	O Negro Brasileiro. A escola de Nina Rodrigues.
11-	Raças e Culturas negras, na América e no Brasil.
12-	Morfologia e deformação das culturas negras no Brasil.
13-	Estoques e culturas europeias. O português. Espanhóis e italianos. Alemães e holandeses. Outras correntes imigratórias. O japonês.
14-	Problemas e aspectos de mestiçagem no Brasil.
15-	Problemas e aspectos de aculturação no Brasil.
16-	Sobrevivências culturais. O folclore brasileiro.

Fonte: Quadro produzido conforme consta no programa da disciplina Etnografia do Brasil de 1953.

Não sabemos precisar se a Congregação sugeriu a modificação, tendo em vista que dentre outras funções, aprovava os Programas já revistos; ou se o Professor Felte Bezerra teve a liberdade de fazer as devidas modificações. Foi então a partir desta proposta que foram elaborados dez pontos para prova parcial da primeira chamada e dez para segunda chamada. Desses, foram sorteados três quesitos para primeira chamada e três para a segunda, conforme veremos em tabela abaixo. Antes foi importante observar a prevalência de alguns conteúdos, provavelmente norteadores das ideias de formação etnográfica que contemplariam as necessidades dos futuros professores nos pontos, como aqueles que diziam respeito à Cultura Material, embora não contemplados no sorteio para a prova, formavam boa parte dos conteúdos.

A preponderância desses conteúdos se deve em parte pela influência exercida pelo antropólogo Arthur Ramos (1903-1949) sobre os fundamentos etnográficos defendidos por Felte Bezerra. O médico psiquiatra alagoano se favoreceu das premissas nacionalistas plantadas pelas agendas políticas do Estado Novo, implantando o sentimento de brasilidade e difusão da homogeneidade do povo, daí a valorização da cultura para edificação de uma suposta identidade nacional. Neste sentido, os aspectos culturais indigenistas são destacados em muitas das suas obras como, por exemplo, **Introdução à Antropologia Brasileira**, livro adotado pelo Professor Felte Bezerra e presente no acervo da Biblioteca da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

O trabalho de Ramos (1947) assume uma tendência conciliatória entre a Etnologia e a Etnografia, daí o destaque não só dos aspectos físicos do “nativo”, mas também, a conciliação com aspectos culturais, sem dualidades. Depreende-se da obra referida, todos os conteúdos trabalhados pelo Professor Felte Bezerra, a exemplo dos capítulos: III “Os tupi-gaurani: cultura material”.

É possível constatar os critérios arqueológicos e da pesquisa direta das tribos como possibilidades de caracterização da cultura material Tupi descrita em páginas de 65 a 84. Ramos (1947) aponta o *modus operandi* de pesquisa sobre fontes antropológicas. Afirma sobre as possibilidades de reconstituição da Cultura Material por meio das pesquisas paleo-etnológicas ou pela análise das produções deixadas pelos missionários (como crônicas, sermões, gramáticas, dentre outros). Outro ponto comum são os estudos sobre os gê, apresentados no capítulo V. Os Aruak no capítulo VI. Enfim, todos os assuntos tratados na disciplina Etnografia do Brasil no ano de 1953, podem ser constatados da obra adotada de Ramos (1947).

Essas identificações conduziram a nossa interpretação de filiação de Felte Bezerra às ideias de Ramos, tomando-o como o seu principal referencial teórico. Outra vinculação se dá pelo fato de, categoricamente, os relatórios afirmarem que “[...] os programas seguidos pelos professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, são os mesmos adotados na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.” Arthur Ramos foi catedrático de Antropologia e Etnologia da Universidade do Brasil e assumiu a chefia do Departamento de Ciências Sociais da Organização Educacional.

QUADRO 7 – RELAÇÃO DOS PONTOS SORTEADOS PARA PRIMEIRA PROVA PARCIAL DA DISCIPLINA ETNOGRAFIA DO BRASIL

Disciplina	Professor	Ano/Período	Prova Parcial – Pontos Sorteados	
			1ª Chamada	2ª Chamada
Etnografia do Brasil	Felte Bezerra	1953 – 1º Período	Os povos Pareci	A cultura material dos Tupis
			O pagé entre os tupis	Do significado dos hipogeus
			A tanga de barro	Interpretação da saudação lacrimosa

Fonte: Quadro elaborado com fundamento no relatório do primeiro semestre de 1953 da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (p.199 e 202)

De uma ou de outra forma, os futuros professores vão sendo formados com a prevalência forte da Antropologia ao longo do curso. Essa relação com os saberes é também uma relação de poder. Por que essa e não outra ciência ocupou lugar privilegiado? Os saberes não são forjados sem intencionalidades. Os elementos nacionais da cultura precisaram ser incorporados e, possivelmente, difundidos por esses futuros professores nas suas salas de aula. A Etnografia do Brasil vai cumprindo o seu papel no campo acadêmico, qual seja, ser a ciência responsável também em difundir uma identidade nacional, atemporal e passível.

Observou-se no início do relatório do segundo semestre do ano de 1953 como os cursos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe passaram a exercer uma influência cultural sobre a sociedade sergipana, pela afirmação ali contida de que “[...] inúmeras são as pessoas que visitam com interesse, colhendo informação sobre o andamento do curso, a eficiência do ensino ministrado e estudantes que solicitam programas do próximo concurso de habilitação”.³⁹ Embora, a realidade das matrículas apresentassem um número reduzidíssimo de alunos nos cursos superiores oferecidos pela instituição.

³⁹ O concurso de habilitação para a matrícula inicial ocorria sob os auspícios das normas editadas pelo Ministério da Educação e Saúde.

A concepção de exame se reproduziu no segundo período tendo a banca os mesmos examinadores. Todavia, uma preocupação recorrente por parte do Padre Luciano Cabral Duarte se deu com o número demasiado de ausência dos alunos, fato que motivou o descumprimento dos 2/3 de frequência às aulas e a não participação na segunda prova parcial. A disciplina Etnografia do Brasil seguiu os ritos e o seu catedrático continuou compilando a obra de Arthur Ramos nos seus últimos capítulos, conforme atesta o relatório do segundo período em sua página 4.

A presença dos discentes significava a sobrevivência da FCFSe, tendo em vista o seu já reduzidíssimo número de alunos. Na disciplina Etnografia do Brasil, as cinco (5) alunas do primeiro semestre, seguiram no segundo estudando os conteúdos apresentados no novo programa. Felte Bezerra passou a discorrer sobre a organização social, as culturas material e espiritual das tribos brasileira (Borôro, Nambiquara). Mas, foi no segundo período que o negro brasileiro também passou a ser objeto de estudo, seguindo-se as recomendações de Arthur Ramos, a partir da página 436.

No dia 20 de novembro de 1953, as mesmas cinco alunas matriculadas e já citadas acima durante o primeiro semestre, passaram pela segunda prova parcial e enfrentaram a banca examinadora com modificação em relação à sua composição com os catedráticos Felte Bezerra, Lucilo Costa Pinto e José Silvério Leite Fontes. Apesar do destaque anunciado sobre os assuntos das origens, tipo físico, aculturação, dentre outros, dos negros brasileiros, o Professor Felte Bezerra deu pouca atenção a esses assuntos, destacando outros pontos para segunda prova parcial conforme se observou no quadro abaixo:

**QUADRO 8 – RELAÇÃO DOS PONTOS DE ETNOGRAFIA DO BRASIL PARA
SEGUNDA PROVA PARCIAL**

Disciplina Etnografia do Brasil-Profº Felte Bezerra/ Ano/ Período 1953 -2º Semestre
Conteúdos
Os japoneses e sua aculturação no Brasil – Cultura coruba no Brasil. A escola de Nina Rodrigues
Os alemães e sua aculturação no Brasil – Os espanhóis no Brasil. Origens e habitat dos Nambiquara
Os Borôro (Cultura espiritual) – Os Fanti Ashanti – Cultura Material dos Nambiquaras.
Cultura sudanesa – islamizada e sua influência no Brasil – Tipo físico do Nambiquara – Aculturação japonesa no Brasil.
Origens do homem de Portugal na época pré-histórica – Culturas negras no Novo Mundo – Organização social dos Borôros.
Os elementos germânicos imigrados no Brasil – Cultura material dos Borôros – O problema da aculturação entre nós
Imigração lusitana no Brasil no período colonial – Posição dos Estudos do Negro no Brasil – Contactos de raça.
Influência da cultura bântu no Brasil – Os Nambiquara (Cultura espiritual e organização social)
Os carajá – Correntes imigratórias italianas – aculturação intertribal do negro brasileiro
Paralelo das correntes imigratórias lusitanas, germana e japonesa. Localização, habitat e tipo físico dos Borôro – O problema da miscigenação entre nós.

Fonte: Quadro elaborado com fundamento no Relatório do segundo semestre do Curso de Geografia e História da FCFSe

Observou-se em destaques, que pouco se privilegiou os conteúdos sobre o negro brasileiro, sobretudo nos pontos que foram sorteados no dia 20 de novembro de 1953: Aculturação dos alemães no Brasil, Origens e habitat dos Nambiquara e A imigração espanhola no Brasil, influências. Cumprida as condições obrigatórias pelas alunas para realização da prova, obtiveram-se os seguintes resultados:

QUADRO 9- RELAÇÃO DE MÉDIA DE ESTÁGIOS E 2ª NOTA PARCIAL DA DISCIPLINA ETNOGRAFIA DO BRASIL

Nome do Aluno	Média do Estágio	Nota do 1º Examinador	Nota do 2º Examinador	Nota do 3º Examinador	Média
Josefina Sampaio Leite	8	8	8	8	8
Maria Clara Vieira de Faro Passos	9	7	7	7	7
Gildete Santos Lisboa	7	7	7	7	7
Magnoria de Nazareth Magno	8	7	7	7	7
Elisete Batista Nogueira	6	4	4	4	4

Fonte: Quadro produzido com fundamento no Relatório do segundo semestre do Curso de Geografia e História da FCFSe

Depreende-se das informações acima, a aprovação de todas as alunas, tendo em vista que aquelas que obtivessem média igual ou superior a sete, não precisariam realizar o exame final. Fato curioso foi o que aconteceu com a aluna Elisete Batista Nogueira. Podemos observar nos quadros acima que a média das notas parciais dessa aluna resultou em 4,5 (quatro e meio), sendo sete (7) a sua primeira nota parcial e quatro (4) a segunda. Rezava no Regimento Interno da FCFSe, artigo 70, § 3º que “[...] Para o aluno cuja média nas provas parciais fôr de três a cinco, exclusive, o exame final⁴⁰ constará de prova escrita e oral [...]”, todavia a aluna foi apenas submetida a prova oral sobre todo o conteúdo programático dos dois semestres.⁴¹ Tendo realizado apenas a prova oral, o examinador atribuiu nota cinco (5) e essa foi convertida em média cinco (5). A discente foi promovida tendo em vista que no exame final seriam aprovados aqueles que obtivessem nota igual ou superior a cinco (5).

Inaugurado o quarto ano de funcionamento da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFSe), surge a novidade do implemento do Curso de Didática como condição para que os bacharéis se licenciassem. Juntamente com o Professor Felte Bezerra, a Professora Maria Thétis Nunes, referência na História da Educação

⁴⁰ Os exames finais eram feitos como condição para aqueles alunos que não tivessem atingido a média mínima de sete (7), resultante das duas notas parciais, realizarem prova oral, caso a média resultasse de cinco (5) a sete (7) ou, caso os valores fossem de três (3) a cinco (5), provas escrita e oral. Nas duas condições com todo o conteúdo cumulativo dos dois semestres.

⁴¹ Conforme páginas 129 e 263, respectivamente, do Regimento Interno da FCFSe.

Sergipana⁴², e o Professor Manuel Cabral Machado, passam a integrar a banca examinadora dos discentes matriculados na disciplina de Etnografia do Brasil.

A formatação da disciplina Etnografia do Brasil, como de todas as demais da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, continuaram cumprindo os mesmos ritos de uma tradição nacionalizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Mantiveram-se as reuniões com os docentes junto ao CTA para apresentação a cada semestre de seus programas. Decidiam-se datas e horários para as provas parciais, realizavam as etapas requisitos como as notas de estágios e a contabilização da frequência, ministravam-se as aulas e aplicavam-se os exames. Desta forma, Felte Bezerra foi construindo as concepções e formações etnográficas de formação e ensino nas alunas que tiveram sob a sua égide durante o período de 1953 a 1956.

Seria possível precisar os limites e condições dos métodos utilizados por Felte em suas aulas? O exercício da profissão docente no Ensino Superior Sergipano e as contribuições da disciplina Etnografia do Brasil são o que ficou de registro nos relatórios, atas e boletins apenas? Felte segue o seu desejo de ocupar espaços no universo intelectual da Antropologia. Ao assegurar um lugar na disciplina de Etnografia do Brasil, firma-se como professor e pesquisador. Está na áurea de sua produção, com o lançamento de *Etnias Sergipana*, o amadurecimento do antropólogo e agora professor.

Não se trata então de um falatório sobre raças e culturas; não é um simples dar de ombros a esse campo científico e acadêmico. A pesquisa passa a fazer parte da formação do próprio professor, como as empreendidas sobre os marronistas de Cedro de São João e Porto da Folha. Foi preciso então ficar atento ao que se esconde nas esquivas das ações oficializadas em documentos públicos. Trata-se de uma tentativa de superar uma história historicizante, reproduzindo como apontado as fontes oficiais e ações expressa e oficialmente reveladas. Apesar do suprimento ao “eu” da antropologia, a pretensão do historiador da educação é transitar pelo universo totalizante dos atos humanos.

Percebemos que o quadro até então apresentado foi revelador de uma condição estática da história da disciplina Etnografia do Brasil e do seu titular, mas a inteligibilidade deve nos conceder a compreensão do todo às partes. Não se pode negar o entorno social que conduziram os passos do homem Felte Bezerra à condição de

⁴² Jorge Carvalho do Nascimento (2003) em sua obra intitulada *Historiografia Educacional Sergipana* faz referência às contribuições da historiadora Maria Thétis Nunes para história da Educação Sergipana, citando que a mesma produziu dezessete trabalhos sobre o tema. (NASCIMENTO, 2003, p. 24)

Professor. O odonto-cirurgião que se descobriu professor, oriundo de uma família de poucos recursos, um casamento bem sucedido em termos de projeção social e finalmente o espaço acadêmico que lhe projetou as articulações com homens bem quistos sócio e financeiramente. A necessidade de se firmar no seio social sergipano foi construída por essa rede de sociabilidade que diz das várias facetas de Felte Bezerra.

Como antropólogo estabeleceu ainda, as trocas de cartas com diversas autoridades intelectuais do meio no Brasil e no Mundo⁴³. Assim, o outro polo de sustentação da sua projeção é o reconhecimento do outro, sobretudo, daqueles que ocupassem condição semelhante ou superior à sua. Essas iniciativas tonaram Felte Bezerra visível socialmente e com fronteiras que se ampliam e se solidificam muito mais pelos valores simbólicos e morais. Por outro lado, a nossa inquietação se firmou, nesse momento, pela análise de suas contribuições a disciplina Etnografia do Brasil.

O momento era oportuno pelas discussões travadas sobre as questões nacionais. A superação dos aspectos físicos e a quebra da dualidade com a Etnologia permitiu, modernamente, a construção de um discurso antropológico centrado muito mais na dimensão cultural. Observem-se abaixo os registros de Felte Bezerra em suas cadernetas:

⁴³ Sobre o estudo das cartas ver Dantas e Nunes no livro *Destinatários Felte Bezerra cartas a um antropólogo sergipano 1947-59 e 1973-85*.

**QUADRO 10 – REGISTRO DE MATÉRIA MINISTRADA POR FELTE
BEZERRA NO PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 1954 - DISCIPLINA-
ETNOGRAFIA DO BRASIL**

MÊS	DIA	ASSUNTO	ALUNAS
MARÇ O	09	Pré-historia brasileira. O homo lagosantensis. Os sambaquis.	Adelci Figueiredo Santos
	10	Arqueologia brasileira. Cerâmica marajoara e tapajó.	Isabel Amaral Barreto
	11	Arqueologia Brasileira. Cerâmica de cunani e narcacá. Sobre as origens da cerâmica da Amazônia.	Maria de Lourdes A. Fontes
	16	A “Clássica Cerâmica marajoara”. Análise estilística e comparativa da cerâmica amazonense. Posição atual da arqueologia brasileira.	Elisabete Batista Nogueira
	18	Estratigrafia arqueológica. Inscrições rupestres. Idólos líticos. Maracanguera	
	23	O índio brasileiro. Acervo documentário de missionários e exploratórios D’ Gibingue, Martins, Steni, Elvenreich	
	24	O índio brasileiro - Os trabalhos de campo de Steni até Roquete Pinto	
	25	Morfologia das culturas índias, saúde e dança. Saudação lacrimoniosa. Antropofagia. Moral indígena	
	30	Os Tupis - origens, movimentos migratórios, classificações, tipologia.	

MÊS	DIA	ASSUNTO	ALUNAS
ABRIL	06	Os tupis- cultura material: habitação. Vestuário e ornamentação	Adelci Figueiredo Santos
	07	Cultura material dos tupis: vida econômica	Isabel Amaral Barreto
	08	Cultura material dos tupis: vida econômica	Maria de Lourdes A. Fontes
	20	Organização social dos tupis: grupo local, estendede family, classes de idade.	Elisabete Batista Nogueira
	27	Organização social dos tupis. Os ritos de passagem. Família e Parentesco. A economia.	
	29	Técnica de guerra nos grupos (fins) tupis – cultura espiritual- slamacuis (Pagé) XXX sacrifício ao primitivo e	

MÊS	DIA	ASSUNTO	ALUNAS
		antropofagia Ritual.	
MAIO	04	Mitologia Tupi. Os heróis civilizadores: Ma ir- Mo nau, Sume, etc.- Bases da sua organização dual (Erhemeich)	Adelci Figueiredo Santos
	05	Os Aruac.Distribuição e classificação. Investigações de Stenin, Roquete, Rinet, x, x.	Isabel Amaral Barreto
	06	Os Aruac- Tipo físico. Cultura material: habitação. Vestuário. Ornamentos. Pintura. Alimentação. Economia.	Maria de Lourdes A. Fontes
	11	Os Aruac- Organização social e cultura espiritual	Elisabete Batista Nogueira
	19	Trabalho de estágio	
	25	Os Ge. Distribuição, miscigenação, classificação - tipo físico.	

MÊS	DIA	ASSUNTO	ALUNAS
JUNH O	01	Cultura espiritual e organização social dos Ge.	Adelci Figueiredo Santos
	02	Os caribe	Isabel Amaral Barreto
	03	Origens, tipo físico e cultura material em Borôro.	Maria de Lourdes A. Fontes
	08	Cultura espiritual e organização social dos BORÔRO	Elisabete Batista Nogueira
	09	Seminário	
	10	Seminário	

Fonte: Quadro construído com fundamento nos registros do Professor Felte Bezerra das cadernetas da disciplina Etnografia do Brasil – 3ª série do curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Acreditamos que em história das disciplinas acadêmicas, a prova deve ser inseparável da referência à fonte. Observe-se que ao inquirirmos os documentos oficializados pela Faculdade Católica de Filosofia, encontramos uma padronização quase que “robótica” de ações, fazendo com que o pesquisador despercebido acredite numa unidade de verdade sequencial, uma cronologia perfeita. Todavia, Felte foi, como os demais professores catedráticos da instituição em epígrafe, alguém que se adequou as regras do jogo. Afirmamos isso ao efetuarmos a operação comparativa das fontes. O programa oficial apresentado sempre nas reuniões do Conselho Técnico-Administrativo deveria ser cumprido na sua totalidade, depois de aprovado pela Congregação,

reiteramos. No entanto, observa-se que o Professor Felte fazia os ajustamentos de acordo com as suas premissas de interesse. Desta forma, não eram todos os conteúdos que ultrapassavam os muros da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe que eram transpostos didaticamente aos alunos, mas aqueles em que a Congregação e os respectivos docentes, julgassem necessários.

A padronização dos conhecimentos, da estrutura, das formas, dos modos, criou na academia acepções coercitiva de comportamentos. Os alunos passavam pelas mesmas etapas do estágio ao exame final. Cria-se uma unidade e respostas. Os alunos então concebem a acreditar nas reproduções dos pensamentos afiliados dos seus professores. No caso específico da Etnografia, a obra de Arthur Ramos (1947) foi a bíblia a ser seguida, tendo em vista que na temporalidade anunciada nesta narrativa, em todos os semestres suas acepções estiveram presentes.

Não fica claro nas fontes que tivemos acesso os critérios de pesquisa, fortemente desenvolvidos na Etnografia. Apesar de conhecermos a obrigatoriedade dos trabalhos de seminários, não identificamos qualquer registro sobre os resultados de pesquisa. A capacidade de a Etnografia adentrar em novos territórios, em novos campos, com cunho exclusivo de formação de pesquisadores parece não ser o objetivo do Professor Felte Bezerra. Aos futuros professores a capacidade de um olhar sobre o outro índio, negro; de conhecer os que ficaram à margem e que por outro lado são reveladores do nosso autoconhecimento, as nossas raízes. Cabia ao Professor Felte Bezerra não apenas fazê-los conhecer sobre os registros das culturas, mas de prepará-los para o exercício profissional futuro. Tudo isso a partir dos resultados dos trabalhos de campo, convertidos agora em manuais acadêmicos. Foi nesse ímpeto que se edificou a relação professor e alunas na disciplina em tese. Os conteúdos registrados no primeiro semestre como sempre, careciam de verificação e as práticas de exames continuaram com a aplicação das provas parciais.

Das cinquenta e quatro aulas (54) que deveriam ser dadas no primeiro semestre, o Professor Felte Bezerra ministrou cinquenta (50), tendo as alunas Isabel Amaral Barreto e Elisete Batista Nogueira, apenas duas (2) e cinco (5) faltas, respectivamente. Desta forma, um dos critérios para a prova parcial já havia sido atingida. Os pontos para a primeira prova parcial no primeiro semestre de 1954 foram os seguintes:

QUADRO 11 – RELAÇÃO DOS PONTOS PARA A PRIMEIRA PROVA PARCIAL – PRIMEIRO SEMESTRE DE 1954 – ETNOGRAFIA DO BRASIL

PONTOS	CONTEÚDOS
1º	Cultura material dos tupis – O homem de Lund; relações com o homem pré-histórico da América – Divisão dos caribe; tipo físico
2º	Cultura espiritual dos tupi. Estatrigrafia arqueológica- Divisão dos borôros; tipo físico.
3º	Organização social dos tupi – Inscrições rupestres do nosso ameríndio – Habitat, divisão e tipo físico dos aruac.
4º	O índio brasileiro – Cultura material dos borôro – Martius, Steinen, Ehrenreich, Garcia e as class. Indígenas.
5º	A moral indígena – Cultura espiritual dos borôros – O homem dos sambaquis.
6º	Cerâmica na arqueologia brasileira – Os caribo – A figura do pagé.
7º	Cultura material dos aruac – Os gê: - organização social e tipo físico. Organização atual dos nossos índios
8º	Cultura espiritual dos aruac – Os Gê: cultura espiritual – o grupo local
9º	Organização social dos aruac – A saudação lacrimoniosa – O grupo local
10º	Morfologia das culturas ameríndias do Brasil – Doenças dos nossos índios- Tribus representativas dos grandes grupos linguísticos do índio brasileiro.

Fonte: Quadro elaborado com fundamento no Relatório da Inspeção Federal da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – Primeiro semestre do ano de 1954. Pontos para primeira prova parcial apresentados pelo Professor Felte Bezerra no dia 16 de junho de 1954, página 299.

Como de praxe, o Professor Felte fez o sorteio de três do ponto para se tornarem quesitos da prova parcial de Etnografia do Brasil. O ponto 9º (Organização social do aruac; A saudação lacrimoniosas e a Arte e magia entre os Caribe. Observamos essa temática sendo tratada por Arthur Ramos (1947) em seu livro **Introdução à antropologia brasileira**, páginas de 129 a 168. Parece-nos que as influências de Ramos sobre as ações pedagógicas do Professor Felte Bezerra, ultrapassaram a sua condição de aluno do curso de odontologia, quando Ramos era o seu professor na cadeira de odontologia legal.

A instituição do capital cultural, em seu terceiro estado⁴⁴, aparentemente, contribuiu para as aspirações de Felte Bezerra durante a sua formação. A transmissão do

⁴⁴ Pierre Bourdieu separa o capital cultural em três estados: 1) o **estado incorporado** – referente ao trabalho realizado e ao tempo investido pelo sujeito para obter esse capital cultural. Essas disposições duráveis pertencem ao indivíduo e não podem ser passadas por procuração; 2) o **estado objetivado** – referente aos bens culturais aos quais o indivíduo tem acesso, como livros, quadros, dicionários, enciclopédias. Dessa forma os objetos culturais são objeto de uma apropriação material, que pressupõe a existência do capital econômico, o que delimita a sua ocorrência; 3) o **estado institucionalizado** –

capital cultural, além de assinalar para as desigualdades, legitima a transmissão da herança cultural. As ações em Etnografia do Brasil de Felte Bezerra, certamente, tem norte do seu professor.

Foi nessa dimensão que em suas aulas se fez circular as preleções antes explanadas por Arthur Ramos. Assim, as alunas devem ter ouvido sobre a ocupação dos Arauak em como a família linguística mais extensa do território brasileiro; que suas migrações foram complexas; que não possui um tipo físico com a correspondência ao mesmo tronco racial, não havendo unidade; que cultivaram a mandioca e foram peritos em cerâmica; que usavam uma cinta abdominal feita de cascas de árvores; que a mitologia lunar faziam-lhes acreditar na lua como mulher, rocha ou caverna; que em sua organização social se obedecia ao ciclo matrilinear, enfim, as elaborações de Arthur Ramos são agora reproduzidas nas aulas de Etnografia do Brasil enquanto disciplina da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, pelo seu professor catedrático Felte Bezerra.

Foram depois as suas alunas que partilharam da sua condição intelectual, passando a beber do seu capital cultural que, por vezes eram verificados como o feito no dia 16 de junho de 1954 quando da aplicação da primeira prova parcial do primeiro semestre, obtiveram os seguintes resultados.

QUADRO 12- BOLETIM DA PRIMEIRA PROVA PARCIAL DE ETNOGRAFIA DO BRASIL DE 1954

Disciplina	Semestre/ Ano	Alunas	Examinador 1º	Examinador 2º	Examinador 3º	Média
Etnografia do Brasil	1º/1954	Adelci Figueiredo	7	7	7	7
		Isabel Amaral Barreto	8,5	8,5	8,5	8,5
		Maria de Lourdes Araújo Fontes	10	10	10	10

Fonte: Quadro produzido com fundamento no boletim da primeira prova parcial de Etnografia do Brasil da 3ª série do Curso de Geografia e História da FCFSe.

referente aos produtos desse capital cultural materializado em certificados, diplomas, que “provam” materialmente o pertencimento de tal capital. (BOURDIEU, 1998, p. 59 e seguintes).

A necessidade de se fazer presente às aulas restou demonstrada no mapa de controle de frequência das alunas, resultando apenas em duas ausências da aluna Isabel Amaral Barreto, tendo as duas demais que realizaram a primeira prova parcial, frequência de 100% às aulas. Isso significou estar presente nas cinquenta aulas ministradas pelo Professor Felte Bezerra, embora esse tivesse como obrigação uma carga horária de 54 aulas.

Nos semestres que se seguiram chamaram a nossa atenção como o fato da aluna Elisete Batista Nogueira constar na matrícula dos dois semestres de 1954, quando, como anunciada anteriormente, havia sido aprovada de forma alienígena ao Regimento Interno. Durante os primeiro e segundo semestres de 1954, apesar de constarem suas notas de estágio e seus registros de frequência às aulas, não restaram registradas as suas notas na disciplina. Não conseguimos identificar as razões para tal fato.

Fora desse registro, as análises dos documentos administrativos parecem descrever uma “metrópole inerte”, no dizer de Febvre (1953) em conferência intitulada “Viver a história”, quando dizia aos jovens historiadores que eles não deveriam se contentar “[...] em olhar da praia, preguiçosamente, o que se passa no mar agitado.”

As posições estáticas descritas em relatórios não dizem das confluências e conflitos em busca da ocupação e manutenção de espaços. O movimento de professores que tinham ausências no trabalho, que confabulavam as mesmas notas quando dos exames, que se valiam das posições intelectuais para difundirem suas crenças e valores. No nosso caso o campo privilegiado foi o da disciplina acadêmica. As alunas foram aprovadas no segundo semestre de 1954.

As matrículas começam a diminuir no curso de Geografia e História, registrando no primeiro semestre de 1955 apenas duas alunas. Possidônia Maria da Rocha Santos e Maria da Glória Monteiro, foram discentes que tiveram também, sucesso nos resultados das provas parciais. Não havia nada de novo debaixo do sol. Fato interessante está no programa apresentado pelo Professor Felte Bezerra, *in fine*, quando expandi as suas referências indispensáveis, indicando além do sempre Arthur Ramos, constaram Herbert Beldus, Emília Williams e Roquete Pinto. Todavia, o programa copiado da Faculdade de Filosofia do Brasil segue determinando os temas e conteúdos a serem trabalhados, pouco ou nada se mudando na disciplina de Etnografia do Brasil, conforme quadro abaixo.

**QUADRO 13 – PROGRAMA DA DISCIPLINA ETNOGRAFIA DO BRASIL -
1955**

Disciplina Etnografia do Brasil- Profº Felte Bezerra- Ano/Período 1955- 1º Período
Conteúdos
Posição do <u>homo brasillensis</u> na pesquisa do <u>homo americanos</u> – O homem primitivo no Brasil
Arqueologia brasileira. – cerâmica amazônica. Tabaquis. Meunds. Incrições rupestres. Ídolos líticos. Estratografia arqueológicas
O índio brasileiro. Classificação e distribuição geográfica; Morfologia das culturas índias
Os tupi (Distribuição espacial, origens, migrações. Organização social. Configuração cultural
Os aruac
Os gê e os caribo
Os boróros . os nambiquaras. Outro grupos.
Os negros na América. Nos Estados Unidos, em Cuba, em Haiti, no Guiné Holandesa
O africano no Brasil. O método histórico. A etnologia comparada de Nina Rodrigues
Acultura xintu yarube. Contribuições da cultura gêge e fantiaashanti
Negros Islamizados malés; guerras santas; movimentos contraculturativos
A cultura bântu
Etno-sociologia do negro brasileiro
Estoques áureo-asiáticos. – O português
Espanhóis e italianos. Alemães e holandeses.
Eslavos. Judeus. Sírio-libaneses. Outros grupos.
O japonês
Mestiçagem e aculturação no Brasil.

Fonte: Quadro produzido com fundamento no Programa de Etnografia do Brasil, apresentado pelo Professor Felte Bezerra no dia 6 de março de 1955 à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Observa-se que a inércia do Programa é da mesma ordem que a calcificação dos aspectos gerais da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Aparentemente, o tempo parece não ter se encarregado de, ao menos, fazer envelhecer a “carne” dos homens e dos monumentos acadêmicos. Todos os itens de informação sobre a FCFSe foram copiados deliberadamente de semestre a semestre, dos anos de 1953 a 1956.

Poucas pretensões restaram ao Professor Felte Bezerra, que pouco depois, já em 1960, desenha as novas veredas da sua trajetória para a “Cidade Maravilhosa”. As cadernetas parecem revelar o desabono pela profissão docente. Desânimo nos registros

ou na ausência deles no final do semestre. As cadernetas são reveladoras do registro representativo dos conhecimentos transmitidos no “chão” da sala de aula, conforme consta abaixo.

QUADRO 14 – REGISTRO DOS CONTEÚDOS DAS CADERNETAS DO PRIMEIRO E SEGUNDOS SEMESTES - ETNOGRAFIA DO BRASIL- 1956 – 3ª SÉRIE

ALUNA	ESTER ALMEIDA VALADARES	
MÊS	DIAS	ASSUNTO
MARÇO	12	As pesquisas do (?) homo primigenius no Brasil, em correlação com o homo americanos
	14	Arqueologia brasileira: cerâmica amazônica. Interpretação
	16	Cerâmica de marajó, (santarém), Maracá e cunani
	18	A aluna não compareceu
	21	Estratigrafia arqueológica marajoara (casal meggers) - (muraquitaão). Ídolos líticos. Miracanguera. (Insenções) rupestres.
	23	Introdução do estudo do índio brasileiro.

MÊS	DIAS	ASSUNTO
ABRIL	4	Os Tupi. Origens, distribuição, classificação.
	6	Os Tupi. Organização social.o grupo local. Classes de idade. Parentesco e matrimônio.
	9	Sem aluno
	11	Cultura material Tupi. Alimentação, vestuário. Significado sociológico das guerras entre os Tupi.
	13	A figura do pajé (shamane?) . mitologia tupinambá: Ritos ; dualismo
	16	Sem aluno
	18	Antropologia ritual entre os Tupi. O depoimento de Haus Stadeu e os povos circunstanciais. Ritos de passagem entre o Tupi
	20	Aula de seminário
	23	Os Gê. Origens. Distribuição. Localização. O tipo físico de Botucudo classificação.
	25	Os Ge. Economia e cultural material.

MÊS	Ñ registrou	Os Gê. Cultura material. Mitologia.
MAIO	Ñ registrou	Os Ge. Ritos de passagem. Organização social
	Ñ registrou	Os Aruac. Origens. Migração. Problemas ligados a esses povos.
	Ñ registrou	Os Aruac. Vida e economia. Habitação. Organização social. Mitologia do milho e da mandioca.
	Ñ registrou	Trabalho de estágio
	Ñ registrou	Conferência do centro acadêmico
	Ñ registrou	Os Caribe. os estudos de Steinen sôhe o Bacairi?
	Ñ registrou	Os Borôro. Do material colhido por Steinen (?), Levi Strauss

MÊS	Ñ registrou	O negro no novo mundo. Aspecto histórico
JUNHO	Ñ registrou	O negro no novo mundo. Aspecto etno-sociológico.
	Ñ registrou	O negro nos Estados Unidos.
	Ñ registrou	Culturas negras no Haiti, em Cuba, na Guiana holandesa
	Ñ registrou	A aluna não compareceu.
	Ñ registrou	A aluna não compareceu

MÊS	Ñ registrou	O negro no novo mundo. Aspecto histórico
AGOSTO	Ñ registrou	O negro no novo mundo. Aspecto etno-sociológico.
	Ñ registrou	O negro nos Estados Unidos.
	Ñ registrou	Culturas negras no Haiti, em Cuba, na Guiana holandesa
	Ñ registrou	A aluna não compareceu.
	Ñ registrou	A aluna não compareceu

MÊS	Ñ registrou	O negro no Brasil. A escola de Nina Rodrigues
SETEMBRO	Ñ registrou	Etno-sociologia do negro brasileiro.
	Ñ registrou	Cultura nagô gêge e sua sobrevivência no Brasil.
	Ñ registrou	Cultura fanti-ashauti e suas sobrevivências no Brasil.
	Ñ registrou	Cultura islamizada E suas sobrevivências no Brasil. A guerra santa dos malês
	Ñ registrou	A cultura bântu e suas sobrevivências no Brasil
	Ñ registrou	Aula de seminário.

MESES	Ñ registrou	Origens étnicas do povo português. O homem de Muge. O melting-pot da península ibérica
OUTUBRO E NOVEMBRO	Ñ registrou	O português que povoou o Brasil. Seu tipo antropológico.
	Ñ registrou	O português que povoa o Brasil. Os trabalhos de Gilberto Freire, (?) viana, e Sérgio Buarque de Holanda
	Ñ registrou	Participação dos elementos Espanhol e Francês na formação do brasileiro. Discussão.
	Ñ registrou	Participação do elemento italiano na formação do brasileiro
	Ñ registrou	Participação do elemento germânico na formação do povo brasileiro.
	Ñ registrou	Trabalho de estágio.
	Ñ registrou	O Judeu. O Japonês. O sírio- Libanês Reflexo na formação do brasileiro.
	Ñ registrou	Participação do elemento eslavo no Brasil.

Fonte: Quadro produzido com fundamento nas cadernetas da disciplina Etnografia do Brasil sob a titularidade do Professor Felte Bezerra durante os dois semestres do ano de 1956 – FCFSe

Foi possível perceber as tormentas se assentando sobre uma cronologia que parecia perfeita, conduzida pelo ordenamento estático, enquadrado e plácido, que se dava em volta da disciplina de Etnografia do Brasil, ser abruptamente, rompido pela agitação das oscilações dos atos que compõe a vida. O Regimento Interno cai por terra e o titular da disciplina passa a não registrar os conteúdos e tampouco cumprir a totalidade da exigência do programa.

Da inserção da Etnografia do Brasil na terceira série até a derrocada do Professor Felte Bezerra, seja por suas pretensões fora do universo acadêmico, seja por deliberação da administração da FCFSe, os fatos se compuseram para encadear-se no mosaico da História da Disciplina Acadêmica em Sergipe. Assim a temporalidade de Felte Bezerra no ensino superior em Sergipe fechou essa marca dos três últimos anos em Etnografia do Brasil.

O desafio lançado ao pesquisador da história da educação em construir a História de uma disciplina acadêmica sem balizar-se em modelos precedentes ou, em categorias ou conceitos que definam esse termo, constitui-se uma dificuldade primária de construção da narrativa. Primeiro pela ausência de um estrutura teórica que subsidie os acontecimentos; Segundo, a operação hermenêutica se assemelha a decisões tomadas em uma ilha inócua, o que em muito impossibilita a construção em síntese dos fatos.

Diferente das disciplinas escolares onde os ícones desta linha de análise já esgotaram pesquisas e modelos, a História das disciplinas acadêmicas necessita de

ampla circulação. É inegável que ambas trabalham com o conhecimento acampado numa matriz curricular. Trata-se de um conhecimento de bases epistemológicas, mas que na História não descarta qualquer outro conhecimento que o cerca, como aqueles do cotidiano. Neste sentido, ao catalogarmos as fontes que poderiam construir essa história, pensamos em, necessariamente, abordar as veredas de passagem do conhecimento produzido para o conhecimento ensinado. Assim, a necessidade de contar uma breve trajetória da Etnografia (ciência) para Etnografia do Brasil (Disciplina Acadêmica).

Restou-nos claro o perigo que incorre o historiador da educação em sair da dimensão do campo e incorrer na história da ciência, mas não há necessidade do regresso *ad infinitum*, mas de uma pincelada nas origens, não negando as contribuições anteriores. Douta forma, incorremos em outro risco de associar imbricadamente as contribuições do homem/professor com as formatações da disciplina. Esta é uma associação possível, por ser uma relação simbiótica e estruturada do homem como ser e agente da história; objeto e construtor dos fatos.

A passagem pelos campos da autobiografia, da história de uma vida estabelecida entre tantas outras vidas, como a de suas alunas, de seus pares, de seus familiares, corroboram o registro de fatos que tatuam as singularidades no todo. O fato não pode se desvencilhar da narrativa da vida.. Devemos lembrar que a história é configurada, dependente do lugar de onde se escreve e de quem a escreve; dos seus interesses e do interesse da rede de inteligibilidade envolvia. Nesses interstícios surgem as questões nada desinteressadas. Optamos por formulações que pudessem colaborar com a construção dos fatos da História da Disciplina Etnografia do Brasil, visando os vestígios que poderiam nos permitir as respostas, como a utilização exaustiva dos Relatórios da Inspeção Federal da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. “Sempre que formula uma questão, o historiador já tem em mente uma ideia preliminar, cuja verificação pode ser tentada a partir do documento que ele será capaz de utilizar (COLINGWOOD, 1986, P. 281).

Na condução de Febvre (1953) em que tudo é documento para História, idealizamos falar das práticas pautados nos depoimentos de ex-alunas, nesse segundo capítulo, o que restou prejudicado, tendo em vista as inúmeras tentativas e as dificuldades em encontrar alguém com vida e disponível para o ato. Não poderíamos incorrer no universo da divagação sem o ato probado do fato. A história precisa ser comprovada ou ao menos verificada como afirma Bloch

[...] Com efeito, fora dos lances livres da fantasia, uma afirmação só tem o direito de existir com a condição de poder ser verificada; e cabe ao historiador, no caso de utilizar um documento, indicar, o mais brevemente possível, sua proveniência, ou seja, o meio de encontra-lo equivale, propriamente falando, a se submeter a uma regra universal de probidade. (BLOCH, 1960, p. 40).

Com a possibilidade de comprovação montamos nosso plano de análise e escrita. É inegável que os elementos utilizados por Viñao Frago (2008) para composição de sua análise de uma disciplina escolar, serviu-nos pelos mesmo vieses. Assim como na dimensão escolar, a disciplina de Etnografia do Brasil tem elementos que lhes são intrínsecos, senão vejamos:

Conteúdos

Durante os três anos a disciplina obedeceu um programa de conteúdos copiado da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. De posse dos relatórios e atas, tivemos acesso sem dificuldade a esses elementos. Para além disso, Felte Bezerra era obrigado a cada semestre a apresentar uma relação de pontos que fundamentariam as provas parciais;

Qualificação do Professor

A autobiografia trouxe os percursos de formação de Felte Bezerra. Odontocirurgião, Professor e autodidata em Antropologia; Pesquisador, Escritor, Bancário, dentre outras, formam os estágios dos capitais necessários a intervenção na formação de outrem por transposição didática e transmissão de herança cultural.

Os exames, provas, trabalhos de estágio e pesquisa

Desde o Regimento Interno até os boletins onde constavam as notas das alunas, tudo foi construído de forma mecanizada e resguardado nos acervos da FCFSe. As interpretações e questionamentos sobre essas fontes permitiu-nos analisar a posição do docente, da disciplina e da instituição sobre os interesse de incorporação daqueles conteúdos eleitos a serem apreendidos pelos futuros professores.

As cadernetas

Dos elementos talvez a que tivesse a possibilidade de maior compreensão de falar das práticas, mas necessitaria de contraposição do que não restou alunas e, como já anunciado, não tivemos a possibilidade do entorno da história oral. Todavia, lá estão os registro por dia do que aparente ou realmente era fruto das discussões ou das imposições do conhecimento formalizado em sala de aula. Além disso, observa-se o

movimento de frequência de alunos e professores, a negação dos registros, as lacunas da história.

Desta forma, essa análise , deste último capítulo, nos apontou para uma possível discussão ulterior de como balizar a construção da narrativa da História de uma disciplina acadêmica. Restou-nos observar que as intenções não ficaram claras entre homem/professor – instituição/disciplina. Parecem se servir mutuamente desse jogo de desejos de ocupação de espaços e prevalência de forças, marcadas pela doce e bela condição do conhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe das apologias que caracterizam as biografias políticas, as histórias de vida de professores em Sergipe contribuem, em vida e em morte, para consolidação da história educacional sergipana, superando o eixo imóvel das linearidades, numa disposição cronológica perfeita. O Núcleo de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe (NPGED), rompendo as tradições de veio conservador de pensamento, fez surgir em 1994, sob os ensinamentos e orientações de Jorge Carvalho do Nascimento, a primeira dissertação de mestrado que tratava da história de vida do professor sergipano Nunes Mendonça, de autoria de Josefa Eliana Souza.

Embora a autora não classifique o seu texto como sendo de veio biográfico, ousamos identificar elementos que assim o caracterize. As narrativas biográficas não ficam presas à dimensão limítrofe dos grandes fatos realizados pelo sujeito, vai-se pela intimidade, pela individualidade, vem-se pela relação indivíduo/sociedade, presentes por toda a sua escritura e nessa caleidoscópica figura as contribuições de homens no seu tempo e para além dele, quando se tornam ensinamentos e objetos, para pesquisadores da sociedade sergipana e nacional.

Não obstante o seu orientador Jorge Carvalho do Nascimento já havia, ousadamente, rompido com as tradições, permitindo-nos enxergar em objetos microscópicos, individualizados, sob a poeira do esquecimento e da baixa relevância, os alçamentos às condições dos preceitos heurísticos da Nova História Cultural. Os ensinamentos e métodos de elaboração de estudos biográficos, foram consolidados também nas escritas de Nascimento (2007), com um livro que nos orientou, condensando a História de Vida de personagens relevantes para a História da Educação e a História de Sergipe e do Brasil.⁴⁵

Essas foram as motivações que sustentaram a nossa forma de trazer o Professor Sergipano Félte Bezerra e, no desafio de seguir os nossos mestres, o cuidado para não reviver o afã das apologias e tentar a construção de uma escritura histórica. Também se configurou em minha memória uma dimensão metafórica de um Menocchio⁴⁶ moderno, de onde não se desenhava as condições propícias de um grande cabedal cultural pela

⁴⁵ Cf. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Intelectuais da Educação:** Sílvia Romero. José Calasans e outros Professores. – Maceió: EDUFAL, 2007

⁴⁶ Cf. GINBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição- São Paulo:Companhia das letras, 2006

estratificação social que esteve inserido, por toda a sua configuração de vida, formar-se-ia um intelectual e conhecedor das trilhas das ciências antropológicas.

Quisemos identificar as contribuições para o cenário do ensino superior em Sergipe e não entendemos ser possível esquadrihar o homem, factualmente, em fragmentos de funcionalidade social em separado. A hipótese se confirma nas interferências interdependentes de todos as frações de vida do ser em si. Quando promovemos uma releitura da escrita autobiográfica do Professor Felte Bezerra e, *pari passu*, promovemos as críticas pelo fundamento analítico de outras fontes, sobretudo das memórias e dos impressos, tomamos a decisão de tirá-lo da cápsula pura e simples do sergipano, antropólogo que escreveu e se consagrou por “Etnias Sergipana”, que por si só, já daria relevância de suas fortes contribuições para formação científica e cultural do nosso e de outros estados, para vê-lo na dimensão de homem/pai/filho/professor...

Nesse sentido, a historicização do objeto não restou imbricada apenas às suas “grandes” realizações, mas para além delas, os traços que revelaram o indivíduo em si. Observe-se que, embora não tenha sido condenado por heresia, como Menocchio, sofreu condenações profundas contra a sua moral. Josefa Eliana Souza já apontara para o desafeto Nunes Mendonça, travestido de “Baepeba”, ter dado o tom das mais profundas depreciações acusatórias.

O afastamento da condição de gerente do Banco Rezende Leite, por 17 anos, pela atitude do seu cunhado Walter Rezende, passaram de longe dos motivos que lançaram Felte Bezerra a forte infelicidade da mudança para o Rio de Janeiro, em fevereiro de 1960. O peso e o desgosto de tudo o que fez Nunes Mendonça contra a reputação e a sua vida intelectual de Felte, foi, sem dúvida, o grande fato.

Todavia, todos esses fatos não obstruíram a condição contributiva de Felte Bezerra para um traço relevante e específico da História da Educação Superior em Sergipe. As raízes da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe encontraram profundas contribuições intelectuais do biografado. Não obstante, a corrente da Antropologia Cultural tem nesse intelectual um grande representante sergipano no cenário nacional. Comparado a Franz Boas e reconhecido por antropólogos renomados, como por exemplo Gilberto Freire que não só o legitima como cita sua obra “Etnias Sergipanas” em um dos seus livros, Felte Bezerra marca a história da formação das primeiras turmas de professores de Geografia e História de Sergipe, pelo veio dos seus ensinamentos.

Conhecedor profundo dos programas que compunham o quadro dos currículos da Faculdade Nacional de Filosofia, transitou no cenário da docência superior com

competência de quem muito conhecia sobre a sua área de atuação. Estudá-lo foi a oportunidade de vê-lo na transmissão de seu capital pela incisiva penetração nas rodas discursivas da cultura humana “[...] como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico [...]” (GINZBURG, 1987, p. 27).

Toda conjuntura presentes no aspecto do “eu”, foram referendadas pelas percepções de contextos maiores como as conjunturas educacionais superiores na década de 1950, as perspectivas de formação instituídas pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o ensino e compreensão de antropologia na mesma década. Neste sentido, entender os motivos da ruptura de domicílio, os espaços conquistados, as redes de figurações, as fugas e os silêncios, os desencantamentos e os desafetos, dentre outros, foram dimensões para além dos seus ombros. Verdadeiras janelas que permitem enxergar os veios e fluxos sociais sergipanos.

Olhar para Felte Bezerra, foi retomar as condições de (des)valorização do magistérios secundário e superior, que desde seu pai Abdias Bezerra, observara-se que as políticas de remuneração de professores não mudaram no seu período; da mesma forma as condições em Sergipe de acesso e permanência no ensino superior, tendo apenas nas faculdades de Estados vizinhos a possibilidade de acesso, mas para jovens de famílias abastadas.

As janelas também se abriram para a circulação das temáticas na imprensa sergipana, tendo nos jornais a força expressiva de posicionamentos, denúncias, notícias as mais variadas, postagem de matérias e eventos de grande importância social, científica e cultural. Também pela história de uma vida, as várias vidas. O casamento, a morte, as relações familiares, a dor, as conquistas, os amigos, o pai, o profissional, a solidão, o arrependimento, enfim, as várias condições, sensações e sentimentos que transitam na órbita do ser e daqueles que estão no seu entorno.

Doutra forma, vê-lo na dimensão da sua década áurea entre 1949 e 1959, declarada a escolha por seu punho em sua autobiografia, foi analisá-lo nos espaços sergipanos que muito frequentou. Os concursos, o comércio, a cultura, a música, as associações, o ensino e tudo mais não fogem da dimensão do homem e de sua trajetória.

Do dito ao feito se registrou, por fim, seu legado, longe do cenário santificado e diabolizado, as obras de Felte tem repercussões científicas e de contributivas formação. Deixou a força de um pesquisador que mergulhou na alma das origens raciais e culturais do nosso povo e não contente, continuou tratando das teorias antropológicas. Assim, cada homem ao seu tempo, vai se inserindo na História, muito mais pelas suas

relevâncias que pelo julgamento psicológico de alguns “santificados” que tentam se edificar pelo detrimento alheio.

Longe da eficiência linear de sua autobiografia, da morte ao túmulo, os contrapontos, as variações comuns nele e em qualquer homem, foram capazes de superar as predestinações professadas pelos contemporâneos sobre a herança do seu pai. Foi a superação da lógica razoável do destino. Assim, nada está na ordem do “efeito à causa”, o olhar para Felte Bezerra, foi uma ruptura com a cápsula da sua vida para estabelecer-se nos princípios da biografia moderna do “eu” para o “eu” /sociedade. Sem a composição de herói, deixemos os ensinamentos do Professor Felte Bezerra, revisitar as nossas lentes. Assim, este estudo apenas abre as inúmeras possibilidades de tomá-lo como objeto por diversos ângulos e por outras lentes de suas inúmeras contribuições para ciências e para vida, defendendo as possibilidades de uso das histórias de vida como dimensões metodológicas de pesquisa que em muito servem aos estatutos das inteligibilidades da História da Educação Sergipana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **As formas de esquecimentos**. Tradução de Ernesto Sampaio, Lisboa: Iman edições, 1998, p. 27 e 106.

BENJAMIM, W. **O narrador**. Madri: Taurus, 1996, p. 37.

BEZERRA, Felte. **África Subsaariana**, ontem e hoje. Recife: Avellar, 1988.

_____. **Análises Antropológicas**: estudo teórico. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

_____. **Antropologia Sociocultural**. Brasília: Coordenada, 1973.

_____. **Aspectos Antropológicos do Simbolismo**. Rio de Janeiro:1983.

_____. **Etnias Sergipanas**, contribuição ao seu estudo. Aracaju, Regina. 1950

_____. **Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe**. Rio de Janeiro: Simões, 1952^a.

_____. **Notícias de minha vida** (anotações autobiográficas) Manuscrito de propriedade particular. Cópia digital no MUHSE/UFS, Aracaju. Medeiros, 1988.

_____. **Problemas e Perspectivas em Antropologia**. Aracaju, 1987.

_____. **Problemas de Antropologia**- do estruturalismo de Lévi- Strauss. Rio de Janeiro. Ouvidor. 1976.

BORGES, Jorge Luís. “Funes, o memorioso”. **In: Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.

BOURDIEU, P. **Capital cultural, escola e espaço social**. México: Siglo Veinteuno, 1997, p. 86

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 59 e seguintes.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. ‘ **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**’; tradução André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2002.

BORGES, Jorge Luís. “Funes, o memorioso. **In: Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 69-70.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**; tradução: Sérgio Góes de Paula.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

CHENÉ, Adele. A narrativa da formação e a narração de formadores. In: NÓVOA; FINGER (org.) **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da saúde, 1988, p. 116.

COLINGWOOD, R.G. **As ideias em história**. Oxford: Claredon Press, 1946, p.281

DANTAS, Beatriz Góis. **O ensino da Antropologia em Sergipe**. Trabalho apresentado na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo, abril de 1982. (mimeo).

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (orgs.) **Destinatário: Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra e a fase Heróica da Antropologia em Sergipe: 1950-59. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/ Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. – Vol.1, n.1, p.227-255, dez.2009.

DILTHEY, W. **A edificação do Mundo histórico das ciências do espírito**. Paris: Éd. Du Cerf. 1988, p. 38

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais.
1953

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais.
1954

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais.
1955

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais.
1956

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino da
disciplina Etnografia do Brasil. Relatórios Semestrais, 1953-1956.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da 29^a reunião do
Conselho Técnico Administrativo da FAFI. Aracaju, 13 de fevereiro de 1960. Arquivo
Central da UFS.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA,
Antônio; FINGER, Mathias (org.) **O método (auto) biográfico e a formação**. - Natal,
RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FEBVRE, L. **Combates pela História**. Paris: Armand Colin, 1953, p. 428

FEBVRE, L. Viver a história (1953) In: FEBVRE, L. **Combates pela história**. Editora
Presença, Rio de Janeiro, 1977, p. 52)

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**; tradução: Fanny Wrobel. - Rio de
Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a Antropologia**; tradução: Vera Ribeiro.- Rio de
Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro
perseguido pela inquisição**- São Paulo: Companhia das letras, 2006

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**; tradução: Jefferson Luiz Camargo.- São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 354.

LE GOFF, Jacques. História. In: _____ **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171.

LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe**. Aracaju: Secretaria da Educação e Cultura/ Subsecretaria de Cultura e Arte, 1984.

MACHADO DE ASSIS, José Maria. O jornal e o livro. In:_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro:Nova Aguilar, 2006.

_____. A reforma pelo jornal. In:_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

MORLEY, Helena. **Minha vida de Menina**; ilustração Lúcia Brandão- São Paulo: Cpmpanhia das Letras, 1998.

NASCIMENTO, Jorge carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana**: uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED, 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do.**Intelectuais da Educação**: Sílvia Romero, José Calasans e outros professores- Maceió: EDUFAL, 2007.133p.

NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo (10), dez. de 1993, p. 9

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação-** Bragança Paulista, SP:EDUSF,2000.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe.**Rio de Janeiro: Paz e Terra, Aracaju, Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Sergipe/ UFS, 1984.

NUNES, Maria Thétis. **Professor Felte Bezerra.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju:n. 31, p.199-200, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

PRIORE, Mary Del. **Condessa de Barral :A paixão do imperador.** Rio de Janeiro-Objetiva, 2008.

RAMOS, Arthur. **Introdução a Antropologia Brasileira.** 3.ed. Rio de Janeiro: Casa doEstudante, 1961[1943-1947]

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, nº 19, p. 3, 1997.

SENNETT, Rochard. **Declínio do homem público.** São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano.** São Cristóvão:Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira** ou as Aventuras e Desventuras do Criador e da Criatura. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. “ **A história das disciplinas escolares**”. In: Revista Brasileira de História da Educação: Trad.Marina Fernandes Braga.nº 18, set\dez.2008 a. p.

JORNAIS DE SERGIPE

- O Nordeste. Aracaju, 1950; 1959

- A cruzada, Aracaju, 1959

- Sergipe Jornal. Aracaju, 1951

ENTREVISTAS

- Gélío Albuquerque Bezerra. Entrevista concedida em 17.12.2012.

- Suzana Bezerra. Entrevista concedida em 14.02.2013.

ANEXOS



FELTE BEZERRA

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

Curso de Geografia e História
 Professor Dr. Felte Bezerra
 Série 3ª Disciplina Etnografia do Brasil Mês MAIO/56

RECOMENDA-SE AOS SNRS. PROFESSORES:

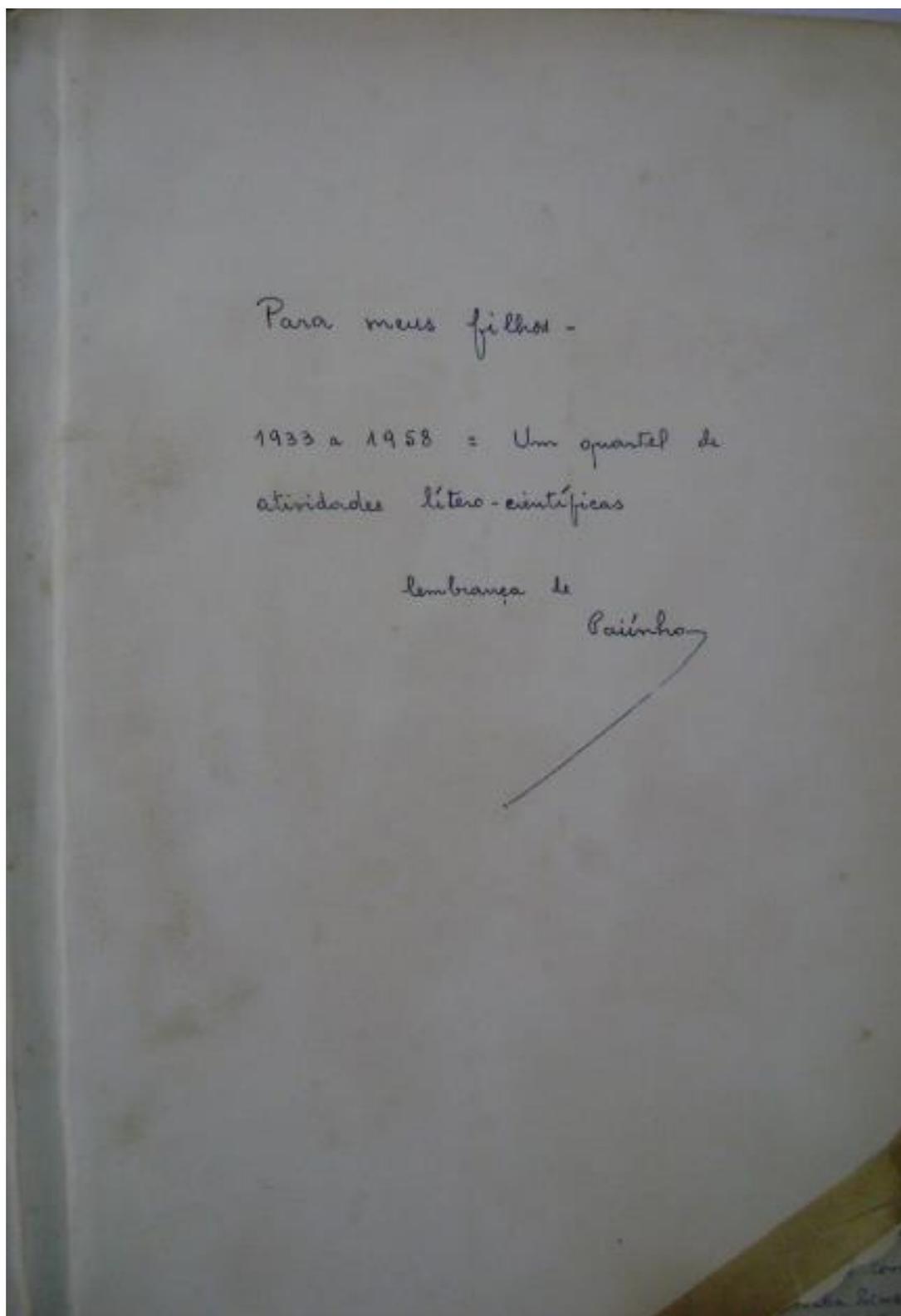
- 1.º) — Marcar cada dia de aula a data na parte superior da coluna de chamada.
- 2.º) — Indicar as faltas com a letra "f" deixando em branco "presenças".
- 3.º) — Chegando um aluno atrasado nos 5 primeiros minutos, poderá inutilizar o "f" com risco /.

MATÉRIA EXPLICADA

DIA	Ponto n.	Assunto	Professor
		Os gê. cultura material. Mitologia	<input type="checkbox"/> Professor
		Os gê. Ritos de Papsajan. Organização social	<input type="checkbox"/> Professor Felte Bezerra
		Os anac. Cuijuns. Migrações. Problemas ligados a estes povos	<input type="checkbox"/> Professor Felte Bezerra
		Os anac. Vida econômica. Habilidades. Organização social. Mitologia do milho e da mandioca	<input type="checkbox"/> Professor Felte Bezerra
		Trabalhos de estágio	<input type="checkbox"/> Professor Felte Bezerra
		Conferência do Centro Acadêmico.	<input type="checkbox"/> Professor Felte Bezerra
		Os Caribe. Os estudos de Steiner sobre o Bacairi	<input type="checkbox"/> Professor Felte Bezerra

(1) — Assinatura do professor aposta ao resumo da matéria explicada servirá também como assinatura de ponto para a contagem das aulas dadas.

(Continua na 4.ª página)



CONTRACAPA DA AUTOBIOGRAFIA DE FELTE BEZERRA - 1988